

Antologia de CONTOS do Ensino Fundamental



Secretaria Municipal de Educação de São Paulo



PREFEITURA DA CIDADE DE SÃO PAULO

Ricardo Nunes

Prefeito

SECRETÁRIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO - SME

Fernando Padula

Secretário Municipal de Educação

Malde Maria Vilas Bôas

Secretária Executiva Municipal

Bruno Lopes Correia

Secretário Adjunto de Educação

Omar Cassim Neto

Chefe de Gabinete

Sueli Mondini

Chefe da Assessoria de Articulação
das Diretorias Regionais de Educação – DRE

Secretaria Municipal de Educação de São Paulo

Antologia de
CONTOS
do Ensino Fundamental

São Paulo | 2022



Qualquer parte desta publicação poderá ser compartilhada (cópia e redistribuição do material em qualquer suporte ou formato) e adaptada (remix, transformação e criação a partir do material para fins não comerciais), desde que seja atribuído crédito apropriadamente, indicando quais mudanças foram feitas na obra. Direitos de imagem, de privacidade ou direitos morais podem limitar o uso do material, pois necessitam de autorizações para o uso pretendido.

A Secretaria Municipal de Educação de São Paulo recorre a diversos meios para localizar os detentores de direitos autorais a fim de solicitar autorização para publicação de conteúdo intelectual de terceiros, de forma a cumprir a legislação vigente. Caso tenha ocorrido equívoco ou inadequação na atribuição de autoria de alguma obra citada neste documento, a SME se compromete a publicar as devidas alterações tão logo seja possível.

Consulte: educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br

COORDENADORIA PEDAGÓGICA - COPED

Simone Aparecida Machado - Coordenadora

**DIVISÃO DE ENSINO FUNDAMENTAL
E MÉDIO - DIFEM**

Tatiane Aparecida Dian Hermanek - Diretora

**EQUIPE TÉCNICA DE ALFABETIZAÇÃO -
DIFEM**

Rosana Carla de Oliveira

Rosângela Ferreira de Souza Queiroz

Shirlei Nadaluti Monteiro

**EQUIPE TÉCNICA DE LÍNGUA PORTUGUESA
- DIFEM**

Bruno Carvalho da Silva Barros

Giulia Donatelli Baena - Estagiária

Sandra Salavandro Rodrigues

Thiago Moreira Correa - Assessoria Pedagógica
de Língua Portuguesa

**EQUIPE TÉCNICA DE FORMADORES DE
LÍNGUA PORTUGUESA E ALFABETIZAÇÃO**

DRE Butantã

Simone Silvério Prado

Tathiane Graziela Hamada Cipullo

DRE Campo Limpo

Cecília Regina Carlini Ferreira Coelho

Cleomar de Souza Lima

Daniele Martins Mônaco

DRE Capela do Socorro

França Helena Amandio Berton

Sarah Naranjo Curti Viana

DRE Freguesia/Brasilândia

Melina Rodolpho

Juliana Nagahama

DRE Guaianases

Luciano de Brito Leal

Silvana dos Santos Silva

DRE Ipiranga

Débora da Silva Melo Valiante

João Rosalvo da Silva Junior

DRE Itaquera

Adriana Beatriz de Oliveira

Cinthia Krayuska de Araújo Sousa

Lúcia Ramalho Nunes Munis

DRE Jaconã/Tremembé

Ana Carolina Cuofano Gomes da Silva

Valéria Affonso

DRE Penha

Ana Carolina Porto Lemes

Eliete Marinalva Silva Souza

Marcelle Reis da Silva

DRE Pirituba/Jaraguá

Patrícia Zerino Aguilera

Soraia Souza Cardoso

DRE Santo Amaro

Leise Diene da Silva Koboyashi

Raquel Resende Rumiato

DRE São Mateus

Nely Miwa Ishii

Priscila Alexandre do Nascimento Pereira

DRE São Miguel Paulista

Taciane Quadrado Lopes da Silva

Priscila Santos Silva

Elisete Mendes Scatolin de Almeida

PROJETO EDITORIAL

CENTRO DE MULTIMEIOS

Ana Rita da Costa - Diretora

NÚCLEO DE CRIAÇÃO E ARTE

Angélica Dadario

Cassiana Paula Cominato

Fernanda Gomes Pacelli

Priscila da Silva Leandro - Editoração e Ilustração Capa

Simone Porfírio Mascarenhas

Projeto Gráfico - Ana Rita da Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica.

Antologia de contos do Ensino Fundamental 2022. – São Paulo : SME / COPED, 2023.

192 p.

1.Literatura brasileira. 2.Contos brasileiros. 3.Escolas municipais.

I.Título

CDD 869.9308

Código da Memória Documental: SME40/2023

Elaborado por Patrícia Martins da Silva Rede – CRB-8/5877

Caros(as) estudantes, professores(as) e gestores(as) das EMEFs,

No segundo semestre de 2019, como resultado de muito trabalho e de esforço coletivo, nasceu o Antologia de Contos do Ensino Fundamental. Desde então, esse projeto vem crescendo e ganhando mais espaço em nossa Rede, além de inúmeros textos de nossos pequenos e jovens autores.

É preciso destacar que, de seu nascimento até a presente data, a proposta se ampliou e, o que antes era voltado aos Ciclos Interdisciplinar e Autoral, passou a se destinar também ao Ciclo de Alfabetização e ao Ensino Médio.

Com isto, no ano de 2022, chegamos à quarta edição do livro que nos é tão valioso e repleto de significados. Como nas edições anteriores, mantém sua natureza de divulgação de boas produções desenvolvidas em nossas Unidades Educacionais, fazendo com que a escrita de nossos(as) estudantes circule em meio social. O texto feito na escola e não tão somente para a escola.

Esta produção ganha a Rede e quem ganha, verdadeiramente, é a própria Rede, pois se enriquece com as histórias contadas e as trajetórias construídas, se enriquece com a revelação de novos(as) autores(as) e suas produções, além de evidenciar o comprometimento de nossas professoras, nossos professores e os(as) demais profissionais envolvidos(as), especificamente, com este processo, mas, sobretudo, com a construção de uma escola pública de qualidade.

Deixo expresso o meu convite para que apreciem cada página deste livro, pelo valor estético, pelo encantamento que a literatura é capaz de despertar em nós e para oferecer o prestígio merecido a cada autor e autora que, com suas palavras, nos apresentam novos mundos, novas possibilidades, nos contam histórias e nos encantam com suas palavras.

Excelente experiência com esta leitura!

Fernando Padula
Secretário Municipal de Educação

Do lápis, ou tablet, em sala de aula ao livro na estante. Esse é o percurso promovido pela “Antologia de Contos 2022” que mobilizou inúmeras ações para que a prática de ensino fosse integrada a uma prática editorial. Nossa diretriz em aliar o cotidiano escolar com usos “reais” das linguagens tem nessas páginas um exemplo de mais uma boa prática que dá sentido às produções escritas de nossos(as) estudantes.

Entre as muitas estratégias desenvolvidas por nossa Rede para que o ensino seja concretizado como “[...] prática social, que tem existência dentro e fora da escola, adquirindo características específicas de acordo com a esfera e a situação comunicativa na qual se realiza (SÃO PAULO, 2019, p. 85), o livro apresenta-se como uma forma potente.

Sua potência provém do “extra” que extraímos do ordinário: as aulas de produção escrita do dia a dia em sala de aula são colocadas em um processo de produção literária: os(as) estudantes ativamente participantes, os(as) professores(as) engajados(as) e atentos(as) à produção de seus(suas) estudantes para as inscrições, a equipe de formadores(as), incentivando as inscrições, auxiliando os(as) professores(as) e avaliando os textos; a equipe de Língua Portuguesa (DIEFEM/COPED/SME) que viabiliza a materialização dos escritos, tudo para que a aula de produção escrita não fique restrita a papéis avulsos com rubricas avaliativas, mas, sim, que crie autores(as).

Para além de toda significação, mais do que sabida entre nós, em relação às vantagens trazidas às práticas de ensino e aprendizagem

acionadas por essa já tradicional “Antologia de Contos” (desde 2019), destacamos a força da valorização da imagem social, e da autoimagem, que ocorre ao incentivar jovens escritores. O livro torna-se mais íntimo, vira troféu, incentivo aos(às) estudantes, seus familiares, aos(às) professores(as), aos(às) gestores(as), enfim, a todos(as).

Com um número expressivo de inscrições que cresce a cada ano, o livro “Antologia” quer mais: que as linhas, a lápis ou a tablet, escritas em aula tenham seu futuro assegurado nas páginas dos livros, garantindo o nosso “direito”, tão humano, “à literatura” (CÂNDIDO, 2011).

Equipe de Língua Portuguesa

DIEFEM/COPED/SME

Sumário

1º ANO

REESCRITA COLETIVA DE CONTO:

PROFESSOR(A) COMO ESCRIBA.....13

POR QUE O SOL E A LUA FORAM MORAR NO CÉU?...15

OS TRÊS CABRITINHOS.....18

A VERDADEIRA HISTÓRIA DOS TRÊS PORQUINHOS..21

O CASO DO BOLINHO24

2º ANO

REESCRITA COLETIVA DE CONTO:

PROFESSOR(A) COMO ESCRIBA.....27

SEVERINO FAZ CHOVER29

OS TRÊS PORQUINHOS31

COMO É QUE O FOGO FOI ROUBADO?35

3º ANO

FINAL DE CONTO.....37

O lobo e os sete cabritinhos39

As garras do leopardo40

As garras do leopardo41

As roupas novas do imperador42

Pinóquio.....43

João e o pé de feijão44

Branca de Neve.....45

Cinderela.....47

João e Maria48

4º ANO

FINAL DE CONTO.....49

O Curupira.....51

O Curupira.....52

O Curupira.....	53
O Curupira.....	54
O Mago, o Horrível e o livro de feitiçaria.....	55
O Mago, o Horrível e o livro de feitiçaria.....	56

5º ANO

CONTO POPULAR.....59

A era dos robôs.....	61
O acordo com a morte.....	63
A fábrica assombrada.....	65
O Brasil, os indígenas e a flor da primavera	67
Ella é ela sozinha	69
Melhor amigo de estimação	71
A maçã da cura.....	74
O multiverso dos três porquinhos.....	75
Rapunzel e o padraço.....	77
Mira e a Fera.....	79
Os fugitivos.....	83
Paulo e Clara.....	85
A camponesa e a fera	87
A menina e o colar de diamantes	90
O vendedor ganancioso.....	93

6º ANO

CONTO DE ASSOMBRAÇÃO E MISTÉRIO.....95

Carta mortal	97
A criatura imortal	100
A maldição da Utaka	103
Os bonecos de Joseph	105
O quadro do palhaço	107
O cômodo	109
A amizade maldita	111
O pique-esconde	113
Cachorro Fumaça.....	114
O mistério do castelo.....	116
A mansão Willians.....	120
Uma festa na casa assombrada.....	122

7º ANO

CONTO DE AVENTURA.....123

A aventura dos irmãos Martinês	125
O reino escondido	128
Os tech-revolucionários	138
Em busca da liberdade	142
Kenay salva a floresta	145
O olho perdido	147
A outra casa	149
O sequestro da princesa Isabella.....	151
A primeira viagem ao espaço.....	157
O mistério da floresta	159

8º ANO

CONTO POPULAR.....163

O pequeno vendedor de balas.....	165
Um bom coração	168
O Lobo que era mau	171
Os três bruxinhos	175
O duende da árvore.....	178

9º ANO

MINICONTO.....181

Despertar.....	183
Dia do trabalho.....	184
Teimosia	185
Uma pergunta não respondida	186
Estranho familiar	187
Amizade	188
Sonho.....	189
Carta aberta	190
Se eu não permitir, não me toque.....	191
Esconder ou explicar.....	192

1º ANO

REESCRITA COLETIVA DE CONTO:
PROFESSOR(A) COMO ESCRIBA

POR QUE O SOL E A LUA FORAM MORAR NO CÉU?

A ÁGUA E O SOL ERAM AMIGOS. ELES MORAVAM NA TERRA JUNTOS.

O SOL SEMPRE VISITAVA A ÁGUA, MAS A ÁGUA NUNCA VISITAVA O SOL.

ENTÃO, UM DIA O SOL RECLAMOU QUE A ÁGUA NUNCA IA À SUA CASA E A CONVIDOU PARA LHE FAZER UMA VISITA:

— ÁGUA, VOCÊ QUER IR À MINHA CASA?

A ÁGUA RESPONDEU:

— ENTÃO, VOCÊ TERÁ QUE CONSTRUIR UMA CASA MAIOR, POIS A MINHA FAMÍLIA É MUITO GRANDE.

O SOL E A LUA ERAM CASADOS, CONSTRuíRAM UMA CASA MAIOR PARA RECEBER A ÁGUA E SUA FAMÍLIA.

NO DIA MARCADO, A ÁGUA FOI VISITAR O SOL E A LUA. O SOL ABRIU A PORTA E DISSE:

— PODEM ENTRAR!

— TEM CERTEZA DE QUE PODEMOS ENTRAR?
DISSE A ÁGUA.

— SIM.

A ÁGUA ENTROU COM TODOS OS ANIMAIS AQUÁTICOS E FOI INUNDANDO A CASA.

— TEM MESMO CERTEZA DE QUE PODEMOS ENTRAR?

— SIM! DISSERAM O SOL E A LUA, JÁ COM UM POUCO DE MEDO.

A ÁGUA CONTINUOU A ENTRAR E O SOL E A LUA FORAM PARAR NO TETO DA CASA.

— AINDA PODEMOS ENTRAR? PERGUNTOU A ÁGUA.

— SIM!

E A ÁGUA ENTROU COM VÁRIOS PEIXES, RAIAS, BALEIAS, TUBARÕES, ÁGUAS-VIVAS, GOLFINHOS E OUTROS ANIMAIS AQUÁTICOS.

A ÁGUA FOI SUBINDO... SUBINDO... SUBINDO... E LEVOU O SOL E A LUA PARA O CÉU.

POR ISSO, AGORA, O SOL E A LUA MORAM NO CÉU.

Livro: Sikulume e outros contos africanos

Autor(a): Júlio Emilio Braz

Editora: Pallas

Ano de publicação: 2008

Conto: Por que o Sol e a Lua foram morar no céu?

Página: 64

UE: CEU EMEF PARQUE SÃO CARLOS
DRE: SÃO MIGUEL PAULISTA
PROFESSOR(A): CLAUDETE PAES DOS SANTOS
AUTORES(AS): 1º ANO B

AGATHA VICTORIA VIEIRA SANTIAGO EVANGELISTA
ALICE SILVA VIEIRA FREIRE
ARTHUR MIGUEL DA SILVA
ARTHUR MIGUEL S. DE CASTRO ASSIS
BEATRIZ COSTA DE ARAUJO
BENJAMIN LEVI PEREIRA UCHOA
DAVI LUCAS DOS SANTOS LOPES
EMILLY VITÓRIA DUQUE DE OLIVEIRA
ESTHER GONÇALVES DOS SANTOS
GUILHERME HENRIK RIBEIRO DE PAULA
ISAQUE SILVA SOARES
KAIQUE MIGUEL LEAL WESTEFELDER
KAUAN NUNES POLILIAKV
KENNEDY RUAN DOS SANTOS
LUAN HENRIQUE SOUSA ARAUJO
LUIZA ZEFERINO SILVA
MANUELLY OLIVEIRA DOURADO
MAYA AYALA CANDEIA DO NASCIMENTO
MIGUEL HENRIQUE DE SOUSA
PEDRO HENRIQUE DE FARIAS SANTOS
POLLIANNY LORRANNY DA SILVA
RAFAEL WINGSTON C. DOS SANTOS
RICHARD ALVES DE OLIVEIRA SILVA
RUAN FERNANDO PESSOA SOUZA
SOPHIA GABRIELLE COELHO MOTA
VITOR HUGO DE SÃO JOSÉ
ALEXSYA LEITE DA SILVA P. MACHADO
EMILLY NICOLLY DE JESUS RODRIGUES
RAUL HENRIQUE FERREIRA GUIMARÃES

OS TRÊS CABRITINHOS

ERA UMA VEZ TRÊS CABRITINHOS TRAVESSOS E TEIMOSOS QUE IAM PASTAR NA COLINA COM UMA GRAMA BEM VERDINHA. PARA CHEGAR LÁ TINHAM QUE PASSAR POR UMA PONTE, QUE EMBAIXO MORAVA UMA BRUXA BEM MÁ. O NARIZ DELA ERA COMPRIDO, CURVO E TINHA UMA VERRUGA; OS OLHOS BEM GRANDES E ARREGALADOS.

UM DIA, QUANDO IAM PASTAR LÁ NA COLINA, O CABRITINHO MAIS NOVO FOI O PRIMEIRO A ATRAVESSAR A PONTE. TRIP, TRAP, TRIP, TRAP... A BRUXA DISSE:

— QUEM ESTÁ PASSANDO NA MINHA PONTE?

— SOU EU, O MENOR DOS CABRITINHOS, VOU PASTAR NA COLINA PARA ENGORDAR.

— ESPERA UM POUQUINHO QUE EU JÁ VOU TE DEVORAR. ROSNOU A MEGERA.

— COM UM FIOZINHO DE VOZ, O CABRITINHO CAÇULA FALOU:

— ESPERAAÍ QUE DAQUI A POUCO MEU IRMÃO MAIS VELHO VAI CHEGAR, ELE É MUITO MAIOR QUE EU.

TRIP, TRAP, TRIP, TRAP...

— QUEM ESTÁ PASSANDO NA MINHA PONTE?

— SOU EU, O SEGUNDO CABRITINHO.

— ESPERA UM POUQUINHO, EU JÁ VOU TE DEVORAR!

— CALMA AÍ! O MEU IRMÃO MAIS VELHO VAI PASSAR, ELE É MAIOR QUE EU.

TRIP, TRAP, TRIP, TRAP...

— QUEM ESTÁ PASSANDO NA MINHA PONTE?

— SOU EU, O CABRITINHO MAIS VELHO, SOU MAIOR QUE OS OUTROS!

— ESPERA AÍ QUE JÁ VOU TE COMER TODO DE UMA VEZ!

— PODE VIR QUE EU NÃO TENHO MEDO DE BRUXA, SOU MUITO VALENTE, FORTE, MEU CHIFRES SÃO DE FERRO, EU TENHO DENTES BEM GRANDES E AFIADOS.

A BRUXA FOI PRA CIMA DO CABRITO, PEGOU NO CHIFRE E ELE LANÇOU ELA NO RIO. DEPOIS FOI PASTAR COM SEUS IRMÃOS NA COLINA. QUANTO À BRUXA, NUNCA MAIS SE OUVIU FALAR DELA.

Livro: O mundo das crianças - história de fadas

Autor(a): Peter Christen Asbjørnsen /

Versão de Gudrun Thorne-Thomsen

Editora: Delta

Cidade: São Paulo

Ano de publicação: 1949

Conto: Os três cabritinhos

Página: 28

UE: EMEF ALTINO ARANTES

DRE: IPIRANGA

PROFESSOR(A): MAGALI LUTIZOFF

AUTORES(AS): 1º ANO A

ALICE OLIVEIRA IGNACIO SANTANA

ANDRE LUCCA S. QUERICO DE ARAUJO

ANNY MARIE SILVA OLIVEIRA

DAVI NALDIRE PIRES SOUZA

EMILLY DE ALMEIDA FERREIRA

ENZO MIGUEL SILVA DE ANDRADE

HELOISA SANTANA DE OLIVEIRA

ISABELLY ALVES DE LIRA

JOÃO OTAVIO DA SILVA COSTA

JOÃO VITOR GONDIM MARCOLINO

JOSE LUIZ MOTA DE SOUZA

JULIA SILVA DE OLIVEIRA

KAMILLY YUMI SATO DE HOLANDA

LIVIA RODRIGUES

LORENNIA SOUZA LEITE

LORENNIA XAVIER SATTIM

LUAN FRANCISCO DOS SANTOS

LUCCA TELLES DOS SANTOS

LUISA KEMP DE SOUZA

MARIA EDUARDA CASTRO DE SOUZA

MARIA VALENTINNA SILVA SALES

MARIANE RANGEL DE CASTRO

MATHEUS DE PAULA P. FALCOMER

MIGUEL HONORATO DA ROCHA

MOISES HENRIQUE SANTANA

PEDRO IRAN DONATO TORRES

SABRINA GUERRA DE LIMA SAMPAIO

SAMUEL MARCULINO

VICTOR SILVA DOS SANTOS

YTALLO DA SILVA

A VERDADEIRA HISTÓRIA DOS TRÊS PORQUINHOS

EU SOU ALEX, CONHECIDO COMO LOBO MAL. NÃO SEI QUEM COLOCOU ESSE APELIDO.

COMO BICHINHOS ENGRAÇADINHOS, COELHINHOS E PORQUINHOS, TALVEZ SEJA POR ISSO.

A HISTÓRIA QUE VOCÊS CONHECEM ESTÁ ERRADA, TUDO COMEÇOU COM UM ESPIRRO.

ESTAVA FAZENDO BOLO DE ANIVERSÁRIO PARA MINHA QUERIDA VOVOZINHA, COM RESFRIADO FORTE, ESPIRRANDO MUITO, PERCEBI QUE O AÇÚCAR TINHA ACABADO. ENTÃO, RESOLVI IR NA CASA DO MEU VIZINHO, QUE ERA PORQUINHO, PEDIR UMA XÍCARA DE AÇÚCAR EMPRESTADO, ELE NÃO ERA MUITO INTELIGENTE, SE ELE TIVESSE CABEÇA NÃO CONSTRUIRIA UMA CASA DE PALHA.

PERGUNTEI “PORQUINHO, VOCÊ ESTÁ EM CASA?” E NINGUÉM RESPONDEU. PERCEBI QUE O ESPIRRO ESTAVA VINDO, ENTÃO, ESPIRREI. A CASA DESMORONOU E O PORQUINHO MORREU.

PENSEI “EU NÃO POSSO DEIXAR ESSE BACON NO MEIO DO MATO”, ENTÃO, COMI O PORQUINHO.

EU ESTAVA UM POUCO MELHOR, FUI ENTÃO NA CASA DO OUTRO VIZINHO QUE ERA PORQUINHO, IRMÃO DO PRIMEIRO PORQUINHO. ELE ERA UM POUCO MAIS INTELIGENTE, MAS NÃO ERA MUITO, PORQUE CONSTRUIU UMA CASA DE LENHA. CHEGANDO LÁ TOQUEI A CAMPAINHA E NINGUÉM RESPONDEU. EU DISSE “SENHOR PORCO, SENHOR PORCO, VOCÊ ESTÁ EM CASA?”. ELE RESPONDEU, “VAI EMBORA, NÃO VOU ABRIR.

ESTOU FAZENDO A MINHA BARBA”. PEGUEI NA MAÇANETA E SENTI O ESPIRRO VINDO. TENTEI TAPAR A BOCA, SÓ QUE NÃO CONSEGUI SEGURAR. ACABEI ESPIRRANDO E A CASA DESMORONOU. O PORQUINHO MORREU. EU PENSEI “NÃO POSSO DEIXAR UM PEDAÇO DE MORTADELA NO CHÃO”, ENTÃO, COMI O SEGUNDO PORQUINHO.

ESTAVA DE BOA, ENTÃO, FUI NA CASA DO ÚLTIMO PORQUINHO, IRMÃO DO PRIMEIRO E DO SEGUNDO PORQUINHO. ESTE ERA UM PORQUINHO ESPERTO, MAIS INTELIGENTE PORQUE ELE CONSTRUÍU A CASA DE TIJOLOS. BATI NA PORTA E PEDI UMA XÍCARA DE AÇÚCAR, NINGUÉM ATENDEU. ENTÃO, EU PERGUNTEI “SENHOR PORCO, SENHOR PORCO, VOCÊ ESTÁ EM CASA?” O PORQUINHO RESPONDEU “CAI FORA SEU LOBO. NÃO VAI ME COMER, PORQUE VOCÊ JÁ COMEU MEUS DOIS IRMÃOZINHOS”. AQUELE EGOÍSTA, NÃO QUIS EMPRESTAR UMA XÍCARA DE AÇÚCAR. ENTÃO, ELE XINGOU A MINHA VOVOZINHA, EU FIQUEI MUITO BRAVO E TRISTE.

SOU CALMO, MAS QUANDO XINGAA MINHA VOVOZINHA, EU FICO ESTRESSADO. ENTÃO, ESMURREI A PORTA TENTANDO ARREBENTAR PARA ENTRAR E PEGAR O PORQUINHO. CHAMARAM A POLÍCIA, QUANDO CHEGARAM, EU ESTAVA BUFANDO, ESPIRRANDO E FAZENDO UMA BARULHEIRA. TINHA UNS REPÓRTERES QUE COLOCARAM NO JORNAL UMA MENTIRA DIZENDO QUE EU ERA UM LOBO FERROZ, MAS ESSA HISTÓRIA NÃO ERA VERDADEIRA, EU ERA APENAS UM LOBO DOENTE ESPIRRANDO, QUERENDO UMA XÍCARA DE AÇÚCAR.

NO FINAL, EU FUI PRESO, MAS AGORA VOCÊ JÁ SABE A MINHA VERDADEIRA HISTÓRIA.

“EU GOSTARIA DE SABER SE VOCÊ PODE ME EMPRESTAR UMA XÍCARA DE AÇÚCAR”.

Livro: A verdadeira história dos três porquinhos!

Autor(a): Jon Scieszka

Editora: Companhia das letrinhas

Cidade: São Paulo

Ano de publicação: 2005

Conto: A verdadeira história dos três porquinhos!

Página: 32

UE: EMEF CHÁCARA TURÍSTICA

DRE: PIRITUBA/JARAGUÁ

PROFESSOR(A): MARLI APARECIDA DE OLIVEIRA QUEIROZ

AUROS(AS): 1º ANO A

ALICE AZEVEDO DOS SANTOS	ISMAEL NATHAN DA SILVA OLIVEIRA
ALICIA OLIVEIRA MENEZES SANTOS	LAURA SANTOS NOVAIS
ANA CECILIA MIRANDA ALVES	LEONARDO SILVA NETO
ANA CLARA RODRIGUES DE OLIVEIRA	LIVIA RIBEIRO DE OLIVEIRA
ANA LAURA CAPOZZI BARBOSA	LUCAS BATISSTA MASCARENHAS
ARTHUR FRANCISCO DE ALMEIDA	LUIZ OTÁVIO COSTA CRISPIM
DAVI LUTHER DE SOUZA NEVES SANTOS	MARIA LUISA AUGUSTO MAIA
EMANUELLY SOPHIA S. B. DOS SANTO	MIGUEL ALVEZ LAIA SONCIN
FILIFE RIBEIRO LIMA DA COSTA	NOAH DAVI DIAS BRITO
GUILHERME JESUS HOSOI DA COSTA	PEDRO HENRIQUE HELENO DA SILVA
GUSTAVO BOM TEMPO SALLA	SOPHIA OLIVEIRA MENEZES SANTOS
HELOISA SANTOS NOVAIS	STEFANNY PEREIRA SILVA
ISAAC GABRIEL DA SILVA SOUZA	YASMIN LEITE PIAUI

O CASO DO BOLINHO

O VÔ ACORDOU E DISSE PARA A VÓ:

— FAÇA UM BOLINHO PARA MIM!

A VÓ PEGOU DOIS PUNHADOS DE FARINHA, UMA COLHER DE MANTEIGA E CREME DE LEITE, ELA FORMOU UM BOLINHO REDONDINHO, COLOCOU PARA ASSAR E, DEPOIS, NA JANELA PARA ESFRIAR. O BOLINHO NÃO AGUENTOU FICAR PARADO E SAIU ROLANDO. ROLANDO DA JANELA PARA A CADEIRA, DA CADEIRA PARA A PORTA, DA PORTA PARA FORA E DE FORA PARA A RUA.

24

NO CAMINHO, ELE ENCONTROU UMA LEBRE.

— BOLINHO, BOLINHO, EU VOU PAPAR VOCÊ – DISSE A LEBRE.

— NÃO ME PAPE NÃO, DONA LEBRE, VOU CANTAR UMA CANÇÃO PARA VOCÊ: “EU SOU UM BOLINHO REDONDO E FOFINHO, DE CREME RECHEADO, NA MANTEIGA ASSADA. A VOVÓ NÃO ME PEGOU. O VOVÔ NÃO ME PEGOU. E NEM VOCÊ VAI ME PEGAR, DONA LEBRE!”.

A LEBRE PISCOU O OLHO E O BOLINHO SAIU ROLANDO.

NO CAMINHO, ELE ENCONTROU UM LOBO.

— BOLINHO, BOLINHO, EU VOU PAPAR VOCÊ, DISSE O LOBO.

— NÃO ME PAPE, NÃO, SENHOR LOBO. VOU CANTAR UMA CANÇÃO PARA VOCÊ: “EU SOU UM BOLINHO REDONDO E FOFINHO, DE CREME RECHEADO, NA MANTEIGA ASSADA. A VOVÓ NÃO ME

PEGOU. O VOVÔ NÃO ME PEGOU. A DONA LEBRE NÃO ME PEGOU.
E NEM VOCÊ VAI ME PEGAR, SENHOR LOBO!”.

O LOBO PISCOU O OLHO E O BOLINHO SAIU ROLANDO.

NO CAMINHO, ELE ENCONTROU UMA RAPOSA.

— QUERIDO BOLINHO, AONDE VOCÊ VAI ROLANDO?

— PELA ESTRADA AFORA.

AÍ A RAPOSA FALOU:

— ME CANTE UMA CANÇÃO BOLINHO.

E O BOLINHO CANTOU:

— EU SOU UM BOLINHO REDONDO E FOFINHO, DE CREME
RECHEADO, NA MANTEIGA ASSADA. A VOVÔ NÃO ME PEGOU. O VOVÔ
NÃO ME PEGOU. A DONA LEBRE NÃO ME PEGOU. O SENHOR LOBO NÃO
ME PEGOU E NEM VOCÊ RAPOSA VAI ME PEGAR!

ENTÃO, A RAPOSA FALOU:

— NÃO OUÇO MUITO BEM, PULA AQUI NO MEU FOCINHO PARA
OUVIR MELHOR.

O BOLINHO BOBO FOI E PULOU NO FOCINHO DA RAPOSA E ELA
APROVEITOU E NHOC COMEU O BOLINHO.

*Livro: O caso do bolinho
Autor(a): Tatiana Belinky
Editora: Moderna Literatura
Cidade: São Paulo
Ano de publicação: 2017
Conto: O caso do bolinho
Página: 40*

UE: EMEF ALTINO ARANTES

DRE: IPIRANGA

PROFESSOR(A): AGHATA CRISTINA VIEIRA

AUTORES(AS): 1º ANO B

AGHATA KYARA FERREIRA DA SILVA

ALICIA NEVES NORBERTO

ANALICE JESUS CAMPOS

ANDRESSA M. DE SOUZA RODRIGUES

ARTHUR VIANA DOS SANTOS

DAVI HENRIQUE DA SILVA FARIAS

ELOISY ZANONI CORREIRA DOS SANTOS

GABRIEL SANTANA SILVA ARAUJO

GUILHERME LUIS SILVA VENDIMIATTI

HELOISA MARTINS GONÇALVES

ISAQUE DA SILVA CLEMENTINO

JHOEL EDSON CONDORI CAYOJA

KAUÃ VERISSIMO DA SILVA

KIMBERLLY NATALLY CAIRES OKA

LILIAN GOMES DOS SANTOS SILVA

LIVIA MARIA GONÇALVES ALVES

LORENA DA SILVA SOUSA

LORENA DOS SANTOS SILVA MARTIRES

LORENA OTTENIO GOMES SILVA

LOUISE HELENA CLEMENTE FEITOSA

MATHEUS DE JESUS SANTOS

MELISSA HORACIO ALVES CHAVES

MIGUEL DA SILVA SOUSA

MURILO TORRES PINHEIRO

MYLLENA DA SILVA MORATO

PEDRO BORGES DE LIMA

PEDRO LUCAS DE SOUSA SANTOS

RAYLAN MIGUEL CARVALHO DE FREITAS

REBECA DE JESUS GENEROSO

2º ANO

REESCRITA COLETIVA DE CONTO:
PROFESSOR(A) COMO ESCRIBA

SEVERINO FAZ CHOVER

ERA UMA VEZ UM MENINO CHAMADO SEVERINO. ELE ERA MAGRINHO, MORENO E CABELUDO. SUA MÃE BRINCAVA CHAMANDO ELE DE ZÓIUDO, PORQUE ELE TINHA OLHOS GRANDES, PRETOS E ARREGALADOS. SEVERINO ERA PARECIDO COM MUITOS MENINOS QUE CONHECEMOS, MAS A TERRA DELE NÃO ERA, PORQUE QUASE NUNCA CHOVIA LÁ. TUDO ESTAVA SECO. AS PESSOAS FICAVAM TRISTES E PARTIAM PARA VIVER EM OUTRAS CIDADES, MAS O MENINO SEVERINO CONTINUAVA ALEGRE E CHEIO DE IDEIAS. ELE CHAMOU TODO PESSOAL E DISSE:

— VAMOS GRITAR BEM ALTO PARA CHOVER. QUEM SABE O CÉU ESCUTA E MANDA CHUVA.

NÃO ADIANTOU. NÃO CAIU NENHUMA GOTA.

AI, SEVERINO RESOLVEU MANDAR UMA CARTA PARA AS NUVENS, MAS ELE E SEUS AMIGOS NÃO SABIAM ESCREVER AINDA. ENTÃO, FIZERAM UM MONTE DE DESENHOS. DESENHARAM A TERRA MOLHADA, BONITA, CHEIA DE PLANTAS VERDINHAS E COLORIDAS.

PRONTO! OS DESENHOS FICARAM PRONTOS. AGORA ERA PRECISO ENTREGAR LÁ NO CÉU. ENTÃO, SEVERINO TEVE MAIS UMA IDEIA: AMARROU OS DESENHOS NAS PERNINHAS DE UM POMBO-CORREIO. O PÁSSARO VOOU ALTO E SUMIU NAS NUVENS. LOGO O POMBO VOLTOU SEM NADA.

SEVERINO PENSOU: DEVEM TER GOSTADO. E PARA SUA SURPRESA, COMEÇOU UM PINGO AQUI, OUTRO ALI. NO COMEÇO FOI

DEVAGAR. DEPOIS FOI AUMENTANDO. TODO MUNDO JÁ PODIA SENTIR UM CHEIRINHO DE TERRA MOLHADA. AS CRIANÇAS PODIAM BRINCAR NAS POÇAS E RIOZINHOS QUE SE FORMAVAM. A CHUVA DUROU MUITOS DIAS. TODO MUNDO FICOU CONTENTE, MAS NINGUÉM FICOU MAIS CONTENTE QUE SEVERINO.

Livro: Severino faz chover

Autor(a): Ana Maria Machado

Editora: Salamandra

Cidade: São Paulo

Ano de publicação: 2011

Conto: Severino faz chover

Páginas: 01 - 32

UE: CEU EMEF PARQUE SÃO CARLOS

DRE: SÃO MIGUEL PAULISTA

PROFESSORA: FABIANA DE RICCIO MENDONÇA

AUTORES(AS): 2º ANO C

ALICIA SILVA LOPES

BRAYAN DONIZETTE DOS SANTOS

CASSIEL DA SILVA

DANIEL DOS SANTOS PASTOR

DAVI MIGUEL DE SOUZA SILVA

ELIZANDRA KIMBERLI DOS SANTOS

GABRIELA PEREIRA LOPES

GUILHERME PEREIRA G. DANIEL

HEITOR SOARES FARIAS

JHANDY HUANCA QUISPE

JOÃO LUCAS GONÇALVES LEITE

JULIA VITORIA GALHARDO SILVA

KAUAN RIQUELME ELIAS DE OLIVEIRA

LAURA SOUZA DE BORTOLI

MARIA CLARA PEREIRA VIDAL

MATHEUS RIBEIRO AVES SEBASTIÃO

MATHEUS YAGO SOUTO SILVA CAPP

MIGUEL GONÇALVES BOVI

MURILO VIEIRA SANTOS

MYRELLAKEMILLYCANABARRAMOREIRA

THAYANE DOS SANTOS ROCHA

WASHI BRONZELI GREGORIO

YAN LEANDRO ANDRADE

YURI DA SILVA SANTOS

OS TRÊS PORQUINHOS

ERA UMA VEZ UMA FAMÍLIA DE PORQUINHOS: A MAMÃE DONA PORCA E OS TRÊS FILHINHOS QUE SE CHAMAVAM HEITOR, CÍCERO E PRÁTICO.

A MAMÃE E PRÁTICO TRABALHAVAM MUITO, MAS OS OUTROS PORQUINHOS ERAM MUITO FOLGADOS E PREGUIÇOSOS, NÃO AJUDAVAM EM NADA. POR ISSO A MAMÃE MANDOU CADA UM FAZER A SUA PRÓPRIA CASA E PEDIU PARA QUE TOMASSEM CUIDADO PARA NÃO VIRAREM COMIDA DE LOBO E QUE FIZESSEM AS CASINHAS BEM FORTES PARA O LOBO NÃO CONSEGUIR ENTRAR.

OS PORQUINHOS FORAM PROCURAR NA FLORESTA OS MATERIAIS E UM LUGAR PARA FAZEREM AS CASINHAS.

CÍCERO FOI O MAIS RÁPIDO, FEZ UMA CASA DE PALHA E FOI DORMIR EMBAIXO DE UMA ÁRVORE. PRÁTICO VIU A CASA E DISSE:

— O LOBO VAI CONSEGUIR ENTRAR NESSA CASA PORQUE ELA É MUITO FRACA!

E CÍCERO RESPONDEU:

— EU NUNCA VI NENHUM LOBO POR AQUI, VOU DORMIR PORQUE ESTOU CANSADO.

O OUTRO PORQUINHO, CHAMADO HEITOR, ENCONTROU MADEIRA E FEZ SUA CASA DE QUALQUER JEITO, BEM RAPIDINHO. PRÁTICO TAMBÉM ACHOU A CASA FRACA E DISSE QUE SERIA MUITO FÁCIL PARA O LOBO DERRUBAR, MAS HEITOR NEM LIGOU E DISSE:

— VOCÊ É MEDROSO DEMAIS! QUEM TEM MEDO DE LOBO?

ENTÃO PRÁTICO, QUE ERA O PORQUINHO MAIS TRABALHADOR E ESFORÇADO, FEZ A SUA CASA COM TIJOLOS E CIMENTO, QUE FICOU MUITO BONITA E FORTE, PROTEGIDA CONTRA LOBOS.

O LOBO FICOU SABENDO QUE OS PORQUINHOS ESTAVAM MORANDO NA FLORESTA E A PRIMEIRA CASA QUE VIU FOI A DE PALHA, E ELE LOGO DISSE:

— ESSA CASA DE PALHA, EU DERRUBO NUM MINUTO!

ENTÃO ELE TEVE UMA IDEIA PARA ENGANAR CÍCERO, BATEU NA PORTA E FALOU QUE QUERIA FAZER UMA VISITA, MAS CÍCERO FICOU COM MEDO, NÃO ACREDITOU E PEDIU PARA QUE O LOBO FOSSE EMBORA.

O LOBO FICOU BRAVO E GRITOU:

— EU VOU SOPRAR E BUFAR E SUA CASA VOU DERRUBAR!

E ELE SOPROU BEM FORTE E A CASA VOOU. CÍCERO SAIU CORRENDO PARA A CASA DE HEITOR, O LOBO FOI ATRÁS, BATEU NA PORTA E DISSE:

— ABRAM ESSA PORTA! VOU COMER VOCÊS DOIS!

ELES MANDARAM O LOBO IR EMBORA, FALARAM QUE ELE NÃO IA CONSEGUIR ENTRAR, PORQUE A PORTA ERA DE MADEIRA BEM FORTE, MAS O LOBO GRITOU:

— EU VOU SOPRAR E BUFAR E SUA CASA VOU DERRUBAR!

ELE SOPROU BEM FORTE E A CASA DESMORONOU. OS PORQUINHOS FUGIRAM DESESPERADOS PARA A CASA DE PRÁTICO E O LOBO SAIU CORRENDO ATRÁS DELES.

O LOBO CHEGOU À CASA DE TIJOLOS, BATEU NA PORTA E GRITOU:

— ABRAM ESSA PORTA!

E PRÁTICO DISSE:

— VOCÊ NÃO VAI CONSEGUIR ENTRAR AQUI, PORQUE ESSA CASA DE TIJOLOS É MUITO FORTE!

MAS O LOBO NÃO ACREDITOU E COMEÇOU A SOPRAR, SOPRAR E SOPRAR ATÉ CANSAR, MAS A CASA NEM SE MEXEU.

OS PORQUINHOS FORAM OLHAR PELA JANELA PRA VER SE ELE TINHA DESISTIDO, MAS VIRAM O LOBO PEGANDO UMA ESCADA PARA SUBIR NO TELHADO E ENTRAR PELA CHAMINÉ. ELES CORRERAM E ACENDERAM O FOGO DA LAREIRA E, QUANDO O LOBO DESCEU, O RABO DELE QUEIMOU. ELE DEU UM GRITO E SAIU CORRENDO PELA FLORESTA. E NUNCA MAIS NINGUÉM VIU O LOBO.

CÍCERO E HEITOR APRENDERAM A LIÇÃO, DEIXARAM DE SER PREGUIÇOSOS. CONSTRUÍRAM OUTRAS CASINHAS COM TIJOLOS E CIMENTO E A MAMÃE VEIO MORAR PERTINHO DE SEUS FILHOS.

Livro: Turma da Mônica — Contos da Carochinha
Autor(a): Mauricio de Sousa
Editora: Girassol
Cidade: Barueri / SP
Ano de publicação: 2019
Título do Conto Original: Os três porquinhos
Páginas: 60 - 74

UE: EMEF PROF.^a LILIANE VERZINI SILVA

DRE: SANTO AMARO

PROFESSORA: VANUSA GOMES DE CASTRO SILVA

AUTORES(AS): 2º ANO RA/RB

ANA LUIZA ARAUJO DE CARVALHO

CAUÃ BRYAN PEREIRA DA SILVA SOUZA

EDUARDO GUSMAN ALVES

EMILLY VITORIA LOPES PEREIRA

JOSE PEDRO PACHECO LEITE

MATHEUS TARGINO CUNHA

MICAELY DOS SANTOS MEDEIROS

LUCAS GUSMAN ALVES

LUIZ MIGUEL DE OLIVEIRA PONTES

RAFFAELA DOS SANTOS DELFINO

RYAN MIGUEL PEREIRA LOPES

COMO É QUE O FOGO FOI ROUBADO?

ERA UMA VEZ O URUBU, ELE ERA DONO DO FOGO. O ÍNDIO BAÍRA TAMBÉM QUERIA O FOGO PARA AJUDAR A AQUECER SUA TRIBO, PARA COZINHAR E PARA AQUECER AS PESSOAS. ENTÃO ELE ELABOROU UM PLANO. A MOSCA, AMIGA DO URUBU, ESCUTOU O PLANO DE BAÍRA E FOI CONTAR TUDO PARA O URUBU. O URUBU NÃO ACREDITOU NA MOSCA E SEGUIU COM SUA FAMÍLIA FAZENDO UMA GRANDE FESTA COM O FOGO.

ENQUANTO ISSO, O ÍNDIO BAÍRA SE ESCONDEU NA MATA E FICOU OBSERVANDO O URUBU. QUANDO O URUBU SE DISTRAIU, ELE PEGOU O FOGO COM UM GRAVETO E SAIU CORRENDO. BAÍRA VIU QUE SOZINHO NÃO IA CONSEGUIR LEVAR O FOGO ATÉ SUA TRIBO. ENTÃO, ELE PEDIU A AJUDA DOS ANIMAIS: PRIMEIRO A COBRA, DEPOIS O CAMARÃO E ATÉ O CARANGUEJO. O FOGO PASSOU DE PATA EM PATA, ATÉ QUE O FOGO CHEGOU NA BEIRA DO RIO. AINDA ERA PRECISO ATRAVESSAR O RIO PARA CHEGAR À TRIBO DE BAÍRA. ENTÃO, CHEGOU O SAPO CURURU PARA AJUDAR.

O SAPO CURURU CONSEGUIU ATRAVESSAR O RIO, LEVAR O FOGO ATÉ A TRIBO, DENTRO DE SUA GRANDE BOCA. CHEGANDO LÁ, FOI RECEBIDO COM FESTA E RECEBEU O TÍTULO DE PAJÉ. DEPOIS DESSA HONRA, PASSOU A MORAR NA BEIRA DO RIO E A COMER VAGA-LUMES SEM SE QUEIMAR. É POR ISSO QUE ELE CANTA:

SAPO CURURU

NA BEIRA DO RIO

QUANDO O SAPO CANTA

OH, MANINHA

É PORQUE TEM FRIO.

Livro: 7 lendas e outras 70 sabedorias do folclore brasileiro

Autor(a): Zuleika de Almeida Prado

Editora: Mundo Mirim

Cidade: São Paulo

Ano de publicação: 2009

Conto: Como é que o fogo foi roubado

Páginas: 24 - 27

UE: EMEF NILO PEÇANHA

DRE: DRE FREGUESIA/BRASILÂNDIA

PROFESSORA: TALITA DA CRUZ COELHO

AUTORES(AS): 2º ANO B

DAVID ARTHUR MOREIRA DE LIRA

DAVID LUIS RANGEL DA COSTA

ENZO RAMOS RIBEIRO

FERNANDA SANTANA LEITE

IVAN CAIO SOUZA DE CARVALHO

IZADORA SANCHES MOREIRA

KENNEDY FELIPE DE O. CAVALCANTE

LORENZO BARCELLOS GASPAR

LUNNA ARAUJO SOARES

MAYA DE AGUIAR BRITO

MIGUEL MENDES DA SILVA

PABLO GUILHERME RANGEL DE LIMA

PEDRO HENRIQUE CUBA DA SILVA

RAFAEL BRYAN DA SILVA BARBOSA

REBECA ROMÃO RODRIGUES

YURI RUAN GONÇALVES PEREIRA

3º ANO

FINAL DE CONTO

O lobo e os sete cabritinhos

Os cabritinhos abriram a porta e se assustaram ao ver o lobo. Os filhotes saíram correndo e se esconderam, mas o sujeito encontrou e devorou um por um dos filhotinhos, sobrando só o caçulinha que tinha se escondido dentro do relógio.

A mamãe cabra chegou e viu a casa toda desarrumada, ficou desesperada e começou a gritar o nome de seus filhinhos, até que o caçula saiu de dentro do relógio e contou tudo que tinha acontecido. A mãe saiu a procura do lobo e o encontrou dormindo embaixo de uma árvore. Com uma tesoura bem grande, ela abriu a barriga do malvado, tirou seus filhinhos de dentro e colocou umas pedras no lugar.

Quando o lobo acordou, estava com muita sede, então, resolveu beber água no rio, mas acabou caindo com o peso das pedras em sua barriga e foi levado pela correnteza. Ele nunca mais voltou a incomodar ninguém, e a mamãe cabra voltou a viver em paz com seus filhinhos.

Livro: Clássicos Ilustrados

Ano de publicação: 2009

Página: 16

Autor(a): Larissa Vitória Oliveira Soares

UE: EMEF Cel. Hélio Franco Chaves

DRE: Jaçanã/Tremembé

Professor(a): Priscila Tártilas

As garras do leopardo

Então o leopardo disse:

— A casa não é sua, cachorro. A casa é de nós todos, menos sua, e se a gente quiser desmanchamos. Cada um tira aquilo que colocou e acabou.

O cachorro avançou pra cima do leopardo, que já tinha garras e já sabia a hora de usar. Usou e usou bem.

Ao mesmo tempo, os animais estavam desmontando a casa e ninguém defendeu o cachorro. A casa desmontou e tombou em cima do cachorro. Ele saiu correndo e gemendo, foi para a vila dos humanos. Lá ele ficou. Aconteceu que o cachorro se comprometeu a ser obediente e proteger a aldeia em troca de água e abrigo.

E, na selva, cada animal vive feliz, até o leopardo.

*Livro: Histórias Africanas
Ano de publicação: 2018
Páginas: 26 - 31
Autor(a): Davi Luca Oliveira
UE: EMEF Cel. Ary Gomes
DRE: Jaçanã/Tremembé
Professor(a): Maristela Rodrigues Scaravelli*

As garras do leopardo

Então o leopardo disse:

— Não! Essa casa não é sua, se a gente quiser desmontamos em um instante!

Depois que o leopardo disse isso, o cachorro escutou e avançou.

O leopardo já tinha garras e sabia que naquele momento os animais estavam tirando tudo da casa e que ninguém estava defendendo o cachorro. Então, a casa caiu em cima do cachorro.

O cachorro saiu correndo para a vila e pediu ajuda para um homem, prometeu ser bonzinho e até hoje é assim. Enquanto isso, o leopardo vive na floresta com os outros animais.

Livro: Histórias Africanas

Ano de publicação: 2018

Páginas: 26 - 31

Autor(a): Samily Luz de Oliveira

UE: EMEF Cel. Ary Gomes

DRE: Jaçanã/Tremembé

Professor(a): Maristela Rodrigues Scaravelli

As roupas novas do imperador

O imperador trocou de roupa e saiu para o desfile. Todos ficaram impressionados com a “roupa nova”. Todos fingiam que ele estava vestido porque todos tinham medo de serem colocados na masmorra, mas uma criança falou:

— Mamãe, ele está nu, por quê?

O imperador quase se gabando disse:

— Chega!

A menina começou a rir escondida, só que mais um garoto disse o mesmo, que o imperador estava nu. E, assim, aqueles espertalhões que enganaram a todos foram para a masmorra e ficaram lá por cinco anos por subornar o imperador.

Depois disso, as crianças, que se chamavam Giulia e Diego, fizeram uma festa. E por serem verdadeiros, deram o nome da festa de Festa da Sinceridade, que aconteceu em 2 de agosto de 1941.

FIM!

Livro: Contos de Andersen

Ano de publicação: 1992

Páginas: 2 - 15

Autor(a): Pedro Henrique Barbosa Pereira

UE: EMEF Ministro Aníbal Freire

DRE: Pirituba/Jaraguá

Professor(a): Érica Perissotto

Pinóquio

Um certo dia foi o aniversário do Pinóquio e cantaram parabéns. Todos falaram pra ele fazer um desejo e o desejo dele foi assim:

— Eu quero ser um menino de verdade!

O grilo ouviu o desejo dele e disse no seu ouvido:

— Seu desejo vai se realizar.

O grilo falante contou para a madrinha o desejo de Pinóquio e então, o desejo dele se realizou.

No outro dia, Pinóquio sentiu o seu corpo meio estranho e quando olhou no espelho, viu que virou um menino de verdade. Depois de muito tempo, o grilo e o Pinóquio não se viram nunca mais porque o grilo era parte do Pinóquio e viveram felizes para sempre.

*Livro: As aventuras de Pinóquio
Ano de publicação: 2022
Páginas: 52 - 68
Autor(a): Amanda Santana Moreira
UE: EMEF João Domingues Sampaio
DRE: Jaçanã/Tremembé
Professor(a): Daniela Nunes dos Santos*

João e o pé de feijão

[...] João logo que vê o pé de feijão decidiu escalar. Quando chegou lá em cima, olhou um enorme castelo, mas também viu um gigante que perguntou se João queria uma carona.

Chegando no castelo, o gigante perguntou se João queria comer algo, mas João negou. O gigante percebeu que o menino era muito pobre e ofereceu dez ovos de ouro para João cortar o pé de feijão, porque o gigante não queria humanos subindo lá.

Então, João desceu do pé e o cortou. João mostrou os ovos de ouro para sua mãe, o gigante começou a mandar cartas para ele.

João e sua mãe viveram felizes para sempre.

Livro: Era uma vez – João e o pé de feijão

Ano de publicação: 2017

Páginas: 1 - 16

Autor(a): Daniel do Rosário Moraes

UE: EMEF Manoel Vieira de Queiroz Filho

DRE: Capela do Socorro

Professor(a): Simone Cristina Baptista Loreda da Silva

Branca de Neve

Com medo de dormir no mato, Branca de Neve entrou na casinha que viu. Tudo aquilo era tão pequeno que ela quase não cabia ali. Depois, preparou uma comida e pegou um vinho que havia ali e bebeu. Passou um tempo e ela ficou com sono e viu sete caminhas, uma ao lado da outra; experimentou todas, até que percebeu que a sétima cama era perfeita para ela dormir lá.

Os donos da casa chegaram. Eram sete anões. Ao verem aquela bagunça, ficaram desesperados. Viram suas camas, todos olharam, mas o sétimo percebeu algo diferente e descobriu uma menina dormindo e resolveram acordá-la:

— Acorde menina!

Branca de Neve acordou e disse:

— Quem são vocês?

Os anões responderam juntos:

— Somos os sete anões. E qual é o seu nome menina?

— Meu nome é Branca de Neve e, quando encontrei essa casinha, entrei aqui.

Amanheceu e os sete anões foram minerar na montanha que havia ali perto, mas, antes de saírem, disseram:

— Branca de Neve, fique aqui e não abra a porta para estranhos.

Em seu castelo, a bruxa perguntou ao seu espelho:

— Espelho meu, tem alguém mais bonita do que eu?

O espelho respondeu:

— Sim, Branca de Neve é mais bonita que você.

A bruxa ficou tão brava que quase jogou o espelho no chão. Então, pegou duas maçãs, envenenou uma, e foi lá na casinha, bateu na porta e disse:

— Oi, menina! Quer uma maçã?

Branca de neve respondeu:

— Quero, sim, mas só se você comer uma também.

A bruxa muito esperta pegou a que estava sem veneno e Branca de Neve pegou a que estava envenenada, deu uma mordida e caiu feito uma pedra.

O príncipe que passava por ali viu tudo. Ele adorou a menina e acordou Branca de Neve fazendo muitas cócegas nela. De tanto rir, conseguiu cuspir a maçã envenenada. Depois disso, os dois foram se casar e tiveram dois filhos, uma menina chamada Sara e um menino chamado Heitor.

Livro: Contos de Grimm por Monteiro Lobato

Ano de publicação: 2021

Páginas: 65 - 78

Autor(a): Isabella de Oliveira Brandão

UE: EMEF Vinte e Cinco de Janeiro

DRE: Guaianases

Professo(a): Anna Carolyn Lima K. Ruiz

Cinderela

Depois do último baile, o Príncipe ordenou que um de seus servos procurasse pelas princesas que estavam no baile. E com essa ordem, o servo saiu à procura da dona do sapatinho de cristal.

O servo procurou, procurou e procurou tanto que acabou encontrando a Cinderela. No dia seguinte, a moça foi para o reino do Príncipe, que colocou o sapatinho de cristal em seus pés e eles couberam direitinho.

A Cinderela e o príncipe viveram felizes para sempre e a madrasta má morreu.

Livro: Contos de Grimm por Monteiro Lobato

Ano de publicação: 2021

Páginas: 15 - 26

Autor(a): Yasmin Borges Dionísio

UE: EMEF Vinte e Cinco de Janeiro

DRE: Guaianases

Professor(a): Anna Carolyn Lima K. Ruiz

João e Maria

Quando João e Maria voltaram para casa, eles descobriram que sua madrasta não morreu, que queria pegar o dinheiro deles e fugir na próxima noite, mas como João era muito esperto e Maria boa em planos, eles decidiram fazer um plano.

João comprou uma impressora, pegou um monte de papel, fez dinheiro falso e guardou o dinheiro verdadeiro em um cofre, e Maria fez muitas armadilhas.

João falou para seu pai comprar bastante comida e uma casa de luxo.

Começou a escurecer. O pai de João e Maria ainda não tinha chegado e João falou para Maria fingir que estava dormindo. Quando a madrasta foi pegar o dinheiro, foi caindo de armadilha em armadilha até sair pra fora da cabana.

Muito brava, saiu, e quando o seu pai chegou, ela não estava lá. Eles ficaram muito felizes e nunca mais ficaram com fome.

*Livro: Contos de Fadas
Ano de publicação: 2010
Páginas: 161 - 175
Autor(a): Nathalia Nascimento Souza
UE: EMEF João da Silva
DRE: Capela do Socorro
Professor(a): Terezinha Aparecida Conceição*

O Curupira

E os povos indígenas celebraram com um banquete dos deuses a proteção da mata por parte do Curupira. Enquanto a celebração acontecia, uma criança se perdeu na mata e acabou se deparando com o Curupira.

Tamanha a alegria daquela criança ao ver o protetor, que lhe deu um abraço tão carinhoso, e o Curupira, muito emocionado com o afeto que recebeu, escolheu a criança como a nova guardiã da mata e a levou novamente para junto de sua família.

Livro: Mistérios da Pindorama

Ano de publicação: 2011

Páginas: 12 - 16

Autor(a): Cleberson Samuell C. Ferreira Silvia

UE: EMEF Cel. Hélio Franco Chaves

DRE: Jaçanã/Tremembé

Professor(a): Silvia Cristina Moreira dos Santos Camargo

O Curupira

Ao verem o Curupira na floresta, os madeireiros não se intimidaram e tentaram capturá-lo. Mas, a princípio, ficaram confusos já que os pés dele são virados para trás. De repente, um deles percebeu como são os pés do Curupira e já não se deixaram enganar mais, até que conseguiram prendê-lo dentro de um pote de vidro, pois ele tinha perdido suas forças.

Ao voltarem para casa, resolveram mostrar o Curupira preso. Porém, o exibicionismo foi tanto que começaram a brigar para saber quem iria ficar com o pote até que acabaram derrubando o pote que se despedaçou todinho. Curupira recuperou os seus poderes, rapidamente tratou de fugir e ninguém conseguiu encontrá-lo.

Até hoje, o Curupira continua sendo o protetor da floresta.

Livro: Mistérios da Pindorama

Ano de publicação: 2011

Páginas: 12 - 16

Autor(a): Mariany de França Dourado

UE: EMEF Cel. Hélio Franco Chaves

DRE: Jaçanã/Tremembé

Professor(a): Silvia Cristina Moreira dos Santos Camargo

O Curupira

Curupira como protetor da floresta usou os seus poderes místicos e foi fechando a mata para protegê-la dos perigosos madeireiros. Por essa eles não esperavam, já que estavam mata adentro.

Alguns bem matreiros conseguiram escapar e foram correndo até a aldeia mais próxima para contar o ocorrido [...], mas ninguém acreditou no relato deles. Deu ruim para eles! E os que ficaram na mata se conscientizaram do desmatamento que causaram, lamentaram-se de todo o mal perante o Curupira e passaram a ser ajudantes dele protegendo a mata. Dizem na aldeia que eles foram engolidos pela mata.

Livro: Mistérios da Pindorama

Ano de publicação: 2011

Páginas: 12 - 16

Autor(a): Mateus Pedro da Silva

UE: EMEF Cel. Hélio Franco Chaves

DRE: Jaçanã/Tremembé

Professor(a): Sílvia Cristina Moreira dos Santos Camargo

O Curupira

Curupira, com toda a sua fúria, foi dar uma lição naqueles madeireiros que, ao verem aquele ser tão poderoso, protetor da floresta, trataram de correr e estavam totalmente desorientados e amedrontados. Ao chegarem no povoado, contaram sobre a aparição do Curupira e todos começaram a zombar deles.

Com muitas pessoas comentando, rapidamente a notícia se espalhou pelo povoado, a imprensa ficou sabendo e resolveu enviar uma equipe jornalística para saber ao certo o que estava acontecendo naquela região. Eles descobriram que aqueles homens estavam fazendo garimpo ilegal e trataram de informar a população.

E para o azar daqueles madeireiros, assim que os governantes também souberam da notícia, imediatamente expulsaram eles do país. Nunca mais souberam deles. Os indígenas ficaram muito felizes e o Curupira também, principalmente por ter ajudado a proteger a floresta e os animais.

Livro: Mistérios da Pindorama

Ano de publicação: 2011

Páginas: 12 - 16

Autor(a): Mirella Letieri de Macedo

UE: EMEF Cel. Hélio Franco Chaves

DRE: Jaçanã/Tremembé

Professor(a): Silvia Cristina Moreira dos Santos Camargo

O Mago, o Horrível e o livro de feitiçaria

O Horrível falou que queria ser lindo e o livro soltou todas as partes.

O Horrível ficou apavorado e colocou todas as folhas na ordem errada. Só que o Mago viu tudo e esperou que o Horrível contasse para ele o que fez.

Passaram muitos dias e, finalmente, o Horrível decidiu contar o que fez.

Depois que o Horrível terminou de contar, o Mago disse:

— Horrível, eu já sabia, só esperei que você contasse.

— Me desculpa, chefe.

— Claro, você está perdoado. Pode deixar que eu arrumo o livro.

Ele foi. O Mago colocou uma roupa e se sentiu bonito.

O livro ouviu e as folhas saíram e depois voltaram todas em ordem.

E ele viveu feliz para sempre com o Horrível.

Livro: O Mago, o Horrível e o Livro de Feitiçaria

Ano de publicação: 2007

Página: 36

Autor(a): Alice Rodrigues Noel

UE: EMEF Cel. Hélio Franco Chaves

DRE: Jaçanã/Tremembé

Professor(a): Tânia Seminário

O Mago, o Horrível e o livro de feitiçaria

O Horrível pediu para o livro para ser bonito, mas, de repente, o livro começou a soltar todas as palavras. Foi então que o Mago entrou no quarto de feitiçaria e falou:

— Mas o que está acontecendo aqui?

— Eu posso explicar. – disse o Horrível.

— Então explique. – respondeu o Mago.

— É que estava cansado de ser tão feio, então vim para o quarto de feitiçaria e pedi para o livro vermelho me tornar bonito. Então todas as palavras saíram do livro e eu estava juntando-as, quando você chegou.

O Mago pediu para que o Horrível medisse o livro e as palavras, assim o Horrível fez.

Foi quando o mago disse as seguintes palavras: Sim Salabin, que todas as palavras voltem para o livro em ordem de trás para frente e de frente para trás. Assim que o Mago conseguiu fazer o feitiço e colocar o livro em ordem, percebeu que o rei havia chegado e estava batendo na porta.

O Mago recebeu o rei que pediu para que ele fizesse uma poção para seus pés que estavam doendo muito.

Ele então fez a poção mágica, jogando nos pés do rei que parou de sentir dor. E todos viveram felizes para sempre.

Livro: O Mago, o Horrível e o Livro de Feitiçaria

Ano de publicação: 2007

Página: 36

Autor(a): Guilherme Felipe de Oliveira Mattos

UE: EMEF Cel. Hélio Franco Chaves

DRE: Jaçanã/Tremembé

Professor(a): Tânia Seminário

5º ANO

CONTO POPULAR

A era dos robôs

Um tempo atrás vivia uma garota chamada Yasmin. Ela tinha duas irmãs, Stephany, sua irmã gêmea de 15 anos e Melissa. Yasmin e Melissa eram inseparáveis, mas, Stephany nem tanto.

Melissa era fraca e ficava doente facilmente, mas com os chás, ela melhorava. Um dia de sol, Melissa ficou tão doente que nem os chás de mel ajudaram, então sua mãe calmamente pediu que Yasmin buscasse a única flor branca, no meio de doces rosas.

— Vá para o campo de rosas e procure uma flor branca, não vai ser difícil achar. – disse a mãe.

— Está bem mamãe! – disse Yasmin.

— Mas não fale com estranhos e não aceite nada deles! – avisou a mãe de Yasmin.

Yasmin foi procurar a flor que sua mãe queria, porém, uma onça estava vigiando a pequena Yasmin, quando ela sentiu que estava sendo seguida, ela olhou para trás e deu de cara com a onça.

— Eu não sou estranha, sou apenas uma onça querendo te ajudar. – disse a onça mentindo.

— Ia me ajudar me seguindo? Obrigada, mas eu não estou perdida. – disse Yasmin seguindo o caminho.

— Parece que está com fome, eu tenho vários doces aqui. – disse a onça convencendo a garota.

— Bom... uns docinhos não vão fazer mal. – disse Yasmin, indo até a onça.

Então Yasmin foi junto com a onça esquecendo de tudo que sua mãe havia dito. Na casa da onça havia vários

doces na mesa, a menina arregalou os olhos quando viu os doces favoritos dela em ordem, Yasmin comeu tanto que não conseguiu levantar da cadeira. A onça aproveitou e pulou em cima da garota, que gritou tão alto que um caçador que estava por perto ouviu, correu em direção ao grito e empurrou a porta, viu a onça com a barriga grande.

— Você de novo? – disse a onça.

— O que você fez dessa vez? – perguntou o caçador.

Antes de a onça falar, o caçador abriu a barriga dela, a pequena Yasmin saiu de lá e explicou tudo para ele.

– Meu Deus, quer que eu te leve para casa? – disse o caçador.

— Poderia me levar para o campo? – disse Yasmin.

Eles foram para o campo, Yasmin pegou a flor branca e voltou segura para casa. Ela deu a flor para a sua mãe, que apenas entregou para Melissa. A Melissa melhorou e foi após ter tocado na flor. Acontece que a flor era mágica e curava as pessoas em um só toque. A família desde então viveu em paz, a pequena nunca mais ficou doente e a onça não incomodou mais a Yasmin.

Autor(a): Miguel Cardena da Silva Pates

UE: EMEF Cel. Hélio Franco Chaves

DRE: Jaçanã/Tremembé

Professor(a): Dulcimara Aparecida de Almeida Santos

O acordo com a morte

Há muito tempo atrás, existiu um senhor que pescava. Um dia ele estava no mar em um bote e falou:

— Nossa! Não dá para pescar aqui, os peixes estão acabando!

Ele decidiu ir mais para o fundo. Quando chegou, jogou a vara e sentiu fisgar. Ele puxou com muito esforço. Quando conseguiu, viu que era uma foice e pensou:

— O que isto está fazendo aqui no mar?

Ele decidiu levar a foice para casa e guardou em um canto muito escondido. Quando ele estava se preparando para dormir e estava prestes a deitar, ouviu alguém batendo na porta e disse:

— Quem é?

Mas a pessoa não respondeu.

Bateram de novo na porta e o senhor foi abrir. Era a Morte.

— Fiquei sabendo que você encontrou minha foice.
– disse a Morte.

— Sim, eu encontrei. Mas tem certeza que é sua?

— Sim, tenho certeza.

— Tá bom, vou lá pegar.

O senhor foi pegar e, quando voltou, falou:

— Está aqui, mas você vai ter que me dar algo em troca.

— O que você quer?

— Viver para sempre e ter um bom trabalho.

— Combinado. Você vai trabalhar de médico, mas se deixar um paciente morrer, você também morre.

— Beleza!

Ele amou seu novo trabalho, mas um dia, um de seus pacientes morreu. A Morte apareceu e falou:

— Nossa, parece que vou ter que levar você.

E ele foi levado.

Autor(a): Felipi Aparecido Gomes

UE: EMEF Cel. Hélio Franco Chaves

DRE: Jaçanã/Tremembé

Professor(a): Celina de Almeida Santos Silva

A fábrica assombrada

Há muito tempo, existia uma fábrica de chocolate, lá na década de 80. Todos da região adoravam os chocolates de lá. Muitos anos depois, ela foi fechada e considerada mal assombrada.

Algumas crianças estavam brincando de esconde-esconde. Dois irmãos decidiram se esconder na fábrica e um deles disse:

— Pessoal, vamos nos esconder na fábrica?

Todos concordaram e eles foram. Chegando lá, eles sentiram um cheiro muito ruim. Uma criança achou um interruptor de luz, quando as luzes se acenderam, havia chocolates podres, balas, chicletes, pirulitos etc., mas, mesmo assim, continuaram explorando.

Um menino não aguentou o cheiro ruim e vomitou muito. Eles foram a todas as salas, viram várias salas. Depois de muito tempo andando, encontraram a maior sala de toda a fábrica. Nela, tinha tudo de gostoso, mas não gostoso, gostoso, porque estava tudo podre. Lá havia árvores de doce, grama comestível, um rio de chocolate e muitas, muitas outras coisas. Mas um curioso foi ver o rio mais de perto e o que todos sabiam que iria acontecer, aconteceu, ele caiu e gritou muito:

— Socorro, socorro!

Ninguém conseguiu salvá-lo. Depois do acontecido, eles começaram a ficar com medo e foram tentar ir embora, só que, no caminho, eles acharam o dono da fábrica, que disse:

— Venham, crianças, comer os doces!

Todos gritaram:

Foram correndo em direção à saída. O dono da fábrica foi mais rápido e capturou todos, menos um dos irmãos. Só que ele acordou desesperado e viu que tudo era um sonho ou será que não?

Autor(a): Brenda Dantas da Silva
UE: EMEF Cel. Hélio Franco Chaves
DRE: Jaçanã/Tremembé
Professor(a): Maura Jesus Santos

O Brasil, os indígenas e a flor da primavera

Na aldeia Teró, há muito tempo atrás, vivia um belo rapaz que se chamava Porã. Porã tinha esse nome, pois quando nasceu era muito belo. Porã significa “aquele que possui grande beleza”. Porã participava da caça, da coleta de frutos e de mel com outros rapazes. Além de bonito, Porã era bom e atencioso.

Na aldeia Teró, viviam muitas jovens, mas uma específica chamava atenção de Porã, seu nome era Potira. Ela era bonita, tinha cabelos escuros e olhos redondos e suaves. Porã adorava observar a bela Potira debaixo de uma folhagem, ela gostava de brincar com suas amigas na aldeia e nadar no rio Paraná.

— Venha, Potira! Vamos nadar no rio Paraná! – chamavam suas amigas.

Um dia, a aldeia Teró despertou com os sons dos tambores. Os portugueses estavam invadindo a aldeia e entrando em guerra com os indígenas. As mulheres, as crianças e os velhos ficaram nas aldeias, enquanto os jovens lutavam na guerra. Porã, que comandava o grupo, gritava:

— Vamos lutar por nossa gente, vamos lutar por nossa terra!

Dias depois, os indígenas voltaram vitoriosos, Porã vinha à frente do grupo. A aldeia Teró entrou em festa, todos festejaram a vitória do jovem Porã. Potira segurou-lhe as mãos e disse:

— Porã, eu sou Potira e entrego meu coração a você.

— E eu, agora, sou Porã Oriba, aquele que tem beleza e é feliz.

Era o mês de setembro. E assim, todos os anos, no mês de setembro, acontece a mesma magia da natureza: vem a primavera e as flores se enchem de cores.

Autor(a): Bianca Sophia de Oliveira C. Lima Vicentini

UE: EMEF Altino Arantes

DRE: Ipiranga

Professor(a): Francine Lopes Campi Poiato

Ella é ela sozinha

Era uma vez uma garota que se chamava Ella que vivia feliz com seu pai e sua mãe na cidade de São Paulo, mas o pai de Ella acabou falecendo e sua mãe ficou viúva. Anos depois, sua mãe se casou mais uma vez com um homem que era orgulhoso e muito mau. Além disso, ele tinha uma filhinha orgulhosa, mimada e má igual a ele, que se chamava Regina.

Com o passar do tempo, Ella teve que fazer todas as tarefas domésticas: lavar, passar, cozinhar, varrer, etc., enquanto sua irmã ficava deitada assistindo TV e mexendo no celular, sujando o chão com suas guloseimas e ameaçava Ella dizendo:

— Se você não limpar essa sujeira, vou falar para o meu pai que foi você quem sujou.

Ella ficou triste, pois sabia que o pai dela poderia convencer a sua mãe a brigar com ela.

Um belo dia, anunciaram na internet que haveria um grande baile na cidade, que todas as moças solteiras estavam convidadas e ganhariam um presente ao participarem, mas esse baile não era qualquer um, era um baile de casamento. A moça mais bonita iria se casar com o príncipe Felipe. O príncipe mais popular e bonito de toda cidade.

Ella queria muito ir ao baile, mas não tinha roupa para essa ocasião. Então, logo depois desistiu. Sua irmã, vendo a situação, disse:

— Olha, meus lindos vestidos! Pena que você não vai, não é? – zombou dela.

Ella, porém, não se importou, ficou feliz em ter um tempo com a casa só para ela.

Quando Regina voltou para casa, anunciou toda feliz que havia sido a escolhida, que se casaria no dia seguinte com o príncipe.

Com o passar dos anos, o casamento de Regina e do príncipe não deu certo e eles se divorciaram. Enquanto isso, Ella concluiu a faculdade, se formou em medicina, e até hoje ela mora sozinha e é bem-sucedida.

Afinal, as mulheres não precisam de homem para viver, não é?

Autor(a): Ana Luiza Teles Bittencourt dos Santos

UE: EMEF Vargem Grande

DRE: Capela do Socorro

Professor(a): Andréia Lima da Silva

Melhor amigo de estimação

O Natal estava próximo e Maya queria muito um cachorrinho. Ela pediu isso como presente e estava muito ansiosa para que esse momento chegasse logo.

Alguns dias passaram e o Natal chegou. A ceia do dia anterior tinha sido ótima e Maya não podia esperar para ver os presentes. Abriu o primeiro, o segundo, o terceiro... e nenhum era o seu pedido, mas, de repente, seu pai sai da sala e retorna rapidamente com um lindo filhote de cachorrinho.

— Eu amei! – disse a criancinha com os olhos cheios de lágrimas (lágrimas de alegria). Enquanto segurava o animalzinho no colo.

— O nome dele vai ser... Bolinha.

Depois da escolha do nome, todos ficaram alegres, especialmente Maya e Bolinha, que se tornaram amigos inseparáveis desde aquele dia.

Alguns anos depois, enquanto passeava com seu cachorrinho, sem querer, Maya soltou a coleira e Bolinha saiu correndo. Maya foi atrás dele, mas Bolinha era muito rápido e ela não pode alcançá-lo.

Ela voltou para casa desesperada e contou o que havia acontecido. Todos ajudaram a fazer cartazes e colar pela cidade para encontrar Bolinha, pois era muito querido por todos.

Mesmo com tantos cartazes, não havia nenhum sinal de Bolinha e Maya estava muito triste.

Certa noite, quando estava prestes a dormir, ela pediu com todo seu coração para encontrar seu amiguinho. Na manhã seguinte, enquanto estava na escola, uma de suas amigas perguntou se Maya já havia exposto nas redes sociais

a notícia de que Bolinha tinha desaparecido. Maya afirmou que não e, quando chegou em casa, foi exatamente isso que ela fez, pois teve a leve impressão que seria mais fácil encontrá-lo assim.

Pouco tempo depois, Maya recebeu uma mensagem:

“Olá, Maya, sou a Júlia. Eu e meu filho, Lucas, encontramos um cachorrinho muito parecido com o seu na rua. Como Lucas queria muito um cachorrinho e nós achamos que não era de ninguém, pegamos e cuidamos dele. Ao ver sua publicação na internet, mostrei para o Lucas, ele ficou um pouco triste, mas disse que vai devolver o cachorro ao seu verdadeiro dono”.

Maya ficou muito feliz porque alguém tinha encontrado e cuidado do Bolinha. Ela conversou com seus pais e eles marcaram um dia para buscar o Bolinha.

No dia marcado, eles foram na casa de Júlia. Maya percebeu que Lucas estava muito triste com a partida de seu amiguinho e se lembrou de como ficou feliz quando ganhou Bolinha.

Quando chegou em casa, ela pesquisou locais onde existiam feiras de adoção de pets, porque estava perto de chegar o Natal e ela queria presentear Lucas com um novo filhotinho para ele não se sentir sozinho.

Ela conversou com seus pais e os pais de Lucas para eles irem a uma dessas feiras e adotar um cachorrinho para ele.

Foi combinado um dia e então Maya e Lucas foram para a feira, eles estavam muito felizes! Tinha tantos cachorrinhos fofos. Depois de procurarem muito, Lucas escolheu o seu pet, ele era muito bonitinho.

— Vou dar o nome de Jack.

— Que nome legal! – disse Maya.

Após isso, Maya ainda quis adotar mais um cachorrinho para ela. Eles procuraram mais um pouco e Maya encontrou uma amiga para Bolinha, que chamou de Lolly.

Durante esse tempo, eles se divertiram muito! Foi uma experiência maravilhosa!

Maya voltou para casa muito feliz, pois tinha ajudado Lucas a encontrar o seu melhor amigo de estimação, assim como ela encontrou Bolinha. E isso fez aquele o melhor Natal de todos.

Autor(a): Emanuely Gonçalves de Matos

UE: EMEF Olival Costa

DRE: São Mateus

Professor(a): Glauceire Aparecida de Moura

A maçã da cura

Num reino distante, existia um príncipe muito bonito, que tinha uma maçã que curava as pessoas, com uma mordida.

Um dia, ele estava em uma batalha com o seu pior inimigo, Fleks. Fleks era um bruxo muito poderoso, que tinha um poder de hipnotizar as pessoas.

Em um momento da batalha, o príncipe caiu e perdeu sua maçã da cura. Então Fleks pegou a maçã e desapareceu.

No outro dia, o príncipe pediu ajuda aos cavaleiros, mas nenhum ajudou, porque Fleks era muito poderoso.

Então o príncipe tomou coragem e treinou para recuperar sua maçã.

Ele treinou muito e disse para si mesmo que estava pronto.

Chegando lá, Fleks o recebeu com um feitiço, mas o príncipe desviou.

Eles entraram em uma batalha suprema e quando Fleks soltou a maçã, o príncipe deu um golpe em Fleks, derrotando ele.

Assim, o príncipe seguiu muito feliz, sem o bruxo incomodá-lo.

Autor(a): Miguel Costa da Silva

UE: EMEF Amós Comenius

DRE: Freguesia/Brasilândia

Professor(a): Bruna Carolina de Moraes Silva

O multiverso dos três porquinhos

Era uma vez, três porquinhos, um se chamava Zé, o outro Zezinho e o último, Zezão. Eles moravam em suas casas perto da floresta e viviam em paz.

Os porquinhos tinham um ambicioso sonho de construir uma máquina que viajava no que eles acreditavam: o universo. Um lugar cheio de planetas, estrelas e trilhões de cada coisa que existe.

Certo dia, Zezão conseguiu peças suficientes e falou:

— Finalmente consegui! Agora mão na massa, apenas!

Depois de seis meses trabalhando, Zezão estava terminando a máquina e ouviu um barulho estranho. Era o lobo, só que muito mais forte!

Ele falou lá da casa do Zezinho:

— Agora é a minha vingança! HAHHAHAHAHAHA!

Os dois porquinhos tiveram que fazer um buraco para fugir, pois o lobo agora derrubava tijolos sem dificuldades.

Quando eles chegaram na casa de Zezão, a máquina implodiu e sugou toda a casa junto com os três porquinhos. Eles foram parar no futuro (que na verdade é o nosso presente).

Os porquinhos exploraram o lugar e acharam três casas que pareciam uma coisa chamada bunker. Quando eles entraram, encontraram João, Joãozinho e Joãozão. Também conhecidos como “Os três porquinhos”.

Joãozão fala para Zezão:

— Não acredito, você é daqui?

Zezão respondeu:

— Não, você pode me explicar o que está acontecendo?

— O lobo, ou melhor, os lobos estão comendo os porquinhos facilmente agora. No meu mundo, tinha nove e agora somos apenas nós três.

Então, do nada, uma explosão gigantesca aconteceu. Os lobos chegaram e o líder deles disse:

— Hora de fazer churrasco de porcos “originais e falsos”! MUÁHAHAHAHAHAHA!

O Joãozão pegou de sua mochila um cubo mágico, como ele sabia que existiam outros porcos, formaram o grupo chamado “O Sexteto dos porquinhos” e foram diretamente ao encontro com os lobos.

Chegando lá, o líder falou:

— Ora, se não são os porquinhos borralheiros! Lembra de mim? Vocês me ajudaram a completar meu plano!

Nesse momento, Zezão apenas gritou “avante!” e começou uma batalha. Zezão pulou e acertou um ataque no líder dos lobos. E eles continuaram se atacando, quando, de repente, o cubo implodiu e todos voltaram para seus lares. Menos o líder dos lobos maus e seus seguidores mais fortes, pois ficaram viajando em todos os universos em um looping de derrotas. Já os outros lobos que sobraram, reconheceram seus erros, mudaram de atitude e continuaram a viver em seus universos originais.

E todos os porquinhos finalmente viveram felizes para sempre.

*Autor(a): Matheus Lopes de Miranda
UE: CEU EMEF Dr. Paulo Gomes Cardim
DRE: Itaquera
Professor(a): Elaine Maria Alves Ferreira*

Rapunzel e o padrasto

Era uma vez uma menina, o nome dela era Rapunzel, ela morava nos Estados Unidos junto com o padrasto e sua mãe.

As tranças da Rapunzel eram lindas e longas, todo mundo ficava olhando para ela e o padrasto ficava com raiva.

Um dia, o padrasto decidiu ir para o Brasil. A Rapunzel disse que não queria ir, porque o pai dela morreu lá, ela tinha lembranças ruins.

O padrasto que sentia raiva das tranças aproveitou e falou para ela:

— Se você continuar a me desobedecer, eu vou cortar as suas tranças!

Ela disse:

— Eu vou contar para a minha mãe!

Quando a mãe dela chegou do trabalho, Rapunzel contou para mãe que o padrasto ameaçou que iria cortar as tranças dela. A mãe disse:

— Você tem provas?

Ele entrou no quarto da Rapunzel e começou a brigar com ela, fazia ameaças. O celular estava no armário, ela começou gravar.

A Rapunzel pegou um celular e foi mostrar para a mãe dela o áudio. Ela mostrou para a sua mãe e disse:

— Ô, mãe, as provas!

A mãe dela viu aquilo, expulsou o padrasto e viveram felizes para sempre.

Autor(a): Rayane Assis de Oliveira

UE: CEU EMEF Meninos

DRE: Ipiranga

Professor(a): Tatiana Correia Vital da Costa

Mira e a Fera

Era uma vez, uma jovem que se chamava Mira e ela tinha duas irmãs, uma delas era uma jovem que amava Mira e a outra irmã era egoísta e malvada com suas duas irmãs. A garota que era muito generosa com Mira sempre ajudava ela em todos os trabalhos domésticos.

Um dia, o pai das garotas disse que tinha que ir a uma viagem. E ele falou:

— Queridas, o que vocês querem que eu traga?

— Traga para mim joias, colares, vestidos e sapatos caros. – falou a irmã má. E Mira disse:

— Pai, eu quero um livro para mim. – respondeu Mira. A sua irmã boa falou:

— Papai, eu quero uma tela para pintar.

O pai saiu e foi para sua viagem. Se passaram duas semanas e ele voltou. Deu os presentes para suas filhas, mas o pai disse para Mira que não achou o livro que ela queria e em seguida saiu para o trabalho.

Se passaram algumas horas e o pai estava voltando quando ele passou por um castelo e decidiu ficar um pouco ali. Enquanto ele passeava, viu uma sala que havia vários livros. Entrou na sala e viu justamente o livro que Mira queria. Ele estava com um pressentimento que havia alguém atrás dele (e havia!). Uma Fera. Ele ficou aterrorizado e falou:

— Por favor, me perdoe por entrar em seu castelo!

— Tá bom, eu te perdoo, mas com uma condição: você tem que ir até sua casa, falar com uma de suas filhas para viver comigo! – falou a Fera.

Então, o pai chegou em casa e contou para suas filhas. A que era má nem se importou com a situação. Mira aceitou ir morar com a besta. E falou:

— Mas eu só vou se minhas irmãs forem comigo.

— Eu não vou morar com aquela besta feia! – Exclamou a irmã má.

— Eu vou com você, Mira – falou a outra irmã.

E foram as duas. Chegaram ao castelo. Quando viram a fera, ficaram aterrorizadas e a besta disse:

— Então vocês vão ficar aqui? – falou a Fera.

— Si-sim – responderam as duas irmãs.

— Venham comigo.

— O-ok.

Então elas foram e a Fera levou as irmãs até o quarto. As duas se deitaram e dormiram.

Na manhã seguinte, elas desceram e encontraram uma mesa com um café da manhã muito bom. Se sentaram e começaram a comer, mas elas estavam um pouco tristes, pois estavam com saudade do pai. Terminaram de tomar o café da manhã e foram diretamente ao quarto. Lá viram um espelho e desejaram ver o pai, mas descobriram que ele estava doente através do espelho. Foram avisar a Fera e ela falou:

— Ok, mas se vocês não voltarem, eu irei morrer de tanta tristeza.

E foram elas até a casa. Quando chegaram, bateram na porta e quem abriu foi a irmã má, que estava chorando, e Mira disse:

— O que aconteceu?

— Mira, uma desgraça aconteceu! O nosso pai morreu nesta manhã!

Mira e sua irmã caíram de joelhos e começaram a chorar e Mira disse:

— Irmã, venha conosco até o castelo, por favor!

— Eu não quero perder outro parente, então vou com vocês.

Quando chegaram ao castelo encontraram a Fera desmaiada no chão. As meninas ficaram assustadas e Mira começou a chorar com suas irmãs. A Fera começou a abrir os olhos lentamente e falou:

— Mira? Eu achei que você tinha partido!

— Mas eu não parti.

— Eu estava pronto para morrer – disse a Fera.

— Quem é ela? – perguntou, olhando diretamente para a irmã de Mira.

— Ela é minha terceira irmã.

Então a Fera se levantou segurando na mão uma caixinha. Mira pensou que ela iria pedi-la em casamento, mas no lugar dela a Fera perdeu a irmã má e ela aceitou se casar.

Mira ficou completamente furiosa. Foi até sua irmã, segurou o braço dela e gritou para a Fera:

— Ela só aceitou se casar por causa da sua riqueza! Ela é uma gananciosa!

Mas a Fera nem se importou. Mira e sua outra irmã voltaram para a casa do pai e, lá no castelo, a sua irmã só se aproveitava da riqueza do marido, que percebeu e disse à sua esposa:

— Eu devia ter aceitado o aviso da sua irmã!

Então ela fez as malas e fugiu com todo o dinheiro. A Fera foi até a casa do pai atrás de Mira e disse:

— Mira, você aceita se casar comigo?

— Sim!

E quando ela respondeu, a Fera se transformou em pessoa. Mira começou a chorar e disse:

— O-onde está aquela fera? – falou ela soluçando.

— Sou eu, Mira! Uma bruxa lançou um feitiço em mim – falou ele.

Mira o beijou. Se casaram. Se passaram alguns anos e a irmã boa de Mira se casou também, escreveu vários livros para Mira e todos viveram felizes para sempre.

*Autor(a): Araceli Luana Delgado Ubano
UE: EMEF Humberto Dantas
DRE: Freguesia/Brasilândia
Professor(a): Sara Barbosa Bertaglia Nascimento*

Os fugitivos

Fugitivos? Como assim? Eles estão fugindo do quê? Então... vamos ver!

A história começa com os pais de três animais que achavam que eles estavam muito grandes para ainda morar com eles, por isso deram um prazo para arrumarem um lugar para morar. Como já eram adultos, trabalhavam com construções de casas e prédios, então eles decidiram construir as suas próprias casas.

Enquanto eles estavam construindo as casas, eram vigiados de longe por um lobo que estava faminto e procurando uma maneira de se aproximar sem ser visto. Ele queria se aproximar para comê-los pois eram porcos.

Depois de os porquinhos terem terminado de construir as casas, mostraram uns para os outros do que eram feitas, para ver qual era o melhor material para construção. O porco mais novo fez de palha, enquanto o mais velho fez de madeira e o mais inteligente fez de tijolo.

Os porquinhos estavam relaxando e experimentando a nova casa, quando, de repente, veio o lobo, soprou e destruiu a casa de palha. Então o porquinho mais novo fugiu para a casa de madeira, mas o lobo seguiu ele e fez o mesmo, soprou e derrubou mais uma casa. Então o mais velho e o mais novo foram para a casa de tijolos, mas foram seguidos pelo lobo que, de novo, soprou, soprou, mas não derrubou a última casa.

Quando o lobo mau percebeu que o seu sopro não derrubou a casa de tijolos, ele teve a ideia de entrar pela chaminé.

Depois de entrar na chaminé, viu que os porquinhos acenderam a lareira e teve uma ideia: apagar o fogo com o seu sopro e funcionou.

Então entrou na casa e os porquinhos ficaram desesperados, pois não sabiam o que o lobo iria fazer com eles. Conseguiram sair de casa e trancar o lobo lá dentro, montaram armadilhas para o lobo se distanciar deles e foram fugindo pela floresta.

As armadilhas deixaram um rastro para o lobo seguir os porquinhos, então ele pensou em um jeito de desativar as armadilhas: jogando pedras no chão para ver se era seguro passar por ali.

Eles estavam construindo um barco que fosse rápido para fugirem, quando o lobo chegou à beira do rio. Os porquinhos já estavam terminando de arrumar o motor, quando viram o lobo se aproximando. Correram, entraram no barco e fizeram o barco funcionar. O lobo tentou os alcançar mas não conseguiu.

Depois de terem conseguido fugir, eles procuraram um lugar para morar. Ao longo de uma busca enorme, eles encontraram uma vila segura, onde viviam muitos porcos, tinha bastante comida e longe de predadores.

Autor(a): Breno Henrique Moreira da Silva

UE: EMEF Humberto Dantas

DRE: Freguesia/Brasilândia

Professor(a): Sara Barbosa Bertaglia Nascimento

Paulo e Clara

Em uma cidade não tão grande, vivia uma família gananciosa. A família era formada pelo pai, a madrasta e as duas crianças: Paulo e Clara.

Em um certo dia, Paulo ouviu uma ligação da madrasta para alguém. Na ligação, ela falava sobre doar as crianças. A madrasta era gananciosa e não queria gastar dinheiro com os filhos do marido.

Surpreso, foi contar para Clara, que ficou triste com a notícia. Um tempinho depois, Paulo teve uma ideia. Ele pensou em pedir abrigo para alguém que não fosse ganancioso. Clara concordou e, na manhã seguinte, partiram.

Eles foram de casa em casa, até que chegaram em uma que tinha um cheiro bom vindo de dentro. Paulo tocou o sininho que estava na porta, dali saiu uma senhora simpática, que perguntou:

— Olá, crianças! O que traz vocês aqui?

Paulo contou tudo o que aconteceu e perguntou se podiam morar ali. A senhora concordou imediatamente e ela deixou eles entrarem. A mulher perguntou se estavam com fome e ambos concordaram.

Depois de comerem até se satisfazerem, ficaram com sono. A senhora levou eles para um quarto lindo e então foram dormir. Quando Paulo acordou, viu que estava em uma sala fechada, cheia de comidas gordurosas.

A porta era feita de grade e a doce senhora era uma bruxa! A bruxa deu uma risada aguda e disse:

— Crianças tolas! Hahaha! Paulo, eu vou lhe fazer com sopa de macarrão e carne.

Depois disso, a bruxa fez a Clara de cozinheira, varredora e leiteira. Três semanas depois, a bruxa resolveu fazer a sopa, pois já não aguentava mais esperar que Paulo engordasse, então gritou para Clara ligar o fogo.

Quando Clara ligou o fogo, gritou para a bruxa:

— Você é uma bobona!

A bruxa ficou brava, então foi atrás da garota. Estava perto do fogão e, quando a bruxa chegou perto, a menina correu atrás da bruxa e a jogou dentro do forno do fogão.

Depois disso, Clara salvou o irmão e os dois pegaram tudo, voltaram para casa e Paulo contou o que ouviu da madrasta. O pai tirou a madrasta da casa e a família viveu feliz. Fim.

A camponesa e a fera

Em um reino bem distante, vivia uma família real. Eles tinham um filho.

Em seu imenso castelo, porém vazio (não, não era literalmente vazio, só de sentimentos), tinha móveis, muito capricho e tudo mais.

O rei Magnus era rude e grosso e dizia que os homens tinham que ser brutos e sérios. A rainha era humilde, amorosa e sempre ensinou seu filho, o príncipe Adam, a ser como ela.

Alguns meses depois, a rainha adoeceu e estava à beira da morte.

Antes de morrer, ela disse ao príncipe:

— Meu filho, conserve em você todo meu amor e seja gentil com as pessoas, não importa a classe social.

Os anos se passaram e Magnus fez com que o filho ficasse como ele: frio e sem amor.

Certo dia, chegou uma moça no castelo procurando pelo príncipe:

— O que você quer aqui? – perguntou o monarca desconfiado.

Ela estava tão arrumada que o príncipe achou que ela era uma princesa. O amor brotou em seu coração.

— Vim lhe pedir emprego. – respondeu a moça.

— Mas uma princesa assim não necessita de trabalho. – argumentou Adam.

— Não sou uma princesa e sim uma camponesa. – respondeu a jovem sorrateiramente.

— Ok, você pode trabalhar aqui, vejo honestidade em você.

Então Adam e a bela camponesa estabeleceram um relacionamento de confiança, conversavam enquanto viam o pôr do sol e caminhavam pelo jardim. Eram quase um casal, até que um belo dia a conversa mudou.

— Preciso lhe contar algo. – disse a camponesa.

— Diga o que quiser. – respondeu o jovem.

— Eu carrego uma maldição. – falou com seu coração angustiado.

— Como assim? – questionou o príncipe.

— A cada sete anos, aparece uma besta horrível para matar o prometido. – explica a donzela.

— E quem é o prometido? – questiona o príncipe.

A camponesa, aflita, responde:

— Eu sou a última prometida.

— Eu não deixarei você morrer, protegerei você desse mal. – afirmou o príncipe.

Então, ele começou a se preparar para lutar contra a fera. Estava tão preocupado que colocou meia dúzia de soldados em cada ala do castelo. Então, como num piscar de olhos, um animal com olhos vermelhos – carmesim – e pelo preto cintilante começou a rugir, com sangue nos olhos.

— Socorro! – gritavam os guardas desesperados.

Ninguém conseguia decifrar o que era aquilo. Alguns diziam que era um leão, outros que era um lobo enorme, porém, também diziam que não dava para compreender.

Então a moça tentou se esconder, mas, antes que pudesse, a fera pulou em cima dela.

— Adam, por favor, me ajude!

Então, Adam pegou sua espada e com um só golpe avançou para arrancar a cabeça da fera. Entretanto, a fera se transformou numa linda camponesa, idêntica ao amor de sua vida. A única prometida.

Espantado, Adam exclama:
— E agora? Duas prometidas?
Adam não suportou tanto amor e desmaiou. Acordou
em sua cama, ao som do chamado de sua mãe.

Autor(a): Maria Sophia Pereira da Silva
UE: EMEF Teresa Margarida da Silva e Orta
DRE: Campo Limpo
Professor(a): Joyce de Oliveira Silva Machado

A menina e o colar de diamantes

Era uma vez uma menina que se chamava Sara. Ela era linda e inteligente, a mãe dela a amava muito e sempre dava muita atenção para ela. Teve um dia que a mãe da menina a chamou e deu um colar de diamantes muito lindo. A Sara era muito trabalhadora, sempre ia no rio para pegar água, aproveitava para tomar o seu banho e deixava seu colar encostado numa árvore.

Sempre fazia isso, até que um dia, após o banho no rio, foi embora e não percebeu que o colar tinha ficado na árvore. Quando percebeu isso já era tarde e voltou correndo em direção ao rio, encontrou um homem e perguntou para ele:

— Moço, o senhor viu o meu colar por aí?

— Ah... Um colar de diamantes? Sim, eu achei, está ali no meu saco. É só você ir pegar lá, está bem?

Ela foi lá, mas sabia que ele estava mentindo e falou:

— Espera aí, meu colar está na sua mão. Você quer me enganar?

E o homem pegou o saco, colocou-a no saco e correu para a floresta dizendo alto:

— Quando eu falar para você cantar, você canta! Porque senão eu vou ter que bater em você, ouviu?

— Está bem, disse a menina soluçando.

Daí ele foi de casa em casa, de porta em porta e falou:

— Moça, você já ouviu um saco cantar? Me dê 10 moedas de ouro que eu mostrarei.

— Eu não acredito!

Então, ele falou:

“Canta, canta meu saquinho
Deixa a tristeza pra lá
Canta, canta muito forte
Pra essa vida melhorar!”

E o saco começou a cantar. Foi ganhando muito dinheiro, até que foi na casa da menina, bateu na porta e falou para a mãe dela:

— Você quer ouvir o meu saco cantar? Me dê 15 moedas de ouro que eu vou te mostrar!

E a mãe disse:

— Sim, quero ver!

“Canta, canta meu saquinho
Pode, sem medo, cantar!
Olhe, cante pra essa mãe,
Que a filha está a procurar.”

A mãe de Sara logo reconheceu a voz da filha e falou:

— Espere um pouco. – e foi correndo chamar o marido.

— Pode pedir para o saco cantar de novo? – e ele cantou, cantou.

“Canta, canta meu saquinho
Pode, sem medo, cantar!
Olhe, cante pra essa mãe,
Que a filha está a procurar.”

O pai perguntou para o homem:

— O senhor quer ficar e dormir aqui na minha casa esta noite?

E o homem aceitou. Depois que ele dormiu, o pai e a mãe foram ver o saco e acharam a filha deles.

O pai ficou muito bravo e quis se vingar. Pegou um monte de bosta de boi, de porco e de vaca, colocou tudo no saco e quando amanheceu o homem foi embora para a

fazenda de um fazendeiro bem rico que tinha por aquelas bandas e falou:

— Você já viu um saco cantar?

E o fazendeiro disse:

— Não!

Pois o homem falou para o saco cantar, mas para isso eu vou pedir para que o senhor me dê 100 moedas de ouro.

— O homem falou:

— Só cem? Eu te dou 1000 moedas se isso for verdade.

E assim foi.

“Canta, canta meu saquinho,

deixa a tristeza pra lá!

Canta, canta muito forte

Pra esse homem enriquecer”.

E o saco nada de cantar! Ele repetiu:

“Canta, canta meu saquinho

deixa a tristeza pra lá

canta forte, muito forte

pra esse homem enriquecer.”

O saco não cantou e ele ficou nervoso. Então, ele pegou um pedaço de pau e “bum”, bateu com tudo no saco.

E vocês não sabem o que aconteceu! Pois foi bosta para tudo quanto foi lado. O fazendeiro ficou furioso.

Nossa! Esse homem teve que sair correndo que nem sabe pra onde ele corre até hoje.

Autor(a): Tamilly Martins da Silva Leitão

UE: EMEF João da Silva

DRE: Capela do Socorro

Professor(a): Terezinha Aparecida Conceição

O vendedor ganancioso

Um vendedor tinha uma filha que era bem bondosa, gentil e alegre. Não tendo a vida que sempre quis em sua terra natal, que era Bezerros em Pernambuco, ela despediu-se de sua família e de seu pai, seguiu viagem à procura de um trabalho.

Mesmo estando longe, sempre mandava cartas e dinheiro ao seu pai, mas quando ela parou de mandar cartas, seu pai começou a julgá-la como morta.

Depois de muitos anos, apareceu na lojinha do vendedor uma mulher que pedia uma vaga de emprego em sua loja. O velho aceitou, mas quando ele percebeu que a mulher não tinha onde dormir a convidou para dormir em sua casa. Ela aceitou e quando já estava dormindo, o homem viu que na mala da mulher tinha muito dinheiro e resolveu matá-la.

Ele pensou muito, mas acabou matando a mulher, enterrando-a nos fundos da sua loja.

Voltou à cena do crime para pegar o dinheiro, abriu a mala e viu que aquela mulher era sua filha agora cheia da grana, vindo fazer uma surpresa.

Com vergonha e desgosto do que fez, se entregou à polícia e ficou preso o resto da vida.

Autor(a): Pedro Henrique da Silva Reis

UE: EMEF João da Silva

DRE: Capela do Socorro

Professor(a): Terezinha Aparecida Conceição

6º ANO

CONTO DE
ASSOMBRAÇÃO
E MISTÉRIO

Carta mortal

Olá, esta é uma carta que escrevi sobre algo que aconteceu comigo. Se você está lendo isso, saiba que algo pode acontecer contigo.

Bem, eu estava saindo de casa para visitar minha falecida avó, até trouxe flores. Me ajoelhei diante de seu túmulo e rezei. Quando estava indo embora, passei por um lugar vazio, com uma energia horrível. Eu me senti observada lá e avistei uma lápide. Essa lápide era de uma antiga amiga minha, da época do colégio, que morreu um ano atrás.

Eu saí de lá, mas, desde então, tive sonhos muito estranhos e, por incrível que pareça, era com essa tal amiga. O seu nome era Lilyth, mas costumávamos chamá-la de Lily. Ela era bem excluída, porém eu realmente gostava dela. Tirando que sofria bullying por seus pais já estarem mortos e o fato de a chamarem de esquisita.

Mas, voltando, eu tive sonhos, onde eu estava com Lily no colégio e algumas visões que me assustavam bastante. De noite, as portas da minha casa se abriam, eu ouvia barulhos e me arrepiava.

Voltando à Lily... Ela tinha um lindo sorriso e tinha o costume de me abraçar bastante. Seus abraços me confortavam, nós duas realmente nos dávamos bem, até o dia que eu a abandonei e ela acabou se matando. Eu não tive sonhos sobre nossos bons momentos, apenas os ruins, que eu não gosto de lembrar, pois são horríveis.

Eu continuei tendo essas visões por semanas.

Alguns amigos meus me chamaram pra sair, então eu aceitei. Fomos a um bar. Quando estávamos indo embora,

eu decidi tirar uma foto com minha câmera. Após revelar a foto, eu vi uma figura atrás de mim que parecia me abraçar da mesma forma que Lily me abraçava, pela cintura.

Olhei mais nitidamente e essa figura era Lily! Me assustei, pois eu havia visto essa figura em várias outras fotos minhas. Olhei no espelho e... a vi. Tomei um susto. Fui empurrada. Corri, descí as escadas do prédio onde morava e corri mais ainda. Muitos carros passavam por mim, eu estava descontrolada. Havia muitas imagens perturbadoras na minha mente, eu corria sem saber onde estava ou pra onde eu estava indo.

Eu olhei pra trás e não vi nada. Quando me virei, Lily estava na minha frente! Ela gritou e me empurrou. Eu estava de volta no cemitério, ela continuava vindo atrás de mim e corri mais uma vez. Vi que estava naquele lugar vazio e frio de novo... Eu sabia que ela estava vindo atrás de mim, virei e disse:

— Por que eu!? O que eu fiz pra você? Eu fui a única pessoa que ficou ao seu lado! Então, por que veio atrás de mim?

Lily olhou no fundo dos meus olhos e disse:

— Não se lembra? Você me traiu!

— Trair você? Quando fiz isso?

— Então realmente não se lembra? Nós duas estávamos saindo juntas, nós iríamos ler um livro na biblioteca e você foi ao banheiro. Foi nesse momento que umas garotas que você conhece chegaram. Elas começaram a me assustar e me espancar. Eu chorava gritando seu nome. Eu não parava de sangrar. Quando você chegou, ficou parada, elas chamavam para você ajudar e eu chamava você para me salvar. Você foi até mim, tirou uma foto e ficou olhando. Eu desmaiei, pois não aguentei a pressão. Depois disso, vim até esse cemitério e, no exato lugar onde você está, me matei.

Eu comecei a chorar, mas antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ela gritou:

— Você disse que me amava! QUE IRÍAMOS FICAR JUNTAS PARA SEMPRE! EU AMAVA VOCÊ!

Então ela se aproximou de mim e me enforcou até que eu não conseguisse mais respirar e, ali mesmo, morri.

Assim como aconteceu com Lily, meu corpo foi encontrado dias depois e anunciaram minha morte no noticiário. Disseram que foi suicídio, pois não havia rastros, evidências de outro tipo de violência.

Agora, eu e Lily estamos juntas novamente! Nos divertimos juntas, assim como na época do colégio.

Bem, mas como eu disse no início, não é qualquer um que recebe essa carta. Cuide-se e... Obrigado por ler a carta sobre minha morte.

Autor(a): Luma Mariz dos Santos

UE: EMEF Prof Roberto Patrício

DRE: Freguesia/Brasilândia

Professor(a): Paulo Henrique de Oliveira Pequeno

A criatura imortal

Há muitos anos, uma espécie de criatura monstruosa havia sido extinta em São Paulo. Essa besta foi a causa de muitas mortes na cidade e deixava todos apavorados. Um tempo depois, as mortes foram diminuindo e, até então, parecia tudo bem.

Jessi, uma moça de 23 anos, morena, cabelos ondulados, estava em sua casa, por volta das onze da noite, assistindo a um jornal. O programa dizia que, naquele mesmo dia, aproximadamente 50 pessoas haviam sido encontradas mortas em uma floresta pouco frequentada. Falava-se também que eles suspeitavam que fosse o retorno das criaturas, porque as pessoas estavam com marcas de garras por todo o corpo. Depois de ouvir isso, a jovem apenas desligou a televisão, achando aquilo uma bobagem, e foi se deitar.

Na manhã seguinte, Jessi foi trabalhar, igual a todos os dias, só que dessa vez ela se sentiu observada e teve um pressentimento ruim, como se algo fosse acontecer, mas preferiu ignorar aquilo. Na volta para casa, o pressentimento havia voltado, dessa vez, pior. Jessi andou com passos apressados, para chegar logo em casa. A sensação de estar sendo vigiada voltava. Com medo, ela olha para trás, mas não vê ninguém. Ao se virar para a frente novamente, deparou-se com algo que ela nunca havia visto antes: parecia um monstro, com garras, chifres e dentes afiados. Ela tentou gritar, mas teve a boca tapada com as mãos gigantescas e sujas de sangue, indício de que a criatura havia matado uma ou até mesmo mais pessoas.

Jessi, apavorada, ficou se debatendo nos braços do monstro, mas obviamente não resultou em nada, até porque ela era

muito mais fraca que ele. A criatura ficou frustrada com tanta resistência da garota, que lutava para se soltar. Puxou-a pelos cabelos e começou a arranhar a menina, que gritou muito, sentindo muita dor. O monstro jogou Jessi no chão, o que a fez desmaiar, formando uma poça de sangue em volta dela.

Os vizinhos que moravam por ali ouviram os gritos e saíram de suas casas para ver o que estava acontecendo e algumas pessoas começaram a gravar para depois mostrar para a polícia.

No dia seguinte, Jessi acordou assustada e com muita dor de cabeça. Olhou em sua volta e viu que estava em uma floresta: a mesma floresta em que as pessoas foram encontradas. No local havia também vários policiais, alguns mortos e outros lutando contra aquele ser maldoso. Fraca e ferida, Jessi se levantou, cambaleando, e aproveitou que os policiais estavam distraíndo o monstro. Pegou uma faca que estava no chão e assim que o ser indestrutível ficou de costas para ela, fincou a faca nas costas daquela aberração.

Houve silêncio por um tempo, mas, ao se virarem, escutaram um barulho de algo queimando. Perceberam que a pele do monstro estava derretendo e que ele parecia estar se tornando mais poderoso. Ele soltou um ruído tão grave, mas tão grave, que assustou a todos, fazendo com que eles recuassem com o vento. Os pássaros que estavam nas árvores saíram todos voando.

Era só o bicho encostar nas pessoas que elas já morriam, ficando com a pele queimada. Naquele instante, Jessi percebeu que aquele ser infernal era imortal. Mas percebeu também que ela não havia morrido, como os outros, então foi descobrir o porquê. Assim que ela se aproximou da besta, o monstro a segurou pelos braços, fazendo com que queimassem. A criatura levantava a jovem e a olhava com “admiração”.

Jessi acabou morrendo e não obteve resposta para a sua pergunta: “por que ele não me matou assim que me encontrou?”.

Autor(a): Ana Luyza da Rocha Silva

UE: EMEF Prof Antonio de Sampaio Doria

DRE: Santo Amaro

Professor(a): Loan Leblon Almeida Ferreira de Souza

A maldição da Uta

Yae, uma menina japonesa que se mudou para São Paulo a alguns dias, logo que chegou no novo colégio, entrou em sua sala e se apresentou:

— Meu nome é Yae, tenho 15 anos e sou japonesa, espero ter um ótimo ano com vocês.

Todos se impressionaram e foram falar com ela, uma dessas pessoas foi a Marta, que disse:

— Oi, Yae, quer participar do meu trio?

Yae aceitou feliz, porque tinha feito amigas.

Na saída, Yae esbarrou em uma das meninas do trio, era a Natália, que já conhecia.

Então, Natália avisou:

— Olá, Yae, amanhã vai ter um passeio, venha junto!

Yae balançou a cabeça concordando e foi embora.

Chegou o dia do passeio e todos estavam no acampamento. Marta, Natália, Bruna e Yae se divertiram muito. No final da tarde, já escurecendo, Natália e Marta acenderam uma fogueira e Bruna gritou:

— HORA DOS CONTOS DE TERROR!

Confusa, Yae perguntou:

— Como assim “contos de terror”?

Natália então explicou:

— Cada uma de nós vai contar uma história de terror antes de dormir. Então, começa com você.

Yae começou a história:

— Essa história se chama “A maldição da Uta” que conta sobre uma menina que morreu no banheiro por causas

desconhecidas e dizem que ela atrai pessoas fazendo barulhos no banheiro para matá-las.

Bruna então, sendo sarcástica, falou:

— Então é isso, os contos de terror dos japoneses?

Logo as outras meninas começaram rir e Yae envergonhada começou a rir junto. Depois de muita risada e conversa, as meninas foram dormir.

No meio da noite, Bruna escutou barulhos vindos do banheiro e, mesmo com medo, ela foi olhar. Quando chegou lá, ela viu uma menina de cabelos longos e escuros chorando, e então Bruna perguntou:

— O que está fazendo aqui? E por que está chorando?

A menina então contou:

— Eu sou a Utaka e vim visitar o mesmo lugar onde eu morri.

As outras meninas escutaram o grito de Bruna e foram ao banheiro, porém, não viram nada, apenas uma mancha de sangue no espelho. Elas ficaram tão assustadas que nem perceberam que Yae não estava com elas, até que a misteriosa menina do banheiro saiu de uma das portas com a Bruna morta em seus braços e falou:

— Vocês realmente não acreditaram no meu conto? Já que não acreditaram, vou fazer acreditar.

No dia seguinte, o faxineiro se assustou com o sangue em toda parte. O acampamento foi fechado. E Yae vai de colégio em colégio para matar as pessoas que não acreditarem em seu conto.

Autor(a): Clarissa Leal Silva Amaro

UE: EMEF Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira

DRE: Guaianases

Professor(a): Adriana Costa Lima

Os bonecos de Joseph

Em um dia nublado e frio, fui contratado para cortar a grama de um parque na minha cidade. Levei algumas ferramentas de jardinagem. Chegando lá, coloquei meus fones de ouvido e comecei o trabalho enquanto ouvia minha música favorita.

Comecei a cantar, me distraí e me machuquei com a tesoura de poda. Fiquei desesperado, pois o corte estava profundo e sangrento. Resolvi procurar ajuda, porém não encontrei ninguém. Então, me sentei na grama perto de um rio e fiquei tentando estancar o sangue; mas assim que eu olhei para o lado, vi que tinha um senhor pescando. Corri rapidamente até ele e expliquei o que houve comigo. Ele me ofereceu ajuda e me levou até seu chalé.

Fizemos um curativo, coloquei roupas quentes e um paninho no meu machucado. Depois, me sentei no sofá e comecei a conversar com o senhorzinho. Ele me disse que seu nome era Joseph e que tinha 62 anos. Era super gentil e tinha várias histórias loucas para me contar. Mas o que me chamou mais atenção foi uma coleção de bonecos “realistas” que ele tinha. Os bonecos pareciam super-reais, com cabelos, cílios e a pele parecida com a humana.

Deixei para lá e continuei a conversa. Mas a cada pergunta que ele fazia, eu me sentia mais desconfortável. Ele perguntava coisas do tipo “Quanto você calça?” ou “Quanto você veste?”. Tentei não dar muita importância.

O tempo foi passando. Ele me ofereceu um chá e eu aceitei. A cada gole, fui ficando mais sonolento. De repente, eu caí no sono. Acordei na sala, cheia de roupas pelo chão,

toda bagunçada. Fiquei desesperado. Um dos bonecos olhou para mim e disse:

— Bem-vindo à coleção amigo!

— Bem-vindo? Coleção? Amigo?

Entrei em pânico. “O que estava acontecendo?”, gritei vendo que estava amarrado.

Respirei, captei a mensagem. Aquele senhorzinho fazia bonecos de humanos. Será? Escutei passos. Será que era o Joseph descendo as escadas? Bem que minha mãe avisou para não confiar em estranhos.

Lembrei e peguei a tesoura de jardinagem no meu bolso. Com muito sacrifício, cortei as cordas e procurei uma saída. Encontrei a janela e consegui sair daquele lugar, correndo muito. Olho para trás e quem está atrás de mim? O senhorzinho. Corri tanto que tropecei num tronco, o Joseph estava quase me alcançando. Em meio à correria, escuto um som! Minha música favorita.

— Eita, é o meu despertador. Por que estou no chão? Aiiii... estou atrasado para a escola!

Ao colocar minha blusa percebi que estou com o mesmo curativo que Joseph me deu!!!

Autor(a): Nicolý Cunha Pereira

UE: EMEF Teresa Margarida da Silva e Orta

DRE: Campo Limpo

Professor(a): Joyce de Oliveira Silva Machado

O quadro do palhaço

Era festa de aniversário na casa de André. Ele estava fazendo oito anos de idade e, dentre vários presentes, um chamou sua atenção: um quadro com a gravura de um palhaço, que usava um chapéu amassado com uma flor morta presa ao chapéu, era um rosto triste.

André era uma criança alegre e arteira, que gostava de comida japonesa. Seu melhor amigo era o Fernando, muito divertido, também tinha oito anos, e adorava brincar com André.

Mas André não tinha mais tranquilidade para brincar no seu quarto, se sentia vigiado pelo estranho quadro pendurado na cabeceira da cama. Ele tinha a impressão de que o palhaço se mexia enquanto ele brincava.

Pior ficava quando anoitecia. Na hora de dormir, ele ouvia ruídos que pareciam vir do quadro. Levantava-se da cama, ligava a luz e lá estava o palhaço com sua cara triste, mas, ao mesmo tempo, com um sorriso cínico.

Certa noite, resolveu dar um basta. Pegou o quadro e o colocou embaixo da cama, deitou e pensou que tinha achado uma boa solução, mas começou a ouvir uma risada bem baixinha, como se o estivesse provocando. Foi quando sentiu um forte puxão em seus braços. Não podia acreditar no que estava acontecendo. O palhaço estava na sua frente, não era a gravura, era real. Seu rosto era sombrio, com sua maquiagem desbotada, era um circo de horrores.

— Me larga, seu palhaço horroroso! Me larga! – gritava André se debatendo.

O palhaço continuava a segurá-lo com muita força, dando gargalhadas. Nesse momento, o palhaço ergueu uma de suas mãos e a enfiou com toda força no peito de André, que sentiu o amargo sabor da morte em seus lábios. Não queria morrer desse jeito, então, juntou toda a força e coragem que tinha, tirou o palhaço de cima de si, correu para ligar a luz e, quando a ligou, o palhaço simplesmente havia sumido. André olhou embaixo da cama e o quadro ainda estava lá.

Na escola, ao contar o que havia acontecido, seus amigos lhe deram a ideia de queimar o quadro. Chegando em casa, André pegou o quadro e perguntou ao seu amigo Fernando:

— Onde vamos queimá-lo?

— Na minha garagem! Vamos botar fogo nesse palhaço!
– respondeu Fernando, muito nervoso.

Jogaram muito álcool, André riscou um fósforo e o jogou em cima do quadro. O quadro queimou inteirinho até não restar mais nada e os dois comemoraram muito.

Um ano após o acontecido, era festa de aniversário de Fernando. Todos os amigos reunidos, inclusive André. Muitos presentes chegaram, havia um presente que ninguém sabia quem tinha dado.

— Oba! Vamos ver o que é esse! – gritou Fernando, todo feliz, chamando seus amigos.

— Acho que é um jogo! – disse André, animado.

— Não! Eu acho que é um quebra-cabeça! – disse um outro amigo.

E ao desembulhar, não era nada mais, nada menos do que...

... O quadro do palhaço!

*Autor(a) Laura Beatriz Santos da Silva
UE: EMEF Vargem Grande
DRE: Capela do Socorro
Professor(a): Rejane Lopes da Silva*

O cômodo

Há um tempo, meu pai morreu. Eu e minha mãe nos mudamos para casa da minha avó que também havia morrido, há 26 anos. A casa era grande e bonita, tinha 14 cômodos, mais o quintal e o jardim. Mamãe contratou cinco funcionários para cuidar da casa. Nas paredes havia fotos de minha avó e de um cachorrinho em seu colo. Meu quarto ficava no 2º andar ao lado de um cômodo que minha mãe falava para eu não entrar, pois era perigoso e eu sempre ouvia barulhos de latidos e de algo sendo arrastado. Por conta disso, eu corria para o quarto de minha mãe, que me acalmava dizendo que era coisa da minha cabeça. Mamãe tem 46 anos, cabelos castanhos claros, usa óculos, tem lindos olhos verdes e é super paciente com tudo. Já eu tenho 9 anos, tenho cabelos castanhos, pois eu puxei de meu pai, que tinha cabelos pretos e 47 anos.

Certa noite, eu estava prestes a dormir quando o mesmo latido e o algo sendo arrastado começou, mas eu decidi ir até este cômodo mesmo assim com minha lanterna. Então saí de meu quarto, dei quatro passos para poder chegar na porta desse cômodo. Coloquei minha mão na maçaneta e abri a porta lentamente. Assim que abri a porta, tive a visão de um quarto todo rosa. Entrei no quarto e olhei detalhadamente por todo o lugar. Ouvi um barulho de porta batendo atrás de mim e me virei lentamente. Minha avó estava lá, segurando o mesmo cachorro da foto. A vovó começou a andar em minha direção lentamente.

— Sua mãe disse para você não vir aqui, não foi querida? Você é teimosa que nem seu pai! – vovó disse chegando perto de mim.

Dias depois, uma manchete de jornal anunciava: “O curioso caso do cômodo onde pai e filha, em épocas diferentes, foram encontrados mortos”.

Na matéria relatava que, nessa vez, uma garota foi encontrada pendurada no cômodo de sua casa, completamente dilacerada e em situações muito suspeitas. A mãe, principal suspeita, declarava-se inocente e afirmava ao jornalista da notícia:

— Eu disse para ela não entrar naquele cômodo. Naquele maldito cômodo!

Autor(a): Julia Nicole da Costa

UE: EMEF Presidente Nilo Peçanha

DRE: Freguesia/Brasília

Professor(a): Kleiton Ferreira de Oliveira

A amizade maldita

Em uma tarde chuvosa, uma mãe ia fazer um lanche para seu filho que estava no quarto. Ela o chamou para lanche e percebeu que o filho estava falando sozinho. Achando isso estranho, resolveu perguntar e ele disse que estava falando com seu amigo imaginário chamado Fred.

A mãe ficou meio assustada, mas, logo depois, falou que ia arrumar o quarto do filho. Quando entrou no quarto, quase caiu para trás de tanto susto. Ela se deparou com um desenho de uma criatura toda preta, assustadora, e foi correndo chamar o filho. O menino falou que não precisava se preocupar porque ele havia feito um desenho do Fred, seu amigo imaginário.

A mãe, mesmo assustada, decidiu tomar um banho, mas, quando chegou no banheiro, seu filho estava na porta e perguntou a ela: “Por que a luz vai acabar?”. Ela falou que não ia acabar e perguntou quem tinha falado isso. O garoto disse que foi informado pelo seu amigo imaginário.

A mãe estava apavorada e, imediatamente, falou para o filho se trancar no quarto e não sair de lá até ela mandar. Ele obedeceu. Ela se trancou no banheiro e foi para a banheira relaxar a sua mente, mas, de repente, a luz acabou. Ela começou a ouvir os gritos de seu filho e foi correndo para a porta.

Quando ela ia sair, a criatura que seu filho havia desenhado apareceu e, quanto mais a mãe andava para trás, mais a criatura chegava perto dela. Depois de cinco minutos de pânico, a luz voltou e a criatura sumiu. A mãe foi correndo para o quarto do filho e quando ela abriu a porta, o filho não estava lá.

Havia apenas uma mensagem pintada na parede: “eu voltarei!”

Autor(a): Luara Leão Silva Dumbrovsky

UE: EMEF Prof Roberto Patrício

DRE: Freguesia/Brasilândia

Professor(a): Paulo Henrique de Oliveira Pequeno

O pique-esconde

Dois irmãos resolveram brincar de pique-esconde. O mais velho começou a contar e o mais novo correu para se esconder.

Assim que o irmão mais velho terminou de contar, saiu para procurar seu irmão caçula e, após vinte minutos, se cansou e acabou desistindo. Então, começou a gritar o nome de seu irmão.

Ficou muito tempo gritando. Já estava preocupado, quando decidiu contar para os seus pais. Logo, todos começaram a procurar o pequeno. Ligaram para a polícia e as buscas se intensificaram, mas nada foi encontrado.

Passaram-se uma, duas, três semanas e nada.

Certo dia, o irmão mais velho precisava pegar algo no sótão e sentiu um cheiro forte vindo de uma mala. Quando abriu, viu o corpo do irmão mais novo em decomposição.

*Autor(a): Suyane Suellen Santos Leite
UE: EMEF Ana Maria Alves Benetti, Profa
DRE: Santo Amaro
Professor(a): Katia Melo*

Cachorro Fumaça

Em uma cidadezinha do interior de São Paulo, Araçoiaba da Serra, havia uma mulher chamada Dona Joana. Todos a conheciam e diziam que ela era doce, gentil e feliz mulher. Ela tinha uma cachorrinha chamada Penélope.

Num belo dia, Dona Joana saiu com a sua cachorrinha para passear e, ao sair de casa, apareceu um gato ruivo. Penélope viu o gato e começou a correr atrás dele. Ele estava com medo da cachorrinha e, também saiu correndo. Dona Joana preocupada saiu atrás dos dois.

Quando Dona Joana encontrou sua cachorrinha, viu que Penélope estava coberta de sangue embaixo de um carro. Ela ficou desesperada e de seus olhos saíram várias lágrimas. O homem do carro saiu e falou:

— Senhora, eu posso levar sua cachorrinha ao veterinário.

Mas ela pegou Penélope no colo e saiu correndo para sua casa, pois percebeu que estava morta. Ela não queira enterrar a cachorra longe de sua casa. Então, à meia noite, de lua cheia, enterrou sua cachorra no gramado em frente de sua casa.

Todas as vezes que era meia noite, de lua cheia, quando as pessoas passavam em frente da casa de Dona Joana, sempre tinha fumaça e essa fumaça tinha a forma de cachorros. As pessoas olhavam e viam cachorros em fumaça, latindo para quem passasse. As pessoas saíam correndo e gritando dali. Todas as vezes que isso acontecia, Dona Joana saía na varanda e gritava:

— Parem de gritar, vocês vão acordar a minha cachorra Penélope!

As pessoas que passavam por ali continuavam a gritar e nenhum vizinho conseguia dormir por causa dos latidos e do medo que sentia toda vez que tinha lua cheia. Os vizinhos e amigos de Dona Joana diziam que ela não era mais a mesma pessoa doce, gentil e feliz, agora, sempre estava fria, brava, triste e muito ingrata. E assim, as pessoas foram se mudando e deixando Dona Joana cada vez mais sozinha.

Um dia, Dona Joana chegou em casa com um novo cachorro e Penélope vendo isso ficou muito triste, pois pensou que sua dona a tinha esquecido e, com raiva, começou a assombrar todos daquele bairro, que antes era pacato e tranquilo, passou a ser um lugar insuportável e triste.

Assim, Dona Joana, não aguentando mais viver nessa casa, resolveu se mudar, deixando sua cachorra Penélope. Desde então, a cachorra assombra a todos, vivendo triste e infeliz por se sentir abandonada.

*Autor(a): Brayan Gonçalves Luiz de Sá
UE: EMEF João da Silva
DRE: Capela do Socorro
Professor(a): Juliana Alves Rocha*

O mistério do castelo

Eu estava correndo, correndo sem parar. De repente, tropecei em algo! Não sei o que foi exatamente, mas quando abri os olhos, eu estava em um castelo. Ele era grande, sombrio, escuro e frio. Fiquei com medo! Mas minha mãe sempre diz que temos que ser corajosos, que não há problema em sentir medo e que para superá-lo temos que encará-lo de frente. Então, entrei no castelo, com certo receio, mas fui em frente. Fechei os olhos para não ver os morcegos ou aranhas, mas quando os abri, vi somente uma aranha e ela não era tão assustadora assim. Na verdade era bem fofa – eu já tive uma aranha de estimação, mas não durou muito tempo, pois a achei no parquinho e tive que deixá-la lá. Seu nome era Meri, pois me lembrava uma das minhas princesas favoritas e uma personagem de um livro que li. Quando cheguei mais perto, ela falou comigo! Fiquei surpresa.

— Queres sair daqui?

— Sim. – respondi.

Ela me olhou, meio que esperando algo a mais, tipo uma confirmação. Balancei a cabeça confirmando e me guiando até uma porta.

— Se quiseres sair daqui, passe por essa porta, mas cuidado! Alguém habita este lugar.

Quando perguntei quem seria essa pessoa, fui empurrada para dentro da porta. Não consegui ver quem foi que fez isso. Só ouvi uma risadinha. O lugar era escuro, mas não demorou muito para que as luzes acendessem.

Um piano começou a tocar. Não havia ninguém nele. Assustada, dei um passo para trás. O piano parou de tocar e

falou comigo, assim como a aranha:

— Queres sair daqui?

— Sim. – respondi.

O piano começou a se mover e, de repente, ele parou. Ouvi um barulho familiar. Era aquela mesma risadinha, de novo. O piano, por incrível que pareça, parecia assustado. Sussurrando, ele me disse:

— Vai até uma porta amarela, à direita. Mas, cuidado! Tem uma certa pessoa que mora aqui.

Quando pensei em perguntar quem seria, fui empurrada para fora da sala. Não entendi nada. Não sabia o que realmente fazer. Quando pensei na possibilidade de não voltar para casa, quase chorei. Virei à direita e, quando avistei a porta, ouvi a mesma risada de antes, mas parecia que estava mais perto.

Com medo, corri até a porta, mas parecia que quanto mais eu corria mais alta a risada ficava. Tentei abrir a porta, mas ela não abriu. E a risada cada vez mais perto, parecia abafada, enterrada. Forcei a porta, mas ela nem se mexeu. Ouvi um barulho mais alto e, quando eu olhei para trás, vi uma bruxa. Sei que é difícil acreditar, mas eu estava vendo uma aranha e um piano falar. Ver uma bruxa não me deixava mais tão assustada assim. Quando olhei para trás de novo, ela estava com uma cara estranha e parecia que queria me devorar.

Finalmente, a porta se abriu. Corri o máximo que pude e consegui sair daquele castelo. Estava com medo de nunca mais voltar para casa. Vi a bruxa e corri, mais do que eu podia imaginar.

De repente, alguém falou comigo:

— Ei, ei você aí.

Olhei para trás e vi um cavalo. Ele parecia me chamar. Fui até ele, mas dessa vez, não fui questionada se gostaria de sair daquele lugar.

— Venha, suba em mim. – disse o cavalo.

Subi, sem hesitar. Ele saiu correndo e, quando olhei para trás, vi que a bruxa estava atrás de nós. Comecei a tremer e o cavalo correu mais rápido. De repente, um raio acertou uma das patas do cavalo! Ele caiu na hora. Muito machucado, disse:

— Fuja daqui! Vá o mais longe que puder!

Eu estava triste, pois causei isso a ele. Foi minha culpa e ele já muito cansado, disse:

— Não foi sua culpa, foi dela.

Olhei para trás e apontei a bruxa.

— Vá enquanto pode. Eu ficarei bem.

— Sei que não deveria me sentir culpada, mas me apego muito rápido às pessoas, aos animais e até mesmo a um piano. – pensei.

Corri, corri como se fosse a última vez, mas quando eu olhei para trás não vi mais a bruxa. Cansada, me escondi num canto, perto de uma pedra e comecei a pensar um milhão de coisas.

— Será que o cavalo, a aranha e o piano estão bem? – triste, sem saber o que fazer, desabei a chorar.

Algumas lágrimas caíram no meu joelho e latejou. Acho que machuquei quando caí do cavalo. Quando tentei me levantar, algo tocou no meu ombro. Olhei para o lado e vi a bruxa! Paralisei, fechei os olhos e quando abri alguém falou:

— Te peguei.

Fiquei pasma, era meu amigo.

— Gente, achei a Lunna, hahaha!

Fiquei tão feliz que tinha até me esquecido: eu estava brincando de esconde-esconde com meus amigos.

Minha amiga Âmbar disse:

— Você se esconde muito bem.

— Verdade.

— Onde você estava?

Disse que não sabia.

Eu sei que a resposta foi meio estranha, mas há poucos minutos, eu estava em um castelo mal-assombrado e, agora, estou em casa. Já estava ficando tarde, então, eu e meus amigos fomos para nossas casas. Cheguei em casa, comi e fui direto para o banho, mas quando fui me vestir, senti uma dor na perna. Lá estava o machucado no meu joelho. Já em minha cama eu não conseguia parar de pensar: será que tudo aquilo aconteceu de verdade? Quando contei tudo isso para minha mãe, ela disse que eu me machuquei quando tropecei, enquanto corria para me esconder de meus amigos.

O que ela disse pode até ser verdade, mas tudo o que passei também foi. Eu tenho certeza de que vivi tudo aquilo!

*Autor(a): Thalita Maria dos Santos
UE: EMEF Teresa Margarida da Silva e Orta
DRE: Campo Limpo
Professor(a): Joyce de Oliveira Silva Machado*

A mansão Willians

Olá, me chamo Maya, moro em Hawkins, Indiana. Hoje é 4 outubro de 1981 e cuidarei de uma criança de 8 anos. Sim, eu sou babá. A mãe da criança, Barker Williams, é dona de uma das maiores mansões de Hawkins. Dizem que a mansão era assombrada e o filho assustador. Eu não acredito em nada disso, mas vai saber, não é?

Enfim, agora são 18 horas e estou indo para a mansão Willians. Ando um pouco e chego nela, passo pelo jardim e bato na porta. A senhora Barker abre, então digo:

— Olá, senhora Barker, me chamo Maya, tenho 17 anos e vim cuidar de seu filho.

Ela me deseja boas-vindas e agradece por eu ter aceitado, pois nenhuma outra babá quis vir. Estranhei, mas quando me dei conta, a senhora Barker me entregou um avental azul e me levou para um breve tour pela mansão até o quarto de Barry.

— Filho, esta é Maya, sua babá. Ela cuidará de você esta noite, tudo bem?

O menino me olha e volta a prestar atenção no que a mãe diz:

— Já vou indo. Se comporte com a senhorita Maya.

Ela se despede e eu vou falar com o menino:

— Quer fazer algo Barry? Está com fome?

— Vou ao sótão, não estou com fome. – respondeu Barry, saindo do quarto e indo para o sótão.

Já na sala me pergunto o que aconteceu com a antiga babá e o porquê de Barry ter ido ao sótão. Olhei no relógio e já são 22 horas. Já se passaram duas horas que o garoto foi ao sótão! Então resolvi procurá-lo. Lá, vejo-o sentado no chão, de pernas cruzadas e com uma vela acesa. Me assustei. Sem

coragem de entrar, chamo por ele na porta e ouço uma voz medonha e sem se mover...

— O que você quer?

— Eu queria saber onde você estava. Tá fazendo o que aí? – perguntei tentando não demonstrar meu medo.

— Já obtive suas respostas, então vá embora.

Não obedecendo, respondo:

— Mas eu ainda não entendi o que você está fazendo.

— Bom, já que você insiste... Há dois “boatos” que envolvem a mim e esta mansão. O primeiro é falso, o segundo... não.

Penso em correr, mas ele continua:

— Sabe minha antiga babá? Até que eu gostava dela, sabe? Mas ela descobriu meu segredo. Nunca mais foi vista. Agora, pensando em nossa situação, acho que você também não será mais vista. – diz Barry virando os olhos (consegui até ver o branco do olho, acredita?).

Sem pensar, começo a correr o mais rápido possível. Ele vem atrás de mim. Barulhos estranhos e arrepios me perseguem, portas batendo e eu correndo, correndo... Cheguei ofegante na porta, mas ela não abre. Sem saber o que fazer, olho para trás e vejo Barry, que se aproxima dizendo:

— Chegou seu fim, Maya, tchau, tchau.

Então, me lembro da janela da sala, corro até lá, pego minha bolsa em cima do sofá, subo nele e abro a janela. Pulo, corro para fora. Olhei para trás e na janela vejo Barry com uma expressão “normal” e sorrindo levemente.

Corro para casa em busca dos braços de minha mãe.

— Maya, acorde menina.

— Mãe? Mãããeeee! Como é bom ouvir sua voz! Ué, será que... sonhei? Mas que avental azul é aquele ali? Mãããeeee.

Autor(a): Sophia Alves Felix

UE: EMEF Teresa Margarida da Silva e Orta

DRE: Campo Limpo

Professor(a): Joyce de Oliveira Silva Machado

Uma festa na casa assombrada

Certa manhã, na escola, Ariana, que era corajosa, aventureira e amava mistérios, recebeu uma mensagem de um número desconhecido, que dizia:

— Olá, Ariana! Não vou falar meu nome, mas vou dar uma festa esta noite, sou uma vizinha nova.

Larissa era a melhor amiga de Ariana e também recebera a mesma mensagem. Elas foram à festa e, quando chegaram lá, Ariana disse:

— Nossa, Larissa! Será que é aqui mesmo? Está vendo? Não tem ninguém!

— E essa casa não tem nada de decoração.

Mesmo assim, entraram na casa, assim que entraram, caíram, na queda desmaiaram e quando acordaram... estavam presas com cordas e correntes, em um lugar onde havia um caixão e duas caveiras. Foi quando uma voz do além apareceu falando:

— Aha, Aha, consegui pegar vocês depois de tanto tempo!

Elas nem gritaram de medo, porque perceberam um aparelho de som de onde vinha aquela voz sinistra.

Com muito custo, conseguiram se soltar e acenderam a luz. A decoração do lugar era bizarra. Foi então que descobriram que era uma “amiga” da escola fazendo uma brincadeira de mau gosto. Ariana e Larissa conseguiram sair da casa, que, na verdade, era uma casa abandonada. Dias depois, conheceram o dono da casa que lhes contou a macabra história dessa casa.

Autor(a): Larissa Barcelos de Jesus

UE: EMEF Vargem Grande

DRE: Capela do Socorro

Professor(a): Rejane Lopes da Silva

7º ANO

CONTO DE AVENTURA

A aventura dos irmãos Martinês

Alberto Martinês é o mais velho dos três irmãos. Tem o Tom, o irmão do meio, e a Escarlete, a mais nova e a única menina. Os três irmãos foram à procura de um rio, onde quem pisasse iria obter um poder que ninguém consegue explicar.

Tom foi o primeiro que ouviu falar sobre esse rio e foi direto contar para seus irmãos. Então, arrumaram tudo por cerca de duas semanas e foram à procura do rio na semana seguinte.

Eles já estavam caminhando há mais de seis horas, então Alberto disse:

— Vamos descansar um pouco, beber água e comer alguma coisa.

— É, eu estou com sede e muita fome. – disse Escarlete.

Tom apenas concordou e se juntou a seus irmãos. Comeram e beberam água, depois voltaram a caminhar. Fazia exatamente dez minutos que tinham voltado a andar e, depois de alguns segundos, eles escutaram um barulho. Quando prestaram atenção, perceberam que era apenas um coelho. Então, eles foram na direção do barulho e se esconderam, quando viram que também havia uma raposa no local. Decidiram, assim, jogar uma pedra do outro lado para ver se a raposa se distraía e ia à procura do barulho, deixando o coelho em paz. E, por incrível que pareça, o plano deu certo.

Depois disso, eles voltaram a andar. Quando, de repente, Escarlete olhou para o céu e percebeu que ia anoitecer, então ela disse:

— Temos que achar um lugar para passar a noite! Rápido!

— Verdade! É muito perigoso andar pela floresta à noite. – disse Tom.

— Então, vamos! Precisamos achar um local seguro. – disse Alberto.

Eles conseguiram achar um local seguro, montaram a barraca e foram dormir. No dia seguinte, acordaram bem cedo, desmontaram a barraca, comeram um pouco e começaram a caminhar novamente.

Depois de um tempo, os irmãos ouviram alguns passos, quando olharam para trás, era Ramon, um dos moradores da Vila onde moravam. Ele também estava atrás do rio mágico e, por isso, resolveu seguir os irmãos. Depois disso, Escarlete olhou com raiva para Ramon e disse:

— Ramon, você quase nos matou de susto! Se você queria vir com a gente, era só ter pedido. Não era necessário vir escondido!

— Desculpe, Escarlete! Eu estava com vergonha de falar com vocês. Sério! Desculpe mesmo! – disse Ramon.

— Ok! A gente perdoa! – disse Tom.

— Agora, vamos! Porque eu quero chegar lá ainda hoje! – disse Alberto.

Eles andaram mais algumas horas e chegaram ao rio. Só que, quando eles iam entrar, apareceu o guardião do rio que disse:

— Para vocês entrarem, eu preciso saber se vocês são dignos! E, pra isso, vocês vão ter que acertar a charada!

— Tá bom! – responderam os quatro em sincronia.

— Vamos lá! Eu sei que vocês não vão saber responder mesmo! Até hoje ninguém acertou. – disse o guardião.

— A charada é assim: dois bebês nascem exatamente no mesmo momento, porém, por alguma razão, a data de nascimento deles não é igual. Como isso é possível? – perguntou o guardião.

— Essa é muito difícil! – disseram os garotos em coro.

— Eu sei essa resposta! Os bebês nasceram em países com fusos horários diferentes! – respondeu Escarlete.

— Certa resposta! Podem passar! – disse o guardião.

Os quatro comemoraram e começaram a nadar no rio mágico, mas, quando saíram, perceberam que nada havia mudado. Apesar disso, não se aborreceram, pois tinham se divertido com essa aventura toda. Então, voltaram para a Vila e contaram a todos que o rio não era mágico coisa nenhuma.

*Autor(a): Beatriz Euzébio Oliveira Silva
UE: EMEF Prof.ª Ana Maria Alves Benetti
DRE: Santo Amaro
Professor(a): Katia Melo*

O reino escondido

As férias de verão, data muito esperada por muitos jovens, mas não por Auto. Ele nunca gostou da tradição de sua família, pois sempre que a estação mais quente do ano chegava, sabia que teria que aguentar as inevitáveis viagens que seus pais faziam a fim de sair da rotina.

O garoto se sentia mais confortável indo à escola todos os dias (ainda que em férias) do que visitando lugares estranhos como sempre fazia. Tentando ignorar a repulsa que tinha em estar em um carro apertado com malas e travesseiros o esmagando e sob o calor do sol da estrada, Auto seguia a viagem.

Ele aproveitava o que podia; ou seja, a vista linda das paisagens que se sucediam na janela. O caminho até o aeroporto era curto e o garoto tirou fotos de tudo que chamava sua atenção. Um fotógrafo amador, mas com bastante talento, era o que o descrevia.

Após horas de voo, finalmente haviam chegado em uma pequena ilha paradisíaca. Seus pais queriam ajudá-lo a socializar, então pediram para ir a algumas trilhas dali para que saísse um pouco e, talvez, fizesse amigos. Relutante, o jovem aceitou.

A trilha era estranhamente escura. Auto não faria tanto caso se não precisasse de uma boa iluminação para retratar os animais que ali habitavam. Em meio às árvores, o garoto tentava achar o final do caminho. Ora, aquele lugar parecia infinito! De repente, escutou um barulho baixinho vindo de trás de algumas moitas. Era como um canto doce vindo de trás das árvores. Imaginou que fosse alguma moça colhendo flores ou passeando com seu bichinho de estimação e iria sair

dali para não ser pego pela suposta desconhecida, contudo, lembrou-se que seus pais pediram para que fizesse amigos e quem seria mais amigável do que uma moça colhendo flores em uma floresta? Auto não tinha nada a perder, então foi até o som esperando encontrar aquilo que deduzia.

No meio da mata, viu algo que chamou sua atenção. Uma silhueta coberta por um manto? Um casaco com touca? Um tecido qualquer? Não sabia distinguir, mas era lindo. A cor azul em vários tons ornava bem com o ambiente em que estavam. Ficou curioso sobre o portador do manto.

Antes de qualquer coisa, puxou sua câmera a fim de tirar uma foto da figura, e assim o fez. O som da máquina assustou a figura enigmática à sua frente, que virou assustada ao avistar o garoto tentando fotografá-la. Subitamente entrou na floresta.

A primeira reação do jovem foi checar sua câmera para ver se, no mínimo, tirou uma boa foto da pessoa de manto e quando abriu o arquivo se deparou com um ser de cabelos compridos e brancos como a neve. Tinha um rosto fino e delicado, olhos completamente pretos e pele acinzentada.

Auto não estava apenas curioso, estava assustado e, ao mesmo tempo, bastante admirado com a aparência do ser. Lembrou para onde a pessoa de manto havia fugido e não demorou a segui-la.

O caminho era repleto de árvores enormes e densas, que dificultavam sua passagem no meio da floresta. Porém, para sua sorte, os rastros do ser ainda estavam bem visíveis ali. De repente, aquela mata densa e escura não parecia mais estar inundada em um breu infinito. O cantar dos passarinhos era adorável e podia-se escutar água caindo de algum lugar.

— Achei a saída! – pensou.

Ao adentrar o final do caminho deixado pelo ser enca-puzado, viu um lindo ambiente. Era lindo, mas extremamente

anormal. Tinha uma neblina baixa e que, de alguma forma, cheirava como as flores. O chão era feito com pedras que, mesmo aparentando aspereza, eram suaves e lisas ao pisar. Tudo parecia irreal.

Auto olhou para cima e viu um lindo céu em um *dégradé* róseo-alaranjado bastante calmante. Os passarinhos eram enormes com plumagem linda e laranja como o fogo. Além do mais, havia um belo riacho ali perto com animais aquáticos inimagináveis de belos. Ao garoto, o ambiente tinha um cheiro leve e agradável semelhante ao caramelo e era rodeado de altos montes verdes.

Curioso, pegou sua câmera sem mesmo se dar conta do som de passos atrás de si. Até sentir uma mão quente tocar seu ombro.

— O que está fazendo aqui? – questionou uma voz baixa e aparentemente tímida.

Auto virou-se assustado e se deparou com a entidade que viu mais cedo. Tinha cílios longos e lindos cabelos à altura da cintura. A única coisa que a diferenciava de um humano era a pele acinzentada com desenhos de cor escura e seus olhos que pareciam ter sido engolidos pela pupila. A criatura o encarava com falsa irritação. Podia sentir pelo leve tremor da mão em seu ombro que o ser estava apavorado.

— Desculpe, estava fazendo a trilha e me perdi. Segui você até aqui em busca de ajuda. – falou Auto com uma resposta parcialmente verdadeira.

Estava de fato perdido, mas seguiu aquela criatura apenas para fotografar aquela beleza incomum.

Se afastando lentamente, observou a anatomia do ser e ficou impressionado. Tinha um corpo perfeito, adornado com desenhos que aparentavam ser pinturas gregas antigas. Apenas os grafismos de seus braços eram visíveis dado ao fato

de o ser estar coberto do pescoço até o meio do tronco por vestimentas em tom avermelhado parecidas com as folhas que caem ao outono.

— B-Bem... apresse-se e volte de onde veio! Aqui não é lugar para humanos. – a criatura bateu o pé no chão, tentando mostrar raiva e autoridade.

Falhou miseravelmente, pois grunhiu de dor assim que pisou no solo. Havia dado um mal jeito no tornozelo pelo impacto.

— Está tudo bem? – Auto levou a atenção ao pé da criatura que agora o segurava tentando amenizar a dor.

— Posso levar você ao médico. – sugeriu.

— Não! Estou bem, humano. Saia daqui antes que alguém veja você. – ordenou a criatura segurando o lugar da torção.

— Ei, espere! Meu nome é Auto e você?

— É... Infie...

— Só “Infie”?

— Exatamente! E você? É apenas “Auto”?

— Sim...

Auto perguntou o que era aquele lugar e sua interlocutora ficou confusa.

— Como assim “o que é esse lugar”? É Mãe Santa, minha casa. – respondeu Infie simplista.

Auto explicou que aquele lugar era totalmente diferente e inimaginável. Infie disse para o novo conhecido que, independentemente do que fosse seu lar, Auto não poderia ficar por muito tempo.

— Vá embora, humano! Preciso voltar para meu treinamento. – Infie disse autoritária, já empurrando o garoto para a saída.

Logo, no lado de fora do lugar, Auto tentou convencê-la a explicar melhor.

— “Treinamento” pra quê?

— Meu lar será destruído, Auto. Após a morte do meu Rei, é chegada a guerra entre os filhos para assumir o papel do pai. São três irmãos gêmeos. O Rei havia ordenado que governassem juntos, dividindo o Reino de Mãe Santa e trabalhando unidos para manter a paz. Entretanto, eles não respeitaram o desejo de seu pai e cada um deseja governar sozinho. Veja bem, Mãe Santa é dividida em três partes e cada irmão deveria governar uma delas. O primeiro governaria a Tribo Caçadora, que provê alimento e abrigo. O outro a Tribo da Agricultura, garantindo aos plebeus, pagantes de impostos, a distribuição de terras em diferentes áreas de solo fértil onde poderiam produzir livremente. O último dos irmãos ficaria encarregado pela Tribo dos Guerreiros, que é o mais forte esquadrão de proteção do meu lar. Contudo, nenhum deles obedeceu à vontade do Pai-Rei e agora lutam entre si pelo governo de Mãe Santa. Nosso reino é dependente da harmonia entre os irmãos. Sem isso, sucumbirá.

— Todos terão que lutar por meu lar em alguns meses, por isso preciso que você fuja! – implorou.

Auto se deu por vencido, mas antes questionou a Infie se teria algo que pudesse fazer para ajudá-la.

— Você é humano, Auto. Mãe Santa é um lugar com criaturas fortes, com muito mais capacidade do que você. Sua única forma de ajudar seria negando sua humanidade e se tornando um de nós. – respondeu a garota, apertando o manto azul na tentativa de amenizar a aflição.

Auto ficou cabisbaixo. Queria conhecer mais Infie, mas não poderia ter chegado em pior hora. Antes de ir embora, tornou a falar.

— Infie, caso escolhesse me tornar um de vocês, o que aconteceria comigo?

Ele não tinha a real intenção de abdicar de sua humanidade já que negava toda aquela ideia do Reino de Mãe Santa, apenas queria saber até onde iria a garota.

— Você seria exposto à magia. Iríamos mudar apenas seu interior, mas seu corpo e aparência continuariam os mesmos. Seria mais forte e resistente, assim como nós. – explicou Infie, tentando não manter o garoto lá por muito tempo.

Auto ficou descrente de tudo o que foi dito, mas falou que aceitaria a proposta, pois estava minimamente curioso.

Infie se fez surpresa, mas concordou, imaginando que seria divertido tê-lo ali para conversar antes do fim de Mãe Santa. Ela o levou até um sábio que realizava os rituais e era conhecido por ser o único a escutar a voz daquele reino. Ele ficou assustado ao ver o sábio, mas assim que adentrou a tenda que o homem habitava, desmaiou.

— Auto? Ele está acordando, ele está vivo! – vibrou Infie, levantando o garoto aos poucos. Ao olhar para os lados, viu outros seres como Infie, mas de aparência e características diferentes, como tamanho e cabelo.

Um dos sábios, o mesmo que realizou seu ritual, analisou rapidamente o corpo do garoto, que se assustou ao sentir suas mãos gélidas

— Parece que funcionou. – afirmou o ser acinzentado.

— Auto, agora você pertence à Mãe Santa. Irá servir e lutar para a prosperidade do nosso lar e viverá como um de nós. – disse o homem ao realizar seu ritual.

— ISSO NÃO É POSSÍVEL! A magia é irreal, tire-me daqui antes que eu chame a polícia! – exclamou Auto, tentando fugir.

Estava completamente certo de que aquele papo de magia era apenas loucura. O que o assustava era o lugar onde estava. Ele era fraco e estava rodeado de criaturas maiores que ele.

— Acalme-se, criança! – o senhor disse isso tocando seu ombro e, de repente, seu corpo inteiro relaxou o forçando a deitar novamente.

— Infie nos contou sobre sua desconfiança. Conheço seres como você desde sempre. Mãe Santa o aceita e agora você irá lutar por ela. – o velho sábio de aparência característica saiu do lugar.

Agora só sobraram Auto e Infie, calados no quarto.

— Isso não pode ser real. Eu quero que me tire daqui!
– ordenou Auto.

— Você escolheu abdicar sua humanidade. Agora, seu interior pertence à Mãe Santa! Queria me ajudar na guerra, não? Você pode! Vamos, Auto! Aceite isso... – implorou a garota, tentando amenizar a situação.

— Me prendeu em uma cama e agora não consigo nem mesmo me mexer! Como espera que eu aceite isso? – indagou o fotógrafo amador, irado com o que estava acontecendo.

— Ora, não pode ir! Como eu disse, pertence a Mãe Santa, lembra? Estamos em momentos difíceis e meu lar precisa de ajuda. Com seus conhecimentos, nós teremos apoio sobre o mundo humano também! Vai, Auto! Aceite, por favor. – ela implorou tentando convencê-lo.

Auto sempre acertara em toda e qualquer previsão e intuição astuta sobre a maioria das situações de suposto perigo que encontrara, mas esse erro poderia acabar com sua liberdade.

— Quando essa guerra acabar, Infie... serei libertado?
– questionou o fraco garoto.

— Mãe Santa precisa de apoio, acredito que ela deixará você ir, mas não poderá esquecer dela de forma alguma! Sua vida continuará após a guerra, mas precisa voltar a Mãe Santa sempre que convocado. – explicou a outra, esperançosa.

— Então, eu ficarei. Me liberte quando tudo acabar, por favor.

— Você será libertado apenas se sobrevivermos à guerra dos três príncipes.

Passaram-se alguns meses desde que o treinamento de Auto havia iniciado. O garoto mostrou grande habilidade, força, estratégia e técnica para o trabalho. Destacou-se por seus conhecimentos não só em batalha, mas também sobre o mundo humano. Ao final desses meses, Auto era um soldado.

Infie era sua tutora e ambos se apegaram firmemente. Afinal, agora eram irmãos por Mãe Santa.

Certa noite, o calmo ambiente foi brutalmente atacado por flechas e rochas, indicando o início da guerra. Auto estava pronto.

Eram exércitos enormes, mas Mãe Santa tinha preparo e suporte da floresta. As árvores se fecharam, o chão tremia e todos os habitantes do lugar atacaram em sincronia. Usaram escudos e espadas afiadas.

Aqueles com mais habilidade controlavam não só as armas, mas também tinham extrema ligação com a mata e usavam isso a seu favor. Infie mantinha-se fiel ao lado de Auto, mas se mostrou mais forte em combate, com habilidade e força. Ela fez questão de acabar com aqueles que estavam a seu alcance, também cuidando do amigo que dava o seu melhor em cada golpe.

O sangue esparramava e era possível ver que Mãe Santa não demoraria a perder. O céu se fechava, a coroa seria tomada.

— Desistam agora ou serei forçado a matar cada um! – gritou um dos gêmeos, Lamar era seu nome.

— Você tem sorte de ainda estar vivo, irmão! – respondeu Gael, o segundo gêmeo.

— Ao final da batalha, a coroa será minha, e espero ter o sangue de vocês em minhas mãos! – a última palavra foi dita pelo terceiro e último gêmeo, Orion.

Não demorou para que travassem uma bruta batalha de espadas, dispersos do resto da guerra que ocorria entre o exército de cada um.

Por um momento, Auto avistou os irmãos que lutavam pela coroa. Ele escutou o som baixo e leve de uma voz feminina. Calmamente dizia para atacar. Seus olhos se fizeram nublados e ele viu apenas uma linha vermelha que apareceu no momento em que o pescoço de cada um dos irmãos ficou alinhado. Ali estava a brecha que precisava.

Nem mesmo entendia o que se passava, parecia que a força do vento estava o levando até a brecha. Levantou sua espada e, com ela, cortou o fio vermelho. Um corte rápido como serpente.

O garoto fora tão veloz que atravessou os milhares de guerreiros sem esforço. Ao final do fio vermelho, cravou sua espada no pescoço de cada irmão, perfurando os três de uma só vez.

De repente, caiu no chão após tirar a vida dos irmãos. Aquela voz que o havia mandado atacar sussurrava novamente em seu ouvido: “obrigado”.

O garoto acordou no meio da floresta que encontrou Infie, deitado com sua câmera em mãos, o que lhe fez pensar que fora apenas um sonho. De repente, escutou o som da garota cantando novamente e seguiu a melodia pelo meio da floresta, até que novamente encontrou Infie.

— Eu não achei que viria... – revelou, plantando algumas flores brancas.

— Você está livre agora, pois ao matar os três irmãos também finalizou a guerra. Cada um pode descansar e Mãe

Santa está sob os cuidados do mesmo sábio que realizou seu ritual. A harmonia que governa o lugar agora é a união de cada morador do meu reino. – Infie explicou colhendo algumas flores brancas que se encontravam no chão da floresta.

— Fico feliz em saber disso. Agora estou livre, não é? – questionou o fotógrafo amador.

— Exatamente. Mãe Santa permanecerá em harmonia por séculos agora, mas se lembre de voltar quando for convocado. – ela sorriu, entregando uma de suas flores para Auto.

— Vou sentir saudade, humano. Pode voltar para sua casa, sei que não gosta de viagens. – ela zombou, se virando a fim de voltar a seu reino.

— Também sentirei saudades... Espere! como sabe que não gosto de viagens?

— Mãe Santa me contou.

*Autor(a): Melissa Lima Cavalcante
UE: EMEF Prof.ª Iracema Marques da Silveira
DRE: Campo Limpo
Professor(a): Ana Paula Moisés da Silva*

Os tech-revolucionários

Jurim era um jovem prodígio, estudioso e trabalhador. Ele trabalhava em uma mineradora, até que um dia o jovem ouviu dois de seus colegas conversando:

— Você ficou sabendo que o reino todo saiu atrás de um novo minério? O rei está pagando 20 mil moedas de ouro por unidade! Essa é a nossa chance de quitar nossas dívidas!

Jurim, que estava devendo ao seu amigo, decidiu viajar para procurar esse novo material, se equipando com tudo que tinha direito: adaga, mochila, picareta, uma sacola gigante e suas vestes de mineiro. Com tudo isso em mãos, Jurim saiu de casa se perguntando: “Onde será que estão procurando?”.

O jovem, observando os arredores da cidade, viu um grupo de pessoas subindo as montanhas do reino e parou uma das pessoas para perguntar:

— O que tantas pessoas estão procurando nas montanhas?

— Ora, como você não sabe? Naquelas montanhas frias, estão minérios preciosos e estou seguindo para procurar também! – respondeu o homem velhinho enquanto andava com pressa.

Jurim resolveu voltar para casa, equipando-se com suas vestes de frio e seguiu rumo às montanhas geladas.

Chegando em um certo ponto das montanhas, ele percebeu que havia várias pessoas no local e logo saiu também à procura do minério. Durante sua busca, ele ouviu um homem gritando porque tinha conseguido achar um pouco do minério. Foi então que Jurim conseguiu reconhecer como a pedra era.

Afastando-se dos outros, esperando encontrar mais minérios em lugares mais distantes, Jurim se deparou com

uma criatura gigante, que rugiu olhando para ele. Assustado, ele deu um passo para trás e acabou caindo em um buraco. A criatura agarrou Jurim antes de cair, mas acabou caindo junto com ele.

— Que-quem é vo-você? – disse Jurim, assustado após ter caído em uma caverna.

— Sou Tifão. Tifão vive aqui nas montanhas. – disse a criatura.

— Ok, Tifão, mas por que me pegou?

— Tifão queria evitar sua queda. Tifão percebeu que você ficou assustado comigo. Tifão gritou porque pisou numa pedra pontuda. – explicou, tirando a pedra que estava presa no seu pé.

— Essa é a pedra que eu estava procurando!

Depois de um longo tempo de conversa, ambos procuraram a saída daquela caverna juntos. Durante o percurso, eles encontraram uma cabine e uma fogueira. Perguntaram se havia alguém ali, mas não ouviram nada como resposta. Jurim decidiu entrar na cabana e encontrou muitas e muitas pedras daquele minério!

Jurim pegou sua sacola gigante e a encheu com as pedras, com a ajuda de Tifão. No entanto, mal sabia eles que apareceria um lobo gigante e atrapalharia sua missão! O lobo pulou em Tifão, que estava carregando a pesada sacola e acabou caindo no chão. O jovem pegou sua adaga e acertou precisamente a cabeça do lobo.

Tifão tirou o corpo do lobo de cima de si e exclamou:

— Esses são os Midurains, eles retornam da morte para pegar quem os matou!

Logo depois disso, a dupla foi surpreendida por cinco lobos os cercando, mas eles estavam diferentes, com pelos esbranquiçados.

— Eles voltaram da morte! – gritou Jurim.

Um dos lobos partiu para o ataque dando uma mordida no ombro de Tifão, que pegou esse lobo pela cabeça e o arremessou sobre outro lobo. Um deles estava com uma lança – eles conseguiam pegar em objetos e ficar sobre duas patas! – e golpeava contra Jurim, que não conseguia desviar e foi atingido em cheio em sua barriga.

Jurim usava toda sua força para tentar arrancar a lança, enquanto o lobo continuava forçando a arma. Os outros dois lobos foram ajudar o que estava ferindo Jurim, um agarrando-o por trás e o outro ajudando a forçar a lança contra ele.

Enquanto isso, os lobos derrubados foram lutar contra Tifão, cercando-o e aguardando a hora certa de atacar. Jurim continuava tentando afastar a lança de si, mas os lobos eram mais fortes e conseguiam ultrapassar a lança no corpo dele, atingindo também o lobo que estava logo atrás.

Tifão, então, ficou furioso e se tornou enorme. Seus olhos ficaram completamente azuis, começando uma luta assustadora. Tifão pegou uma pedra enorme em sua volta e jogou-a sobre um dos lobos, logo depois, agarrou outro lobo e jogou-o com tudo contra as paredes da caverna.

Jurim, percebendo que os dois lobos que o acertaram estavam distraídos com Tifão, conseguiu arrancar a lança e controlá-la. Ele desferiu um golpe mortal em um dos lobos e outro lobo tentou atacá-lo novamente, mas Jurim colocou a lança para cima e fez com que o lobo caísse sobre a lança. Ele caiu para trás no processo, sobre outro lobo ferido, que tentava ainda abocanhá-lo, mas Tifão surgiu e pisou na cabeça do animal, salvando Jurim.

Tifão usou partes da lona da cabana para estancar o ferimento de Jurim como podia, e carregou-o junto com a sacola de minérios para fora da caverna e rumo à cidade. Chegando

lá, todos ficaram assustados com Tifão, mas como ele carregava um ferido, os guardas não o atacaram. Foram levados para o palácio, já que eles carregavam incontáveis pedras do minério precioso – a maior quantidade que todos já haviam visto. Em troca, Jurim foi tratado e a dupla ganhou milhares de moedas de ouro. Aquele raro material ajudou os humanos a criarem automóveis, máquinas e tantas outras tecnologias e assim, os dois ficaram conhecidos como os “Tech-revolucionários”.

*Autor(a): Pablo da Silva Camargo
UE: EMEF Des. Achilles de Oliveira Ribeiro
DRE: São Mateus
Professor(a): Lucas Corrêa Gomes*

Em busca da liberdade

Na cidade de Marselha, em 1980, havia duas irmãs gêmeas: Mia e Kiara, que moravam em um orfanato desde que tinham 4 anos. Aos 14, estavam cansadas de morar lá, trancadas, sem amigos, sem poder fazer nada, além dos trabalhos domésticos que elas eram obrigadas a fazer. A vida lá não era nada fácil, mas o sonho de conhecer o mundo lá fora era muito maior que aquele lugar, então, elas decidiram fugir.

Mesmo sabendo que não seria fácil, elas fizeram um plano e o colocaram em prática: elas iriam sair à noite, fugiriam em direção ao trem e entrariam em um vagão sem que ninguém visse. A lua estava linda naquela noite, então, a supervisora Julie estava lá fora admirando o céu, sem saber que as meninas planejavam fugir. Quando elas viram a supervisora pela janela, ficaram com muito medo de serem descobertas, mas, mesmo assim, elas pularam e fugiram. A supervisora ficou de costas fingindo que não estava vendo a fuga, pois no fundo ela sabia que era o melhor para elas.

Enquanto as meninas corriam em direção ao trem, elas falaram:

— Se a gente conseguir entrar no trem, para onde nós vamos? A gente não sabe onde o trem para.

Depois desse pensamento, elas tiveram certeza de que o plano não era tão bom, mas agora não poderiam mais voltar. Chegaram no trem que ainda não estava em alta velocidade e conseguiram entrar em um vagão cheio de barris vazios que mal tinha espaço para elas. Já estava de madrugada e elas ainda estavam acordadas com muito medo:

— Kiara? Você não acha melhor a gente voltar? – perguntou Mia.

— Não! Além do mais, como a gente voltaria?

— É verdade, não tem como. – respondeu Mia, desanimada.

Depois dessa breve conversa, elas tentaram dormir de novo. Às 6 horas da manhã, elas acordaram com a porta do vagão abrindo e se esconderam cada uma em um barril. Perceberam que estavam em Paris e ficaram muito felizes por estarem em um lugar diferente, mas também com medo porque não conheciam nada daquela cidade. Ainda estava de manhã, então elas tinham tempo para explorar a cidade. Entraram em várias lojas, padarias e parques, também viram várias casas, até que acharam uma casa abandonada que parecia não ter ninguém. Então, Mia disse:

— Que tal a gente entrar nessa casa? Parece que não tem ninguém lá dentro.

— Tá bem, mas, se a gente escutar qualquer barulho, a gente sai correndo.

Mia concordou. Então elas entraram na casa. Lá havia alguns móveis velhos, como sofá, fogão e camas. Nos armários só havia comida estragada e no porão parecia haver ratos. Elas estavam em dúvida se realmente queriam dormir lá, então resolveram ir embora e procurar outra casa.

Já eram 14h e elas estavam com muita fome. Decidiram comer a outra metade do pão que trouxeram na bolsa junto com algumas roupas e moedas. Abriram a bolsa no meio da rua e viram dois meninos correndo na direção delas. Eles estavam cada vez mais perto e, quando passaram por elas, puxaram a bolsa e saíram correndo. Elas começaram a correr e gritar atrás deles, mas não os alcançaram, nem receberam ajuda. Agora elas não tinham nada: sem casa, sem comida e

sem dinheiro. Mas tinham a liberdade e se perguntaram: será que valeu a pena?

Depois de um tempo andando, viram uma moça desesperada porque tinha perdido os óculos e sem eles não enxergava nada. Elas viram os óculos e os devolveram para ela que, agradecida, perguntou como poderia retribuir esse favor. Elas perguntaram se ela tinha algumas moedas, porque elas tinham sido roubadas e não tinham um lugar para ficar. A moça, que se chamava Dalila, disse que as meninas poderiam ficar na casa dela. Elas aceitaram e foram para lá.

A casa era grande, tinha muitos quartos e um quintal grande cheio de flores. Dalila fez comida para as meninas e trouxe roupas novas para elas. Como ela não tinha filhos, tratou as meninas como se fossem filhas dela.

Depois de alguns meses morando juntas, Dalila, considerada como mãe, quis adotá-las legalmente. Elas concorreram e ficaram muito felizes, afinal, elas tinham uma casa, uma mãe, escola, vários amigos e ainda viajavam para vários lugares junto com a mãe.

*Autor(a): Sophia Dias Osunwoke
UE: EMEF Professor João de Lima Paiva
DRE: Guaianases
Professor(a): Aline Akemi Nagata Prado*

Kenay salva a floresta

Há muito tempo, havia um reino onde viviam o rei, a rainha e uma princesa. O reino era dividido por uma floresta enorme e, em um dos lados, habitava a tribo Wayambi, que tinha adotado Kenay, um menininho indígena de 13 anos. Seus pais haviam falecido em um acidente e ele ficou sob os cuidados de toda a tribo.

Era um menino muito dedicado, alegre e, sempre que podia, ajudava as pessoas. Seu passatempo preferido era ir para o meio do mato e escutar o som da natureza. Mas, um dia, ele percebeu que muitas árvores tinham virado apenas um tronquinho. Ficou muito assustado e triste. Correu de volta para a tribo e contou tudo que tinha visto a seu povo.

O pajé comentou que estava sabendo que, no reino perto dali, estava faltando lenha para as fogueiras e os fornos, e o rei havia ordenado que os homens fossem cortar todas as madeiras que encontrassem pelo caminho e uma dessas árvores era a herança que Kenay havia recebido de seus pais. Depois de ouvir toda a história, um dos indígenas presentes teve uma ideia:

— Vamos atacá-los. Se eles podem, nós também podemos!

E o menino respondeu:

— Não! Eles não podem e nós também não. Não podemos fazer igual a eles. O que fazem não é um bom exemplo para nós. Que tal irmos diretamente falar com o rei?

Todos concordaram.

No dia seguinte, ao chegar ao palácio, foram recebidos pelo guarda que os colocou em uma sala enorme. Depois de uns minutos de espera, chegou o soberano.

— Vossa majestade, disse Kenay, viemos de longe para falar com o senhor, pois esse assunto é muito sério! Seus homens cortaram diversas árvores de nossa floresta e isso nos deixou muito tristes, pois elas fazem parte da nossa moradia e também de nós, além de que nos dão ar puro e graças a isso conseguimos ter um bom ar para respirar.

E completou:

— Aquela árvore era a única herança que tinha de meus ancestrais.

O rei, no início, não estava gostando muito da história, mas ao ver os olhos cheios de lágrimas do menininho, disse:

— Não mandarei mais meus homens. Você despertou minha consciência, garoto.

Então, todos saíram do palácio felizes por saber que, pelo menos por um tempo, a floresta estaria longe do perigo das mãos do homem.

*Autor(a): Nicolý Yumi Nakasako
UE: EMEF Martin Francisco R. de Andrade
DRE: Jaçanã/Tremembé
Professor(a): Maria de Lourdes Pereira*

O olho perdido

Em um barco, em alto mar, estava lá ela, uma pirata, cujo nome era Kendall.

Certa noite, ela e sua tripulação estavam dormindo. Até que, de repente, o navio começou a balançar e do mar surgiu uma fera enorme, com escamas, de pele esverdeada e com cinquenta olhos, porém um dos olhos estava faltando.

Assustada, a pirata decidiu chamar a tripulação. Ela os procurou em todo o navio, mas não encontrou ninguém. A líder estava confusa e teve que lidar com aquela fera sozinha. Nessa batalha, o monstro tirou o olho de Kendall e o colocou no lugar do antigo que estava faltando e foi embora.

No dia seguinte, a pirata decidiu ir atrás de seu olho, mas antes seria preciso descobrir onde ele estava. Para isso, ela voltou à terra firme e procurou por outros piratas que já estivessem “dado de cara” com aquela criatura. Kendall passou cinco dias procurando uma resposta e, finalmente, descobriu onde aquele monstro estava. Ela retornou ao navio e começou a sua busca.

Após sete dias e sete noites no mar, Kendall encontrou um navio naufragado e, ao olhar mais de perto com sua luneta, viu uma multidão de pessoas se transformando em zumbis aquáticos e percebeu que eles estavam vindo em sua direção. Ela sabia que precisava fazer algo, então ativou os canhões de seu navio e acertou o máximo de zumbis possível. Após isso, continuou sua viagem até a caverna da terrível fera marinha.

Chegando lá, Kendall entrou na caverna, verificou que o monstro estava dormindo e com cuidado pegou seu olho de volta.

*Autor(a): Anna Julia Santana Silva
UE: EMEF Prof Dr. Paulo Gomes Cardim
DRE: Itaquera
Professor(a): Lindinalva Rodrigues dos Santos*

A outra casa

Eu e meu amigo William estávamos de férias e, no final de semana, decidimos sair à procura de Pedro, um menino que havia sumido. Reunimos algumas informações e descobrimos que ele havia desaparecido há quatro dias, período suficiente para todos se preocuparem. Fiquei intrigada e disse:

— William, é estranho ele ter sumido há quatro dias e não ter nenhuma pista?

— Ele não foi visto fora de casa. – disse William.

— Boa, vamos até a casa dele para reunirmos mais informações? – William, que é meu melhor amigo, topou na hora.

Chegamos à casa, pedimos permissão à mãe de Pedro, senhora Rosa, para irmos até o quarto dele. Já estávamos cansados de procurar algo que nos desse pistas, quando William gritou:

— O que é isso? É uma portinha?

Sim, era uma portinha e nela havia umas frestinhas de visão que davam para várias cores frias. A porta estava trancada, então procuramos pela chave ao redor do quarto, mas não a encontramos. Então, William foi até a parte de baixo da casa e a muito custo a encontrou. Pegamos a chave, abrimos a porta e entramos.

Estávamos dentro do cômodo abstrato, todo colorido e com um caminho listrado. Olhei para meu companheiro e seguimos em frente.

De repente, apareceram pequenas baratas vestidas de soldados, como se fossem guardiões. Elas começaram a se amontoar na nossa frente para impedir nossa passagem. Corremos para a porta, mas agora já estava fechada.

Depois de tanto nos esquivarmos das baratas, William descobriu uma tática: percebeu que se fechássemos os olhos as danadas das baratinhas sumiam.

Conseguimos sair do caminho das listras e demos de cara com o mesmo quarto do menino Pedro, só que agora no interior de uma floresta. E para nossa surpresa, lá estava Pedro, com o rostinho assustado, numa jaula com cadeado.

— Por favor, me ajudem! Antes que ela volte!

Não tínhamos tempo de perguntar quem, só pensávamos em ajudá-lo.

— Onde está a chave do cadeado, você sabe? – perguntei com a adrenalina me invadindo.

Ele apontou para uma estante. Fomos pegá-la.

— Ela chegou, ela chegou! – Pedro começou a gritar.

Era uma figura alta, quadril largo, antenas de barata, olhos de botão e um sorriso assustador. Estava com os punhos cerrados, prontas para nos atacar. Ela sorriu de forma irônica e iniciou o combate: chutes, golpes e pontapés.

Imaginamos que ela seria a rainha das baratas e usamos o mesmo artifício de antes: fechamos os olhos. Mais uma vez, a magia deu certo. Ao piscarmos os olhos, ela desapareceu. Caímos cansados. Pedro gritou:

— Tirem-me daqui! – pegamos a chave, abrimos o cadeado e o libertamos.

De repente, saímos do quarto da floresta e percebemos que estávamos em um local distorcido. E uma voz falou:

— Filha, acorda! Você tem aula, esqueceu?

Autor(a): Livia Viana de Sousa
UE: EMEF João Domingues Sampaio
DRE: Jaçaná/Tremembé
Professor(a): Luciane Sabio Patrício

O sequestro da princesa Isabella

Em um reino, vivia um garoto chamado Raven que havia sido recém-contratado para trabalhar como guerreiro com o objetivo de proteger a família real. Desde muito pequeno, ele tinha esse sonho, até que, um dia, conseguiu realizá-lo. Em uma certa noite, Raven estava monitorando o castelo quando ouviu a princesa gritar de seu quarto, ele subiu às pressas para ver se ela estava bem, mas, quando chegou lá, a garota já havia sumido. A janela de seu quarto estava aberta, o que fazia entrar um vento gelado no lugar.

Analisando a situação, Raven verificou na janela se a princesa não havia caído dali, mas não tinha ninguém lá embaixo. Preocupado, ele resolveu ir correndo até ao rei para comunicá-lo do acontecido:

— O que? Como assim Isabella não está em seu quarto?
– exclamou o rei.

— Isso mesmo senhor, eu estava a monitorar o castelo quando ouvi ela gritar de seus aposentos. Eu subi às pressas para ver o que tinha acontecido, mas, quando cheguei, ela já não estava lá. Respondeu o garoto.

— E agora, o que faremos? O casamento dela estava marcado para amanhã à tarde. – disse o pai da garota.

— A majestade gostaria que eu avisasse a família do noivo? – perguntou Raven.

— Não será preciso, em vez disso, comunique a todos os guerreiros do reino sobre o desaparecimento de minha filha e diga que os quero no salão principal em dez minutos, pois quero fazer um comunicado. – disse a majestade.

Passaram-se os dez minutos e todos já se encontravam no salão principal, inclusive Raven. O rei disse que quem achasse sua filha se tornaria seu guerreiro particular, o que parecia ser um trabalho extremamente importante. Então Raven, determinado a achar a garota, saiu rapidamente quando o comunicado do rei acabou.

Raven decidiu ir pelo lado oposto do caminho que os outros estavam fazendo, sendo assim, seguiu viagem sozinho. Depois de um tempo seguindo seu caminho, ele encontrou uma floresta um pouco estranha, era fria e escura. Ele então resolveu entrar na floresta, pois pensou que possivelmente a princesa poderia ter se perdido ali. No meio do caminho, ele encontrou uma das luvas de Isabella, luvas que sua mãe tinha lhe dado antes de falecer:

— Bom, se a luva dela está caída por aqui, então quer dizer que ela deve ter passado por aqui. – disse Raven analisando a luva da garota.

Ele continuou seu caminho pela floresta até encontrar uma casa, não era tão grande e nem tão pequena, aparentava estar abandonada a algum tempo. O guerreiro, sem ter ideia de onde Isabella poderia estar, decidiu investigar o lugar. Bateu na porta, porém, como era de se esperar, ninguém atendeu. Determinado a achar a filha de vossa majestade, ele teve uma ideia:

— Será que eu conseguiria entrar por uma das janelas ali em cima? – Raven se perguntou. — Bom, não custa tentar, mas espero que ela esteja aqui, preciso encontrá-la a tempo.

O garoto escalou uma árvore que estava perto das janelas e conseguiu alcançá-las. Abriu uma janela e, quando entrou, deparou-se com um quarto, que tinha uma aparência um pouco antiga e com algumas peças e roupas jogadas no chão. O que parecia ser estranho, pois uma casa que estava abandonada a algum tempo não deveria ter alguém morando ali. Algum

tempo depois que Raven estava analisando no local, ouviu-se uma voz estranha e alguns passos vindo em sua direção e em um momento de desespero, o garoto escondeu-se embaixo da cama que tinha no quarto.

Um homem de aparência estranha entrou no lugar, ele tinha pele enrugada, cabelos brancos e bagunçados, e vestia um terno que aparentemente não cabia mais nele. O garoto ficou assustado por aquele homem estar ali, mas ficou quieto para não ser descoberto. Algum tempo depois, o senhor saiu do local, o que deixou Raven mais aliviado. Analisando o lugar, deparou-se com uma porta. Abrindo ela, notou um corredor cheio de portas e viu que no começo tinha uma escada que com certeza daria para o andar de baixo:

— Será que a princesa está em um desses quartos? – ele se perguntou, olhando todas as portas que havia ali.

Depois de dar uma bela olhada no local, o guerreiro notou uma porta que parecia ser de ferro e tinha algo de diferente nela. Curioso, o garoto foi até ela para tentar abri-la, porém, o homem que Raven suspeitava de ter capturado a princesa apareceu interrompendo-o antes de conseguir chegar à porta:

— Ei, parado aí! – exclamou o homem logo atrás do garoto.

— Quem é você e o que pensa que está fazendo aqui?

O guerreiro olhou imediatamente para trás e viu que o homem estava olhando fixamente para seus olhos. Raven, em uma tentativa de fugir, tentou sair correndo dali para não ser pego, mas o homem acabou capturando-o. O homem estava prestes a abrir a porta que o garoto queria abrir quando disse:

— O que você vai fazer comigo? – perguntou Raven.

— Não se preocupe, você terá uma companhia.

Ao abrir a porta, o garoto deparou-se com a princesa desmaiada e presa dentro de uma grade. Aquilo parecia com

as masmorras do castelo, pensou o garoto. Havia outra grade vazia que o homem tinha acabado de colocar Raven. Logo depois disso, ele saiu sem dizer uma palavra, porém, o guerreiro vendo a princesa naquela situação resolveu acordá-la:

— Ei, princesa. – sussurrou ele.

— Ei, acorde.

A princesa, acordando, deparou-se com Raven olhando-a e acabou se assustando:

— Quem é você? – perguntou.

— Eu vim salvar você, seu pai está muito preocupado com seu desaparecimento.

— Mas... Como você irá me salvar se você também está preso? – perguntou confusa.

— Bom, eu acabei sendo pego pelo homem que sequestrou você, mas vamos dar um jeito de sair.

— Ai, meu Deus, eu tenho um casamento amanhã! E agora? – disse a princesa.

— Calma, vamos dar um jeito de sair daqui a tempo. – disse ele tentando acalmar a princesa.

— Mas já é quase de manhã. – afirmou a princesa. — Como conseguiremos sair daqui?

— Se conseguirmos pegar aquela chave, talvez possamos sair. – falou Raven apontando para uma chave pendurada perto das grades.

— Você consegue alcançar? – perguntou ela.

— Não, precisamos de algo mais largo que possa alcançar e pegar a chave.

Raven, vendo que não conseguiria pegar a chave só usando seu braço, começou a pensar em uma solução, até que ele se lembrou que sempre levava flechas embaixo de sua blusa para alguma emergência e, querendo ou não, aquela era uma boa hora para usá-las. Ele pegou quatro de suas flechas

e rasgou pedaços de sua blusa para poder amarrá-las para formar algo que alcançasse as chaves:

— Princesa, consegui juntar as flechas, agora só preciso pegar as chaves. – afirmou.

Em um momento de tensão, Raven foi chegando perto do lugar onde as chaves estavam penduradas. Ele tentou tirá-las dali, porém, acabou derrubando-as no chão. Mas como desistir não estava nos planos do guerreiro, ele puxou as chaves até que conseguiu pegá-las:

— Consegui! – exclamou.

— Ótimo, agora abra logo e vamos sair desse lugar. – falou a princesa.

Após eles conseguirem sair das grades, abriram uma das janelas que tinha ali e pularam até lá embaixo, o que consequentemente fez um enorme barulho e chamou a atenção do sequestrador:

— Que barulho foi esse? – disse ele - Ei! Como conseguiram sair? – exclamou.

— Rápido, vamos sair daqui. – disse o guerreiro, saindo correndo imediatamente daquele lugar com a princesa.

Depois de um longo tempo, eles foram para longe do lugar e estavam a caminhar de volta ao reino:

— Obrigado por ter me salvado. – agradeceu Isabella.

— Não foi nada, é apenas o meu trabalho. – respondeu o garoto.

— Será que conseguiremos chegar a tempo para o casamento? – perguntou ela.

— Na verdade, já chegamos. – disse ele apontando para o castelo que estava perto dali.

Isabella chegou ao palácio, trocou-se e conseguiu chegar ao seu casamento. Por agradecimento do rei, Raven tornou-se seu guerreiro particular e o chefe de todos os guerreiros do

reino. Alguns dias depois, o sequestrador foi levado para a masmorra e nunca mais saiu de lá.

*Autor(a): Ariane Andrade Araujo
UE: EMEF Prof.ª Iracema Marques da Silveira
DRE: Campo Limpo
Professor(a): Ana Paula Moisés da Silva*

A primeira viagem ao espaço

Em 1969, aconteceu a primeira viagem à Lua e lá estava eu, com minha assistente Kelly, me sentindo feliz porque seria o primeiro homem a pisar no nosso satélite natural. Kelly também estava feliz porque faria muitas pesquisas na Lua. Ela é uma menina muito inteligente, entrou na NASA aos 19 anos e terminou o ensino médio aos 15. Mesmo com todas essas conquistas, as pessoas a julgavam porque era negra.

Eu a ajudei. Mas quem sou eu? Meu nome é Steven, tenho 32 anos e moro no Texas. Sou astronauta e tenho dificuldade de aprender as coisas, mas isso não me impede de fazer um bom trabalho.

No dia da decolagem, um imprevisto aconteceu: um espião soviético estragou o painel que regulava o tanque de combustível que íamos usar na ida e na volta e, por isso, usamos quase todo o combustível somente na ida. Nós ficamos vagando no espaço, sem saber o que fazer. Meu chefe avisou que estávamos indo na direção de Júpiter e que nós devíamos estudar o planeta enquanto estivéssemos no espaço. Também falou que estava planejando uma nave para nos salvar. Ficamos alegres porque seríamos resgatados, mas também apreensivos porque conheceríamos um planeta novo.

Faltava um mês para chegarmos a Júpiter. Felizmente, tínhamos suprimentos para dois anos. Nesse dia, vi uma coisa que não sairia jamais da minha mente: uma nave gigante com um monte de alienígenas que estavam nos dando “oi”. Nós demos “oi” de volta e Kelly já anotou em seu caderno tudo o que pôde.

Chegamos bem, descemos da nave e começamos a explorar. Kelly logo percebeu que a massa do planeta era menor que a massa da água. Eu fiquei chocado, não pelo que ela falou, mas porque os alienígenas que vimos antes estavam correndo em nossa direção, fugindo de um monstro. Nós e eles corremos para nossa nave e, quando já estávamos a salvo, vimos que eram somente dez alienígenas.

Eles tinham um aparelho no peito e começaram a ajustar até que ouvimos uma voz falar “oi”. Eram eles se comunicando conosco. Eles falaram que aquele monstro era um experimento deles que deu errado e pediram nossa ajuda para voltar para a nave deles, pegar armas e derrotar o monstro. Nós ajudamos e, juntos, com muita dificuldade, derrotamos o monstro. Metade dos alienígenas morreu, mas os que sobreviveram não ficaram tristes, porque retiraram uma máquina da neve e reviveram os outros.

Depois, eles nos ajudaram a encontrar um combustível que era dez vezes mais rápido que o nosso. Nós nos despedimos dos alienígenas e falamos que eles poderiam nos visitar na Terra. Entramos na nave e chegamos na Terra dez vezes mais rápido.

Falamos para todo mundo que vimos alienígenas. Alguns não acreditaram, mas a maioria sim. Kelly foi considerada a mais importante cientista do mundo, com apenas 21 anos. Um ano depois desse acontecimento, nós finalmente fomos à Lua e eu pude me aposentar.

*Autor(a): Arthur Cristian Fernandes da Silva
UE: EMEF Professor João de Lima Paiva
DRE: Guaianases
Professor(a): Aline Akemi Nagata Prado*

O mistério da floresta

Olá, meu nome é Myke Sato e vou te contar uma história que aconteceu comigo quando eu tinha 17 anos. Um dia, eu estava nos bastidores do teatro quando achei um mapa que me chamou atenção, porque seu destino era uma floresta mágica. Voltei para casa bem curioso, afinal, por que esse mapa estava ali no teatro? Mas relevei e decidi ligar para Sofia e Jef para procurarmos a “floresta mágica”. E sim, eu era apaixonado pelo Jef, mas isso não importa agora.

Fomos no dia seguinte, às 6 horas da manhã. Quando chegamos, tivemos uma impressão meio estranha, de morte, sentimos um cheiro estranho no local. Entramos mesmo assim e demos de cara com um caderno mágico. Enquanto olhávamos o caderno, não percebemos que macacos assassinos estavam prestes a nos atacar. Não demorou muito para eles começarem a gritar. Jef começou a imitá-los, só que falando mais baixo, até os macacos pararem de gritar:

— Vocês têm que salvar, da Deusa, a floresta, antes que a magia acabe! – disse um dos macacos antes de ir embora.

Então, seguimos em frente. Depois de andar muito, já não víamos mais o sol de tão escuro que estava aquele lugar e decidimos parar um pouco para descansar. Avistei uma pedra diferente que brilhava muito e a guardei na minha mochila. Aproveitei para olhar o mapa e estávamos em cima do cristal mágico. No dia seguinte, às 7h30, fazia frio, mas isso não impediu a gente de continuar na floresta.

Achamos uma barraca abandonada com alguns suprimentos, mas nela tinha um rastro de sangue:

— Gente, acho que temos que voltar naquele lugar! – eu disse aos meus amigos.

Voltamos ao acampamento e vimos uma coisa horrível: uma gigantesca sombra com olhos azuis brilhantes.

— AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA!!!! – gritou Sofia assustada, mas parou rapidamente para não assustar a criatura.

Vimos que era um jaguar que estava machucado. Jef que, como vocês já perceberam, entende de animais, o ajudou, mas acabou se machucando. Enquanto eu cuidava dele, Jef disse:

— Myke, faz um bom tempo que eu guardo isso, mas...

Sofia nos interrompeu dizendo:

— Gente, temos que dormir! Anda, vamos dormir!

— O que você queria me contar? – perguntei a Jef.

— Esquece, Myke...

Acordamos 5 horas da manhã por causa de um pássaro que ficou cantando perto de nós. Então, começamos a subir uma montanha quando Sofia avistou:

— Ali tem uma caverna! Vamos lá!!

Nós não sabíamos que a Deusa estava lá dentro:

— Você está com meu Precioso Diário. Devolva agora!
– gritou a Deusa saindo das sombras.

Tudo começou a tremer e eu gritei:

— Não vou devolver nada! Liberte a floresta agora antes que eu queime esse diário todo!

Jef pegou o cristal que tínhamos encontrado, aproximou dela e disse:

— Calada, Deusa. Não me faça usar isso!

— Nunca! – gritou a Deusa enquanto pegava Sofia pelo pescoço, bem forte.

Jef jogou o cristal que, não sabíamos, era sua maior fraqueza.

— Eu voltarei para me vingar! – gritou a Deusa antes de sumir.

Nós salvamos a floresta e agora somos seus guardiões.

Autor(a): Laura Silva Bispo

UE: EMEF Professor João de Lima Paiva

DRE: Guaianases

Professor(a): Aline Akemi Nagata Prado

O pequeno vendedor de balas

Fazia um calor extremo no primeiro dia do Ano Novo. No meio daquele calor, um pequeno menino, com panos enrolados na cabeça, andava sobre as calçadas de uma avenida. Ele também havia saído de casa usando uma camisa, mas estava calor demais para ele continuar com ela. Era de seu pai e era grande e larga. Para não tropeçar e acabar caindo na avenida, ele achou melhor tirá-la. Ao fazer isso, a camisa voou no meio da avenida. Em seguida, outro menino roubou os panos de sua cabeça na intenção de também se proteger do calor.

Agora, o menininho, sem camisa e sem os panos na cabeça, prosseguia andando e derretendo debaixo daquele sol pavoroso. Em uma mão, carregava um pacote de balas e, na outra, uma bolsa com outros pacotes. Naquele dia, ninguém comprou suas balas. Não deram sequer uma esmola. Com calor e sede, o menino foi andando de um jeito muito triste. Os raios de sol batiam nele e as grandes gotas de suor deslizavam sobre seu lindo rosto. Ventiladores soltavam um ar delicioso nas casas da avenida por onde ele caminhava. Nelas, ele via as pessoas bebendo grandes taças com água geladinha e podia sentir um maravilhoso cheiro de frango assado.

Durante sua caminhada, o menino avistou duas árvores. Ele se sentou entre elas para descansar um pouco. Ele se sentou todo largado para ver se sentia menos calor, mas de nada adiantou fazer isso. O menino estava com medo de voltar para casa, pois sua madrastra ia bater nele por não ter vendido as balas e também por não ter conseguido uma esmola sequer. Além disso, sua casa era muito quente. O que eles chamavam

de “casa” não ia além de madeiras que deixavam o ambiente ainda mais abafado.

Foi aí que o menininho teve a ideia de comer uma de suas balas. Elas eram de limão, cheirosas e muito refrescantes! Quando ele colocou uma das balas na boca, era semelhante a um refresco – e que bala espetacular! O menino teve a impressão de estar sentado em frente a um ventilador enorme, com o ar no máximo, espalhando um vento refrescante. O menino se estendia, como se quisesse se aliviar do calor. Mas, nesse momento, a bala acabou e o ventilador sumiu. Lá estava ele sentado na calçada com um papel de bala na mão.

O menino abriu outra bala. O aroma produziu uma sala cheia de garrafas de água geladinhas. E o mais interessante foi que as garrafas começaram a ir em direção ao menino. Mas, de novo, a bala acabou e as garrafas desapareceram.

Então, o menino abriu outra bala e viu que estava em uma boia, numa piscina gloriosamente grande, igual uma que ele tinha visto em uma mansão. Mas, quando o menino ia pular na piscina, mais uma vez a bala acabou.

De repente, vários fogos de artifício começaram a estourar. “Alguém vai virar estrelinha”, disse o menininho. Sua mãe, que era a única pessoa que lhe dava amor e carinho e que já havia falecido, tinha lhe dito antes de morrer que quando fogos de artifício estouram é sinal de que alguém está prestes a morrer e ir ao encontro de Deus.

O menino abriu outra bala. Foi aí que ele viu, do outro lado da avenida, a doçura da mãe querida, tão carinhosa, linda e acolhedora. “Mamãe”, chamou o menininho. “Deixe eu ir até você! Eu sei que quando a bala acabar, você vai desaparecer!”

Naquele momento, o menino não pensou duas vezes para correr ao encontro da mãe. “Fom, fom!”. O menino foi ao encontro da mãe, mas só que lá no céu. Ele havia sido

atropelado por um caminhão. Ele não havia olhado para os dois lados da avenida antes de atravessar. Apesar de morrer de uma forma trágica e triste, ele havia conseguido ficar com sua mãe. Não foi preciso esperar envelhecer para que isso acontecesse logo.

Autor(a): Ester dos Santos Antunes

UE: EMEF Mario Kosel Filho

DRE: Pirituba/Jaraguá

Professor(a): Fernanda Isabel Bitazi

Um bom coração

Era uma vez um casal que sonhava em ter uma filha, até que um dia aconteceu o nascimento dela, deram o nome de Aurora. Mas o casal era muito pobre e não tinha condições de dar uma vida boa para sua filha. Então, um dia, eles resolveram pedir ajuda a uma bruxa, pois foi o único jeito que encontraram de conseguir dinheiro para sustentar e dar uma vida boa à sua filha.

— Bruxa, precisamos de sua ajuda! – disse o pai de Aurora.

— Eu posso ajudar vocês, mas saibam que toda magia tem uma consequência. Você e sua família serão ricos, mas...

— Nós aceitamos! – os pais falam antes de terminar sua fala.

— Eu ainda não terminei: assim que Aurora fizer 16 anos, ela irá cair em um sono profundo, que apenas uma bela poesia vinda de uma pessoa com um bom coração vai fazê-la acordar. – disse a Bruxa indo embora.

Os pais, felizes com a fortuna que ganharam, no dia seguinte, nem lembravam do que a bruxa havia falado, eles ligavam apenas para o dinheiro. Conforme os anos foram passando, Aurora foi crescendo rica e feliz. Até que chegou os seus 15 anos e, nesse mesmo dia, a Bruxa apareceu para dar um aviso.

— Está perto dos 16 anos de Aurora e ela só tem mais um ano de vida, pois ninguém tem um coração bom de verdade para fazê-la acordar de seu sono profundo.

Os pais, assustados com isso, expulsaram a bruxa da casa deles.

— O que vai acontecer comigo daqui a um ano? – Aurora perguntou aos pais.

Depois de terem explicado tudo para Aurora, a menina começou a aproveitar cada dia de sua vida, pois não sabia se alguém com um coração bom o suficiente iria aparecer para salvá-la. Até que chegou o dia de seu décimo sexto aniversário: seus pais não estavam nem um pouco felizes com tudo isso, pois talvez iriam perder a filha que eles tanto amavam.

Na manhã daquele dia, Aurora estava colhendo flores nos jardins. Após isso, a garota voltou para sua casa, mas, de repente, a menina caiu no chão e seus pais, assustados, colocaram Aurora em uma cama. Logo depois disso, a bruxa apareceu:

— Está feito, sua filha caiu em um sono profundo. Boa sorte para encontrar alguém com um bom coração!

Já se passaram dez dias que Aurora estava em seu sono, seus pais tentavam fazer de tudo para acordar a garota, mas nada era o suficiente, pois ninguém possuía um bom coração.

Passaram-se nove meses e Aurora ainda não havia acordado, até que um dia a bruxa apareceu na janela do quarto de Aurora e viu um caderno em que os pais da garota escreviam vários poemas e liam para ela, em vão. A bruxa viu um que os pais haviam escrito naquela manhã e acabou lendo em voz alta. Logo depois, Aurora se levantou assustada, assustando também a bruxa.

— Você é a pessoa que me acordou do sono profundo?
– Aurora perguntou à bruxa, confusa.

— Acho que sim... – respondeu ela, igualmente confusa.
— Mas, por favor, não conte a ninguém...

Depois disso, seus pais ficaram felizes e surpresos ao ver que a garota havia acordado, mesmo sem entender o porquê.

Comemoraram muito, e assim termina a história de uma garota chamada Aurora.

*Autor(a): Geovanna de Sousa Almeida
UE: EMEF Des. Achilles de Oliveira Ribeiro
DRE: São Mateus
Professor(a): Lucas Corrêa Gomes*

O Lobo que era mau

Certa manhã, Chapeuzinho caminhava tranquilamente pelo bosque com o objetivo de buscar a cesta que havia esquecido na casa da avó. Admitindo ainda para si estar com medo de cruzar com o lobo.

Juntou coragem, decidiu que dessa vez iria enfrentar e dar uma lição no lobo, mesmo não sabendo onde o encontraria. Em meio a tantas dúvidas, foi impedida de continuar o caminho logo na primeira esquina: o lobo, que ali a esperava com uma expressão assustadora. E em seguida, Chapeuzinho resolveu questionar:

— Nossa! Lobo Mau! Para que esses olhos tão grandes?

— Para quê? Para enxergar melhor o caminho! Com licença! – respondeu o lobo saindo às pressas.

Logo depois, o lobo parou rapidamente atrás de uma árvore à frente, fingindo estar falando com alguém em um telefone, sem perder de vista Chapeuzinho. No mesmo momento, o lobo estendeu suas orelhas para trás se preparando para atacá-la, mas foi impedido por outra pergunta.

— Nossa! Para que essas orelhas tão grandes?

— Para ouvir melhor! Inclusive agora há pouco ouvia meu amigo falar, mas não entendi o que disse, então vou para outro lugar. – Novamente o lobo deu sua desculpa e saiu.

Chapeuzinho finalmente deduziu estar livre do lobo enquanto caminhava pelo bosque, até perceber que este, novamente permanecia parado entre as últimas árvores mais à frente, indicando que em breve estaria na casa de sua avó.

Quando se aproximou, ao ver a menina, o lobo mostrou suas presas enormes, mas percebeu que a garota não demonstrava nenhum medo.

— E agora? Para que essa boca tão grande?

— É claro que é para falar com você. Aliás, para lhe perguntar, onde está indo?

— Vou buscar minha cesta que esqueci na casa de minha avó. – deixou claro Chapeuzinho, propositalmente.

— Entendo, terei de seguir agora, pois vou descansar. Até mais! – despediu-se o lobo seguindo caminho contrário.

Chapeuzinho teve uma boa ideia, enquanto o lobo pensava em como chegar por outro caminho até a casa de sua avó, Chapeuzinho aproveitou para passar em sua residência e preparar uma surpresa.

Chegando na casa de sua avó, foi adentrando e viu o lobo deitado na cama com as vestimentas dela. O lobo a esperava com uma face furiosa, pretendia atacar a menina, mas ouviu quieto o que ela oferecia.

— Vovó, notei que está cansada, por isso trouxe essa bebida que irá lhe ajudar. – disse Chapeuzinho.

O lobo estava de fato sedento, ao ver a bebida. Em um salto, sentou-se à mesa e não esperou para começar a beber, enquanto observava aos poucos Chapeuzinho afastar-se e ir até a porta.

Nesse momento, quando o lobo se preparou para interrogar, percebeu sua garganta queimando por causa da pimenta que estava presente na bebida. Para o lobo havia bastado e, quando levantou, Chapeuzinho abriu a porta e saiu correndo. O lobo se apressou e foi atrás dela e, em um passo de vacilo, deixou que Chapeuzinho entrasse novamente, trancando-o para fora. Ao perceber a porta trancada, exclamou:

— Abra essa porta agora! Ou irei assoprar e sua casa derrubar!

Ao ver a menina zombar, juntou toda força que tinha e tentou a casa destruir, estava muito cansado e a única coisa que conseguiu derrubar foi a fechadura.

Então, voltou para sua casa refletindo sobre como foi um fracasso sua tentativa. Já longe dali, deparou-se com Chapeuzinho que emanava uma expressão de coragem, havia saído de seu esconderijo com uma espingarda e sabia que o lobo tinha medo disso. O lobo tentando disfarçar perguntou:

— Para que esses olhos tão arregalados e grandes? – perguntou o lobo.

— Para mirar melhor. – disse Chapeuzinho, que jogou sua capa avermelhada longe enquanto mirava sua espingarda no lobo.

— E para que essas orelhas tão grandes? – perguntou novamente o lobo pensando em como iria escapar dessa situação.

— Não tenho orelhas grandes! Mas se for o caso, é para ouvir o barulho dessa espingarda bem alto!

O lobo cada vez mais dava passos para trás em busca de sair dali. Questionou uma última vez para dar tempo de fugir.

— E essa boca tão grande?

— É para rir bem alto quando você fugir com medo! – e atirou perto do lobo, fazendo-o fugir imediatamente.

Assim aconteceu, quando o lobo escapou, Chapeuzinho deu a maior gargalhada, comemorando por ter conseguido dar uma lição nesse lobo, mesmo que ainda se questionasse como conseguiu acertar o tiro tão bem na direção dele, já que ela não tinha nenhum conhecimento sobre armas. Observava o lobo cada vez se distanciando e gritando sobre nunca mais pisar por ali.

Depois desse dia, o lobo não mais apareceu em lugar algum. Deixou todos em paz, se arrependeu de tudo o que aprontou. E, se pensasse em aparecer, passaria a não ser o

vilão mais em nenhuma história e agora o lobo jurou aparecer nessas histórias como “o lobo bom”.

Autor(a): Giovanna Nobre da Silva

UE: EMEF Cel. Hélio Franco Chaves

DRE: Jaçanã/Tremembé

Professor(a): Fernanda Noronha de Amorim Mondevaim

Os três bruxinhos

Há muito tempo, numa casa no meio da floresta, moravam três bruxinhos e a mãe deles. O bruxinho caçula chamava-se Joaquim, o irmão do meio Pedro e o mais velho David. O irmão mais velho queria se aventurar na cidade, mas tinha muito medo de que sua mãe não concordasse com sua ida para a cidade. Resolveu, então, contar para ela sobre seu grande desejo. Ela, a princípio, ficou um pouco triste, mas concordou que o seu filho mais velho realizasse seu desejo. A mãe, preocupada com seu filho, deu-lhe somente um aviso.

— Se você ou seus irmãos saírem da floresta perderão seus poderes. Eles só funcionam aqui na floresta.

Mesmo assim, o irmão mais velho saiu da floresta e foi em direção da cidade.

Chegando à cidade, resolveu construir sua casa perto da floresta em que morava. Seus irmãos, vendo que o irmão mais velho foi para a cidade, decidiram também seguir o mesmo caminho. Saíram para uma nova jornada em busca de suas sonhadas casas.

Quando saíram da floresta, levaram as economias que já possuíam e acreditavam que daria para construir suas casas. O irmão mais novo construiu uma casa de palha, pois seria mais rápido e econômico. O irmão do meio construiu uma casa de madeira acreditando que seria mais resistente e com conforto maior. Já o irmão mais velho iria construir uma casa de tijolos e muito embora tenha chegado primeiro à cidade, ficou na casa do irmão do meio enquanto sua casa não estivesse pronta.

Dois dias se passaram e uma forte chuva caiu sobre a cidade. A chuva destruiu a casa de palha do irmão mais novo.

— Toc! Toc! Toc!

— Quem é? – Joaquim perguntou.

— Joaquim, minha casa foi destruída pela forte chuva.

Os irmãos abriram a porta para seu irmão e o acolheram.

Depois de dois meses, a casa do irmão mais velho ficou pronta e ele passou a morar nela. Joaquim e Pedro ainda continuaram morando juntos.

Os três bruxinhos estavam preocupados, pois os moradores da cidade podiam descobrir que eles eram bruxos. Poderiam ser expulsos pelos moradores e forçados a voltarem para a floresta. Tempos depois, algo que temiam aconteceu. Os moradores contrataram um caçador de bruxos.

O caçador espiava todos os dias os moradores da casa de madeira. O caçador estava certo, pois os irmãos eram bruxos, mas na cidade não tinham como utilizar seus poderes. Mesmo assim, a pedido dos moradores seriam expulsos da cidade. O caçador, então, pegou um machado grande e começou a cortar a casa de madeira.

— Acabarei com todos os bruxos do mundo que vierem para a cidade prejudicar a vida das pessoas! – disse o caçador furioso.

— Mas o que fizemos de mal para as pessoas daqui? Nada fizemos para merecer tamanho castigo!

O caçador continuou a derrubar a casa de madeira.

Um dos irmãos teve a ideia de sair pelo telhado e assim escapar do caçador. Sem que o caçador descobrisse, os irmãos correram para casa do irmão mais velho. O caçador, após derrubar a casa de madeira, não encontrou os irmãos e foi embora sem entender nada. Pensou que fizeram alguma bruxaria para escapar do castigo.

A casa do irmão mais velho era construída de tijolos e era mais firme e resistente. Se o caçador fosse até lá, teria

mais dificuldades em levar seu plano adiante. Estavam todos seguros na casa de tijolos. O caçador tentou derrubar a casa de tijolos, mas não conseguiu. Percebendo que na cidade poderiam correr riscos todos os dias, decidiram voltar para a floresta. Lá estariam sempre seguros com seus poderes de volta e pertinho da mãe. Voltaram na primeira oportunidade que tiveram para a floresta. A mãe, ao ver seus filhos de volta, ficou muito feliz.

— Mamãe, voltamos para a floresta! Lá na cidade não é nosso lugar!

E de volta à floresta seus poderes voltaram.

Resolveram, então, nunca mais sair da floresta, nem de perto da mãe.

*Autor(a): Isaac Severo dos Santos
UE: EMEF Cel. Hélio Franco Chaves
DRE: Jaçanã/Tremembé
Professor(a): José Antônio Neves*

O duende da árvore

Em uma floresta, havia uma casa e nela moravam um lenhador, sua esposa e seus três filhos.

Certa vez, o lenhador pediu para que um de seus filhos fosse pegar lenha para a lareira, pois a noite seria fria. Então, o filho mais velho, Noah, se ofereceu para pegar a lenha. Chegando ao local, avistou a maior e mais bela árvore e, sem pensar duas vezes, pegou seu machado e começou a cortá-la. Porém, depois de três machadadas, ouviu uma voz rouca que parecia vir de dentro do tronco.

— Não mexa nessa árvore!

Noah ignorou o pedido e continuou dando machadadas na árvore, mas quando menos esperava, o machado voltou-se em sua direção acertando seu braço. Noah retornou para a casa com um ferimento enorme. A família ficou desesperada, pois precisava da lenha.

Scott, o filho do meio, ofereceu-se para ir em busca da lenha. Chegando ao local indicado pelo irmão, avistou a maior e mais bela árvore e sem pensar também duas vezes pegou o machado e começou a cortá-la. Porém, depois de três machadadas, a voz rouca surgiu novamente e disse:

— Não mexa nessa árvore!

Scott, assim como seu irmão, também não deu importância à voz. O machado voltou-se em sua direção, ferindo sua perna. Assim como o irmão, Scott voltou para casa com um grande ferimento. A preocupação da família ainda aumentava, pois precisava muito da lenha, e o lenhador desistiu da ideia de mandar seus filhos irem buscar a lenha.

O filho mais novo, motivo de risos, pois era muito medroso, ofereceu-se corajosamente para ir à floresta e trazer a lenha. Pegou o machado e partiu. Chegando lá, avistou a maior e a mais bela árvore. A história repetia-se. Quando deu a terceira machadada, a voz rouca ressurgiu e repetiu a mesma frase:

— Não mexa nessa árvore!

Mas, dessa vez, algo ocorreu de modo diferente. Scott parou e se perguntou assustado:

— De onde vem essa voz?

— De dentro desse tronco. – respondeu a voz rouca.

— Quem é você? – perguntou Andy curiosamente.

— Eu sou o duende que protege essa árvore há mais de mil anos. Ela é mágica e se for danificada a floresta perderá sua cor e as flores murcharão e morrerão.

— Desculpe-me pelos danos causados, não farei mais isso. – disse Andy.

— Antes de você, dois jovens vieram cortar a árvore. Pedi que não mexessem nela, mas não me deram atenção e ignoraram o aviso. Assim, foram feridos gravemente, mas você ouviu meu pedido, por isso vou te recompensar. Você tem direito a três pedidos. – disse o duende.

Andy agradeceu ao duende, pensou por um momento sobre os três pedidos.

— Primeiramente, eu desejo que os ferimentos de meus irmãos se curem. Em seguida, quero lenha para o ano todo e, por último, quero comida pelo resto da vida para que minha família nunca mais passe fome.

E assim se cumpriu.

Ao retornar para casa, Andy viu que os ferimentos dos irmãos tinham sumido. O pai disse que muita lenha apareceu atrás da casa e que havia bastante comida na geladeira e nos

armários. Todas essas coisas aconteceram misteriosamente, disse o pai.

A família nunca mais passou fome, nem precisou pegar lenha por um ano, graças à bondade do irmão mais novo. Quanto ao duende, nunca mais se ouviu falar sobre ele e a floresta continua verde e com muitas flores.

*Autor(a): Sáfira Ricarte Oliveira
UE: EMEF Cel. Hélio Franco Chaves
DRE: Jaçanã/Tremembé
Professor(a): José Antônio Neves*

9º ANO

MINICONTO

Despertar

Hoje eu acordei chorando, sangrando e várias pessoas desconhecidas me olhando.

Pensei em chamar a polícia, mas lembrei que acabei de nascer.

*Autor(a): Erika de Jesus Souza da Silva
UE: EMEF Paulo Duarte
DRE: São Mateus
Professor(a): Adilson Aparecido Dutra*

Dia do trabalho

Olhou o calendário e viu que era o Dia do Trabalho. E percebeu que todo dia era 1º de maio.

*Autor(a): Henry Luig Mares Ferreira
UE: EMEF Prof. Gabriel Sylvestre Teixeira de Carvalho
DRE: Pirituba/Jaraguá
Professor(a): Marina Morellón*

Teimosia

Queriam que ela fosse dona de casa. Contrariando as expectativas, ela tornou-se dona de casas.

*Autor(a): Lisandra Maria da Silva
UE: EMEF Altino Arantes
DRE: Ipiranga
Professor(a): Carolina Lobrigato*

Uma pergunta não respondida

A criança assustada pergunta à sua mãe:

— Mamãe, por que tem tantas bombas lá fora?

Antes que sua mãe conseguisse responder, elas escutam um barulho muito alto.

... Mais duas vítimas na Ucrânia.

Autor(a): Raissa Gabrielly Romão Cabral

UE: EMEF Professor João de Lima Paiva

DRE: Guaianases

Professor(a): Aline Akemi Nagata Prado

Estranho familiar

Estava apenas eu e o estranho em casa. Eu estava no meu quarto, como sempre.

Foi então que o estranho entrou em meu quarto e se aproximou de mim.

Já era tarde demais e a única coisa a fazer era obedecer e aceitar a situação assustadora, até porque sou uma filha muito obediente.

Autor(a): Isabela Soares de Melo

UE: EMEF Paulo Duarte

DRE: São Mateus

Professor(a): Adilson Aparecido Dutra

Amizade

Tinha um amigo, ele era perfeito, um ótimo amigo,
uma ótima pessoa,

Mas suas atitudes me assustavam.

Um dia acordei e estava sem roupas, não entendi
o porquê.

Autor(a): Erika de Jesus Souza da Silva

UE: EMEF Paulo Duarte

DRE: São Mateus

Professor(a): Adilson Aparecido Dutra

Sonho

Com medo da realidade, decidi sonhar para sempre.

*Autor(a): Myrella Nascimento Ferreira
UE: EMEF Paulo Duarte
DRE: São Mateus
Professor(a): Adilson Aparecido Dutra*

Carta aberta

Depois de tanto tempo brigando, seus pais finalmente se separaram – com a certeza e a vontade de nunca mais se verem de novo.

Mas ele era esperto e conseguiu reuni-los mais uma vez.

E, conforme planejado, seu velório foi o suficiente para uni-los novamente.

Autor(a): Pablo Wylliam Queiroz da Silva

UE: EMEF Profa Ana Maria Alves Benetti

DRE: Santo Amaro

Professor(a): Katia Melo

Se eu não permitir, não me toque

Plantaram algo em mim que eu não queria e nem deixei.
Quando eu quis tirar aquilo de mim, fui vista como vilã, sendo
que o único vilão foi o jardineiro.

Autor(a): Jéssica Noelly Florêncio da Silva
UE: EMEF Professor João de Lima Paiva
DRE: Guaianases
Professor(a): Aline Akemi Nagata Prado

Esconder ou explicar

Porta trancada, sangue, lágrimas, lâmina. Quando você vê, a coisa já está feita. Blusa de frio, camiseta de manga comprida. Mesmo no calor.

*Autor(a): Isabelly Rosa Gallo de Queiroz
UE: EMEF Altino Arantes
DRE: Ipiranga
Professor(a): Carolina Lobrigato*





**CIDADE DE
SÃO PAULO**
EDUCAÇÃO

